

veja

2026

www.veja.com

Janeiro 2026

Se	Te	Qu	Qu	Se	Sá	Do
			1	2	3	4
5	6	7	8	9	10	11
12	13	14	15	16	17	18
19	20	21	22	23	24	25
26	27	28	29	30	31	

Fevereiro 2026

Nº	Se	Te	Qu	Qu	Se	Sá	Do
5							
6							
7							
8							
9							
10							
11							
12							
13							
14							
15							
16							
17							
18							
19							
20							
21							
22							
23							
24							
25							
26							
27							
28							
29							
30							

Março 2026

Nº	Se	Te	Qu	Qu	Se	Sá	Do
1							
2							
3							
4							
5							
6							
7							
8							
9							
10							
11							
12							
13							
14							
15							
16							
17							
18							
19							
20							
21							
22							
23							
24							
25							
26							
27							
28							
29							
30							
31							

Abril 2026

Nº	Se	Te	Qu	Qu	Se	Sá	Do
1							
2							
3							
4							
5							
6							
7							
8							
9							
10							
11							
12							
13							
14							
15							
16							
17							
18							
19							
20							
21							
22							
23							
24							
25							
26							
27							
28							
29							
30							
31							



ELENO INESCAPÁVEL
(da esq. para a dir., em
sentido horário): Carlo
Ancelotti, Donald
Trump, Taylor Swift,
Fernanda Torres,
Wagner Moura,
Tarcísio de Freitas,
Lula, João Fonseca
e Jair Bolsonaro

2025, O ANO QUE NÃO TERMINOU

Há períodos históricos que ecoam ao longo do tempo e não cabem no calendário. Nos últimos doze meses, alguns personagens de destaque pavimentaram o futuro, de olho em 2026, com eleição presidencial e Copa do Mundo

veja FÓRUM

Brazil Insights

NEW YORK

A 2ª edição do Fórum VEJA Brazil
Insights NY discutirá os desafios e as
oportunidades da economia brasileira
no cenário internacional em 2026

SPEAKERS CONVIDADOS



Gilmar Mendes

Ministro do Supremo
Tribunal Federal



André Mendonça

Ministro do Supremo
Tribunal Federal



Hugo Motta

Presidente da Câmara
dos Deputados



Fernando Haddad

Ministro da Fazenda



Bruno Dantas

Ministro do Tribunal
de Contas da União



Gabriel Galípolo

Presidente do Banco Central



Tarcísio de Freitas

Governador de São Paulo



Romeu Zema

Governador de Minas Gerais



Ronaldo Caiado

Governador de Goiás



Eduardo Leite

Governador do Rio Grande do Sul



Ratinho Júnior

Governador do Paraná



Dario Durigan

Secretário-Executivo
do Ministério da Fazenda



**Fernando
Honorato Barbosa**

Chief Economist do Bradesco



Gustavo Pimenta

CEO da VALE



Carlos Piani

Presidente da SABESP



DATA

12 DE MAIO

TERÇA-FEIRA

LOCAL

NOVA YORK

Acompanhe a cobertura
do evento nos canais
digitais de VEJA



QUEM É DAQUI JÁ SABE.

O Rio de Janeiro está em alta. Nosso PIB alcançou R\$ 1,3 trilhão. Só neste ano, 72.759 novas empresas foram abertas, vagas de empregos surgem a cada dia. São resultados positivos em todos os cantos, como você pode conferir:





SOU + SEGURANÇA

Mais de 3.000 fuzis retirados das ruas.
Mais de 5.590 novos policiais.
Planejamento para grandes eventos.

SOU + CULTURA

Mais de R\$ 1,5 bilhão investidos em cultura.
R\$ 100 milhões em reformas.

SOU + TURISMO

RECORDE: 1,8 milhão de turistas estrangeiros.

SOU + SERVIÇOS

RJ, 12º lugar em inovação digital no país.

SOU + EMPREGO

Mais de 116 mil novos postos.

SOU + SAÚDE

Rio Imagem Baixada.
Maior centro de diagnóstico da América Latina.

SOU + ENERGIA

O Rio de Janeiro é líder em óleo e gás.

Que orgulho viver aqui.
Somos o estado que
não para de crescer.

Saiba mais em rj.gov.br



GOVERNO DO ESTADO
RIO DE JANEIRO
O TRABALHO NÃO PARA, E TODO CIDA E É DE TODOS

veja

ÀS SUAS ORDENS

Assinaturas

www.assinaturaabril.com.br

Vendas corporativas e vendas em lote:

assinaturacorporativa@abril.com.br

Atendimento exclusivo para assinantes:

minhaabril.com.br

WhatsApp: (11) 3584-9200

Telefones: SAC (11) 3584-9200

Renovação 0800 775212

De segunda a sexta-feira,
das 9h às 17h30

atendimento@abril.com.br



EDIÇÕES ANTERIORES

Todo acervo publicado de Veja está
no App Veja. Baixe aqui



LICENCIAMENTO DE CONTEÚDO

Para adquirir os direitos de
reprodução de textos e
imagens, envie um e-mail para:
licenciamentodeconteudo@abril.com.br

LICENCIAMENTO DE MARCA

Para inserir as marcas do
Grupo Abril em produtos e
negócios, envie um e-mail para:
licenciamento@abril.com.br

PARA ANUNCIAR NO ESPAÇO DIGITAL E IMPRESSO

e-mail: publicidade@abril.com.br

TRABALHE CONOSCO

https://talentosabril.vagas.solides.com.br

EDITORA  **Abri!**

Fundada em 1950

Publisher: Fábio Carvalho

CEO e diretor de redação: Mauricio Lima

veja

Diretor-adjunto: Sérgio Ruiz Luz

Redatores-chefes: Fábio Altman, José Roberto Caetano e Policarpo Junior

Editores-executivos: Amauri Barnabé Segalla, Monica Weinberg, Tiago Bruno de Faria **Editor-sênior:** Marcelo Marthe **Editores:** Alessandro Giannini, André Afetian Solitto, Diogo Massaine Sponchiato, Diogo Xavier Schelp, José Benedito da Silva, Marcela Maciel Rahal, Márcio Juliboni, Raquel Angelo Carneiro, Ricardo Vasques Helcias, Sérgio Roberto Vieira Almeida **Editora-assistente:** Larissa Vicente Quintino **Repórteres:** Amanda Capuano Gama, Anna Carolina Satie Suguihara Silva, Bruno Caniato Tavares, Bruno Enrique Silva Andrade, Camila Koester Pati, Carolina Neves Ferraz do Amaral, Diego Gimenes Bispo dos Santos, Felipe Barbosa da Silva, Felipe Soderini Erlich, Heitor Vinicius Guimarães da Silva, Isabella Alonso Panho, Juliana Soares Guimarães Elias, Kelly Ayumi Miyashiro, Laisa de Mattos Dall'Agnol, Luana Meneghetti Zanobia, Lucas Henrique Pinto Mathias, Marcelo Ribeiro Silva, Maria Eduarda Gouveia Martins Monteiro de Barros, Meire Akemi Kusumoto, Natalia Hinoue Guimarães, Nathalia de Oliveira, Nicholas Buck Shores, Paula Vieira Felix Rodrigues, Pedro do Nascimento Jordão, Pedro do Val de Carvalho Gil, Pedro Henrique Lenzi Pupulim, Simone Sabino Blanes, Thiago Gelli Carrascoza, Valéria França, Valmir Moratelli Cassaro, Victória Ribeiro Carvalho **Sucursais:** **Brasília** — **Chefe:** Policarpo Junior **Editores-executivos:** Daniel Pereira, Robson Bonin da Silva **Editoras-assistentes:** Laryssa Borges, Marcela Moura Mattos **Repórteres:** Hugo Cesar Marques, Ricardo Antonio Casadei Chapola **Rio de Janeiro** — **Chefe:** Monica Weinberg **Editor:** Ricardo Ferraz de Almeida **Repórteres:** Anita Prado, Caio Franco Merhige Saad, Ludmilla de Lima **Estagiários:** Bárbara Elen Bigas, Beatriz Haddad Ferreira, Flavio Pantoja Monteiro, Julia Sofia Silva, Leticia Viana Gabriel de Souza Yamakami, Ligia Greco Leal de Moraes, Natalia Tiemi Hanada, Valentina Soares Rocha Alves **Arte** — **Diretor:** Daniel Marucci **Designers:** Ana Cristina Chimabuco, Arthur Galha Pirino, Luciana Rivera, Ricardo Horvat Leite **Fotografia** — **Editor:** Rodrigo Guedes Sampaio **Pesquisadora:** Iara Silvia Brezeguello Rodrigues **Produção Editorial** — **Secretárias de produção:** Andrea Caitano, Patricia Villas Boas Cueva, Vera Fedschenko **Revisora:** Rosana Tanus **Colaboradores:** Alexandre Schwartzman, Cristovam Buarque, José Casado, Lucília Diniz, Mailson da Nóbrega, Murillo de Aragão, Vilma Gryzinski, Walcyrr Carrasco **Serviços internacionais:** Associated Press/Agence France Presse/Reuters

www.veja.abril.com.br

 www.youtube.com/@veja  [@vejajmais](https://www.instagram.com/vejajmais)  [linkedin.com/company/veja-com](https://www.linkedin.com/company/veja-com)  [@VEJA](https://twitter.com/VEJA)  facebook.com/veja  tiktok.com/@revista_veja

VP DE PUBLISHING (CPO) Andrea Abelleira, **DIRETOR DE TECNOLOGIA** Filipe Gomes,
DIRETOR DE DISTRIBUIÇÃO E NOVOS NEGÓCIOS Erik Carvalho, **DIRETOR DE PUBLICIDADE** Ciro Hashimoto,
DIRETOR DE ASSINATURAS Alberto Pirro, **GERENTE EXECUTIVA DE PROJETOS ESPECIAIS** Juliana Caldas

Redação e correspondência: 301 Usina – Av. Alcides Sangiardi, s/nº – Espaço C – Cidade Jardim, São Paulo, SP, CEP 05672-015

VEJA 2 976 (ISSN 0100-7122), ano 58, nº 52. VEJA é uma publicação semanal da Editora Abril. VEJA não admite publicidade redacional.

IMPRESSA NA PLURAL INDÚSTRIA GRÁFICA LTDA.

Av. Marcos Penteado de Ulhôa Rodrigues, 700, Tamboré, Santana de Parnaíba, SP, CEP 06543-001

IVC

GoRead

 **GRUPO** **Abri!**

www.grupoabril.com.br

O CLUB

RESERVADO PARA MEMBROS,
COM A EXCELÊNCIA JHSF
E COMPLETA ESTRUTURA,
REUNINDO ESPORTE,
BEM-ESTAR E GASTRONOMIA.

FOTO REAL DA QUADRA
DE TÊNIS DE SAIBRO
COBERTA E CLIMATIZADA
DO SÃO PAULO SURF CLUB



FOTO REAL
DO SÃO PAULO
SURF CLUB



DMB

SÃO PAULO SURF CLUB

RESIDENCES

É ÚNICO. E ÚNICO É JHSF.



EM BREVE

JHSF
SURPREENDENTE



PERSPECTIVA ILUSTRADA
DO SÃO PAULO SURF CLUB
RESIDENCES



PERSPECTIVA ILUSTRADA
DO SÃO PAULO SURF CLUB
RESIDENCES

O RESIDENCE

PLANTAS CLÁSSICAS
DE 260 A 870 M²
E 3 A 4 SUÍTES,
COM A QUALIDADE
E A EXCELÊNCIA JHSF.

BRASIL SE PREPARA PARA O EY WORLD ENTREPRENEUR OF THE YEAR™

O EVENTO GLOBAL MAIS PRESTIGIADO E RECONHECIDO COMO ÓSCAR DO EMPREENDEDORISMO, ACONTECERÁ EM MAIO DE 2026, E O BRASIL ANUNCIA QUEM SERÁ O REPRESENTANTE DO PAÍS EM MÔNACO

Acada ano, empresários de diferentes países desembarcam em Mônaco para um evento com líderes e visionários que estão redefinindo os caminhos do empreendedorismo e inspirando o futuro dos negócios pelo mundo. Há mais de duas décadas, o EY World Entrepreneur Of The Year™ reúne lideranças que estão ressignificando a inovação, fortalecendo a competitividade e ampliando o impacto social nos negócios. Rumo à edição global de 2026, o Brasil já tem sua história para contar: Ari de Sá Neto, fundador da Arco Educação, escolhido por uma banca de jurados indepen-

dente na etapa nacional, realizada em São Paulo — marco de um programa que já reconheceu mais de 400 empreendedores no país ao longo de quase três décadas. O Brasil vai a Mônaco!

A escolha de Ari de Sá representa mais do que o reconhecimento de uma trajetória. Reforça a aposta do país na educação como motor de desenvolvimento e na capacidade do empreendedorismo brasileiro de transformar, além dos indicadores financeiros. Também demonstra a evolução do programa no Brasil, que, em 2025, chegou à sua 28ª edição, destacando líderes de diferentes setores e regiões.

Para o empresário, participar da etapa global, em Mônaco, é também uma forma de afirmar que as soluções criadas no Brasil também podem ser uma referência em nível mundial. “O empreendedor brasileiro está acostumado a enfrentar adversidades e, por isso, é destemido e corajoso. É assim que consegue enxergar oportunidades onde poucos veem e inovar. Me sinto honrado e, admito, carregando grande responsabilidade por representar nosso país. Espero levar um pouco desse espírito brasileiro a Mônaco”, afirma.

O VALOR DO RECONHECIMENTO

A EY reforça que o programa vai

além da cerimônia. Trata-se de fortalecer o empreendedorismo como pilar estruturante da economia, especialmente em mercados emergentes, onde inovação e resiliência caminham juntas e podem redefinir setores inteiros.

Segundo Luiz Sérgio Vieira, CEO da EY no Brasil, reconhecer trajetórias relevantes amplia a visibilidade de iniciativas que têm potencial de influenciar todo o ecossistema. “Temos histórias belíssimas de quem inova assumindo riscos, se reinventa e enxerga nos riscos as oportunidades. Nosso programa fomenta narrativas que inspiram novas lideranças. Mais que um reconhecimento, é uma homenagem às lideranças de hoje e um estímulo às de amanhã”, afirma.

O BRASIL QUE EMPREENDE

A etapa brasileira deste ano mostrou um ambiente marcado por reinvenção, tecnologia e crescimento sustentável, sinais de que o ecossistema empreendedor segue em expansão. As histórias reunidas na cerimônia reforçam a diversidade de perfis que compõem o empreendedorismo nacional, de negócios familiares centenários a empresas de base tecnológica.

Para Raquel Teixeira, sócia-líder da EY Private LATAM e líder dos programas de relacionamento de mercado, esse dinamismo reflete perfeitamente os critérios globais do programa. “Trabalhamos quatro pilares: espírito empreendedor, propósito, impacto social e crescimento. Em comum entre os brasileiros, vejo a coragem de enfrentar o incômodo e buscar novas soluções. Em um país tão dinâmico quanto o Brasil, o empreendedor brasileiro se destaca justamente por transformar complexidade em inovação, sempre encontra caminhos criativos para avançar, algo



Raquel Teixeira (sócia-líder da EY Private LATAM e líder dos programas de relacionamento de mercado), Ari de Sá Neto (Fundador e CEO da Arco Educação e representante da categoria Master), Antonio Soares (CEO e fundador da Dock) e Luiz Sérgio Vieira (CEO da EY no Brasil)



Luiz Sérgio Vieira (CEO da EY no Brasil), Ivens Dias Branco Júnior (presidente da M. Dias Branco, homenageado categoria Family Enterprise) e Cristiane Amaral (sócia da EY e líder do setor de Consumo, Produtos e Varejo, Saúde e Indústria Farmacêutica para a América Latina)



Paulo Uebel (sócio de Governo e Infraestrutura da EY Brasil), William Ling (Presidente do Conselho de Administração da Evora S.A e Presidente do Instituto Ling – homenageado da categoria Lifetime Achievement) e Luiz Sérgio Vieira (CEO da EY no Brasil)



Dra. Jeane Tsutsui, CEO do Grupo Fleury e homenageada na categoria Executivo Empreendedor

que desperta admiração no mundo todo.”, explica.

A EXPECTATIVA PARA MÔNACO

O cenário onde acontece o EY World Entrepreneur Of The Year™ — no microestado europeu na Riviera Francesa, é reconhecido por sediar grandes encontros internacionais de negócios e é um dos centros mais simbólicos do networking internacional — o que consagra este reconhecimento, porém, o destaque se dá pelo encontro de lideranças, que moldam os mercados mais diversos e transformam comunidades.

O WEYO cria uma rede global ao longo desse evento, estimulando parcerias, investimentos e trocas

de experiência que seguem se fortalecendo após esta celebração. Em maio de 2026, quando Ari de Sá subir ao palco principal, o Brasil estará representado não apenas por uma empresa, mas por uma cultura empreendedora marcada pela criatividade, pela resiliência e pela capacidade de gerar impacto. A presença brasileira reafirma o papel do país em um ambiente global cada vez mais atento às soluções que nascem em mercados emergentes.

Mais do que competir, trata-se de mostrar que o Brasil tem histórias capazes de dialogar com o mundo. E, para quem acompanha inovação, impacto e empreendedorismo, a contagem regressiva já começou.

CONFUSÃO À VISTA

Supremo Tribunal Federal suspende pagamento de quase 3 bilhões de reais em emendas parlamentares às vésperas de um julgamento que pode mudar as regras de repasses de verbas do Orçamento **RICARDO CHAPOLA**



TENSÃO Congresso: acordo que prevê liberação de 39 bilhões de reais em 2026 pode ficar comprometido

O GRAU de tensionamento na relação entre o Congresso e o Supremo Tribunal Federal termina o ano em temperatura elevada. No domingo 21, o ministro Flávio Dino suspendeu a vigência de um artigo de um projeto de lei aprovado na última semana de trabalho dos deputados e senadores. Usando um notório ardid, parlamentares haviam inserido na proposta, que originalmente tratava apenas de incentivos fiscais e tributação de bets, uma determinação para que fossem pagas emendas parlamentares retidas entre 2019 e 2023. A medida autorizaria o governo a repassar quase 3 bilhões de reais de recursos para obras e serviços em municípios indicados pelos congressistas. Para o magistrado, muitas das emendas brotam do “orçamento secreto”, considerado inconstitucional pela Corte, entre outras razões, por não atender a critérios mínimos de transparência. A decisão de Dino é liminar, ainda será analisada em plenário pelos demais ministros. É pequena amostra da fervura do ano que vem, assim que terminar o recesso judiciário, em fevereiro.

Dino também é relator de um processo que está pronto para ir a julgamento e vai decidir sobre a constitucionalidade do modelo que obriga o governo a executar as chamadas emendas impositivas. O tema é polêmico. Por esse sistema, em 2025, apenas, deputados e senadores repassaram 50 bilhões de reais a seus redutos eleitorais. Para 2026, o valor chegará a 61 bilhões. A manipulação de recursos, inflada nos últimos anos, atende a interesses paro-

quais e, por isso, é potente propulsor eleitoral para os parlamentares. Sem controles rígidos, também alimenta a corrupção. O Congresso, por razões óbvias, não pretende abrir mão desse poder. O Executivo, por sua vez, reclama de ter perdido o controle de parte da gestão orçamentária. Até 2015, o governo definia praticamente toda a execução das emendas, podendo inclusive contingenciá-las, trunfo usado pelos presidentes de turno como moeda de troca para angariar apoio. A vantagem se esvaiu com as emendas impositivas, mas não se esgotou.

Para aprovar a Lei de Diretrizes Orçamentárias, por exemplo, o governo se comprometeu a liberar antes das eleições 39 dos 61 bilhões de reais em emendas impositivas previstas para o ano que vem, acordo que pode acabar inviabilizado pelo STF, caso o julgamento aconteça antes disso. Para aprovar os cortes de incentivos fiscais e a tributação de bets na semana passada, o Planalto também aceitou incluir no projeto o artigo que libera os cerca de 3 bilhões de reais bloqueados em anos anteriores. Ao suspender a medida, Dino argumentou que o texto trata da execução orçamentária e da gestão financeira, atribuições que seriam exclusivas do Poder Executivo, além de resuscitar o notório e inconstitucional orçamento secreto. A liminar foi concedida numa ação impetrada pela Rede Sustentabilidade. Lideranças parlamentares classificaram a decisão como mais uma interferência indevida no Parlamento, acusaram o Judiciário de agir em uma suposta



VERBAS Dino: ministro impediu
“ressurreição” do orçamento secreto

parceria com o Executivo — Dino é ex-ministro da Justiça do presidente Lula — e ameaçaram retaliar, aprovando leis que limitam as prerrogativas dos ministros. “Essa decisão não ajuda em nada na relação do Judiciário com o Legislativo. Flávio Dino, na verdade, está atuando como uma espécie de secretário do Tesouro”, disse o deputado federal Evair Vieira de Melo (PP-ES), vice-líder da oposição na Câmara.

Um ingrediente a mais deve elevar o nível de tensão do embate em 2026: os inquéritos em andamento envolvendo figurinhas e figurões do Congresso em suspeitas de irregularidades no uso das emendas. Recentemente, uma assessora de ninguém menos que o ex-presidente da Câmara

Arthur Lira (PP-AL) foi alvo de uma busca da Polícia Federal. Para ampliar a fricção, as primeiras condenações criminais também estão no horizonte. O ministro Cristiano Zanin, relator de um dos vários processos que tramitam no Supremo sobre irregularidades na distribuição de emendas, solicitou que se marque a data do julgamento de uma ação que tem como réus os deputados Josimar Maranhãozinho (PL-MA), Pastor Gil (PL-MA) e Bosco Costa (PL-SE). O trio é acusado de corrupção passiva e organização criminosa. De acordo com a Procuradoria-Geral da República, as excelências destinavam verbas para determinados municípios do Maranhão desde que o prefeito concordasse em “devolver” 25% do dinheiro. Correções nesse modelo de distribuição de recursos públicos precisam ser feitas para evitar os exageros, as distorções e a roubalheira — missão para lá de delicada, especialmente em um ano eleitoral. É preciso vigilância. ■

TEMPESTADE CONSERVADORA

Cassações de deputados, perdas de cadeiras e ações policiais contra seus líderes deixam o PL sob pressão e põem em risco o plano eleitoral da maior legenda do bolsonarismo **ANNA SATIE**



FUNDADO em junho de 1985, pouco depois do fim da ditadura militar, o Partido Liberal (PL) surgiu como agremiação de defesa da livre concorrência, da abertura internacional do mercado e de eleições diretas. Era, sem dúvida, um bom pacote de projetos. De lá para cá, apoiou qualquer governo, de Fernando Collor ao PT, passando por FHC, e nunca deixou de ser apenas uma legenda intermediária do Centrão, com três dezenas de deputados. Tudo mudou em novembro



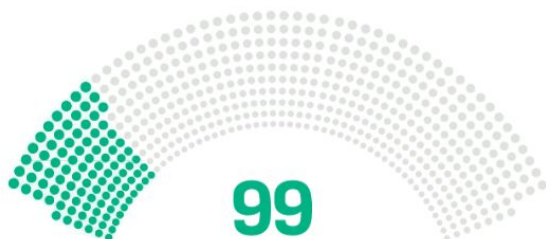
SUPOSTO DESVIO Sóstenes (à esq.) e os
470 000 reais apreendidos: explicação ruim

de 2021, quando o então presidente Jair Bolsonaro filiou-se ao partido, levando com ele a nova direita, que no ano seguinte daria ao grupo a maior bancada na Câmara, com 99 deputados e 1 bilhão de reais anuais dos fundos eleitoral e partidário. Às vésperas de nova eleição, no entanto, uma série de reveses põe em risco o próximo voo eleitoral da sigla.

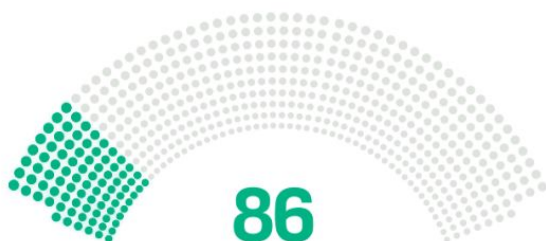
O mais recente episódio deixou em má situação a cúpula do PL no Congresso. Na sexta-feira 19, a Polícia Federal bateu às portas de endereços do líder na Câmara, Sóstenes Cavalcante, e do vice-líder da oposição, Carlos Jordy, ambos do Rio de Janeiro. Os agentes cumpriam sete mandados de busca e apreensão para apurar um suposto esquema de desvio da cota parlamentar por meio de empresas de aluguel de carro com fortes indícios de serem de fachada. No flat de Sóstenes, em Brasília, havia 470 000 reais em dinheiro vivo, em fotografia com alto poder destrutivo em uma campanha eleitoral. O deputado disse que a quantia era fruto da venda de um imóvel, que não se lembrava das datas de compra e transferência e que não levou a dinheirama para um banco por “lapso” e “correria de trabalho”. A explicação soou estranha porque em 2022 ele declarou à Justiça Eleitoral ter um patrimônio de apenas 4 926 reais, em duas contas bancárias. Disse, depois, poder provar a origem lícita do dinheiro, e tentou se vacinar contra o impacto eleitoral: “Essa investigação é mais uma para perseguir quem é da oposição, conservador e de direita. Daqui até a eleição vão tentar fazer todo tipo de cortina de fumaça”.

DESMONTE PARTIDÁRIO

Maior legenda da direita enfrenta crise a menos de um ano da eleição



*deputados se elegeram pelo PL em 2022,
a maior bancada da Câmara*



*parlamentares tem a legenda hoje, o maior
encolhimento entre as siglas da Casa*

NA MIRA DA LEI

*Nomes da sigla que foram cassados ou
são alvos da Justiça e da PF*



Carla Zambelli

Terceira maior votação do Brasil em 2022, perdeu o lugar na Câmara ao ser condenada em duas ações pelo STF — presa em Roma, aguarda extradição



Eduardo Bolsonaro

Deputado mais votado da história em 2018 e quarto do país na última eleição, foi cassado por faltas e virou réu por obstrução de Justiça no STF

.....



Alexandre Ramagem

O ex-chefe da Abin foi condenado a dezesseis anos de prisão por atuação em tentativa de golpe, fugiu para os EUA e perdeu a sua cadeira de deputado

.....



Sóstenes Cavalcante

Líder do partido na Câmara e porta-voz do bolsonarismo, teve 470 000 reais em dinheiro apreendidos em ação da PF contra desvio de cota parlamentar

.....



Carlos Jordy

Chefe da oposição a Lula na Câmara em 2023 e 2024 e vice-líder da oposição, foi alvo de busca e apreensão em inquérito sobre fraude com verba legislativa

O baque da ação contra Sóstenes foi grande para a direita porque ele é um dos mais eloquentes porta-vozes do ex-presidente no Congresso. Mas não foi o único: na mesma semana, dois expoentes do bolsonarismo, Eduardo Bolsonaro e Alexandre Ramagem, perderam os mandatos na Câmara. Cassado por excesso de faltas, o filho Zero Três é réu no STF por obstrução de Justiça praticada a partir dos Estados Unidos, para onde se mudou em meio ao cerco a seu pai. Deputado mais votado da história do Brasil em 2018 e o quarto em 2022, ele era uma das apostas eleitorais do PL — agora dificilmente será candidato. Já Ramagem foi o nome do partido à prefeitura do Rio em 2024, bancado pelo clã Bolsonaro, quando levou a maior fatia do fundo eleitoral no país (26 milhões de reais). Os dois se juntam a Carla Zambelli, terceira mais votada em 2022, que perdeu a cadeira depois de ter sido condenada por dois crimes: invasão a sistema da Justiça e perseguição armada a um cidadão em São Paulo (*veja o quadro ao lado*).

A perda de poder de fogo eleitoral também se dá por outras razões. Uma delas é o encolhimento da bancada, que perdeu treze cadeiras. Entre os que saíram estão outros campeões de voto, como o ex-ministro Ricardo Salles (foi para o Novo) e o ex-secretário da Segurança Pública de São Paulo Guilherme Derrite (hoje no PP). Legendas mais pragmáticas de centro, PP e Republicanos foram as que mais ganharam cadeiras no período (três cada uma). “O PL se tornou uma legenda fortemente personalista, anco-

rada na figura de Bolsonaro”, diz Murilo Medeiros, cientista político da UnB.

O desgaste de imagem pode ser um problema para Flávio Bolsonaro. Escolhido pelo pai para representá-lo na eleição presidencial, o senador tem por ora só o apoio do PL e pode ser chamuscado pelas más notícias envolvendo a sigla. “Ao trazer essa questão da corrupção para a direita, todo o campo perde”, diz a professora da ESPM Denilde Holzhacker. Para ela, a capacidade do PL de manter sua bancada vai depender da articulação nos estados, mas a fragmentação conservadora em curso no país não ajuda. Rodrigo Prando, da Mackenzie, diz que a sociedade, em larga medida, se conecta com os valores defendidos pela direita, o que pode ser um ativo. “A depender da exploração de temas como segurança, o PL pode manter a bancada, mas não sei se na mesma dimensão dos tempos áureos do bolsonarismo. O contexto agora é outro.”

O fato é que a sequência de tropeços acende um alerta no PL. O inferno astral da sigla, iniciado com a derrocada de seu maior líder, preso por tentativa de golpe de Estado, pode estar longe do fim. Contudo, na política brasileira, é sempre bom ter calma, dada a inesperada velocidade das mudanças. ■

A NOVELA CONTINUA

A União Europeia cede à pressão dos agricultores e adia a assinatura do acordo de livre comércio com o Mercosul, mas sabe que não pode dispensar novos mercados



PROTESTOS Manifestação em Bruxelas: temor de que a Europa seja invadida por produtos agrícolas do Brasil

TRATADOS de livre comércio são complexos e polêmicos por natureza, dada a necessidade de acomodar interesses conflitantes. As dificuldades crescem ainda mais quando envolvem dois blocos econômicos que somam 33 países e 720 milhões de habitantes. Mas, depois de 26 anos de negociações, o acordo comercial entre a União Europeia (UE) e o Mercosul parecia caminhar para a conclusão. A assinatura ocorreria durante a Cúpula do Mercosul realizada em Foz do Iguaçu (PR) no sábado 20 de dezembro. Na última hora, porém, a Comissão Europeia, braço executivo da UE, adiou o ato para janeiro. “Infelizmente, a Europa ainda não se decidiu”, afirmou o presidente Lula. A frustração foi compartilhada por outros líderes sul-americanos.

A Itália da primeira-ministra Giorgia Meloni, que teme uma invasão de produtos agrícolas brasileiros, encabeçou o adiamento e exige mais proteção contra a concorrência. “A dúvida é quanto ela se dobrará ao lobby agrícola”, diz Eduardo Mello, professor de relações internacionais da Fundação Getúlio Vargas. Isso não significa que os italianos ficarão desamparados. Pelas salvaguardas já previstas no documento, os europeus poderão, por exemplo, suspender o acesso preferencial de produtos como carne bovina, aves e açúcar se as importações crescerem mais de 8% ou se os preços caírem o mesmo tanto. Tanta proteção é alvo de críticas. “Isso é um absurdo”, diz Sueme Mori, diretora de relações internacionais da Confederação Nacional da Agricultura e Pecuária. “Precisamos de uma

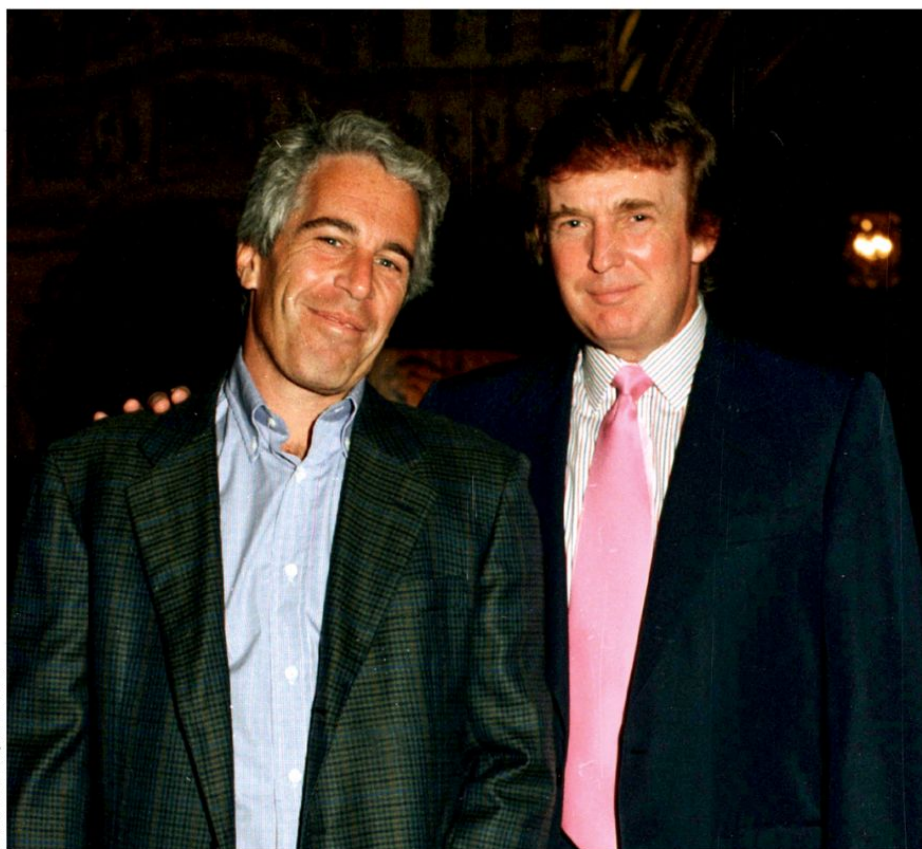
contramedida.” Para aplacar os ânimos, o chanceler Mauro Vieira declarou que o Mercosul contará com seu próprio pacote de salvaguardas.

Pelas regras da UE, o acordo precisa ser aprovado por países que representem, pelo menos, 65% da população do bloco. Por isso, a posição das nações mais populosas é crucial. Maior da Europa, com 83 milhões de pessoas, a Alemanha lidera o grupo favorável à integração com a América do Sul. Já a França, o segundo país mais povoado, com 69 milhões de habitantes, articula os opositores. Apesar do impasse, a Europa sabe que precisa de acesso a novos mercados. “O Mercosul é uma opção aos Estados Unidos de Donald Trump e à China”, diz Vinicius Vieira, professor de relações internacionais da Faap. Como os camponeses europeus demonstraram uma força desproporcional ao seu tamanho nas negociações, uma saída é contar com a pressão de outros segmentos da economia do Velho Mundo. “Os principais ganhadores do acordo são os produtos industriais europeus, que vão acessar o Mercosul”, disse a VEJA o diplomata e ex-ministro da Fazenda Rubens Ricupero. Assim como no caso do tarifaço de Trump, em que a articulação das empresas americanas tem sido estratégica para retirar as sobretaxas aplicadas ao Brasil, contar com os setores econômicos europeus que ganharão com o acordo é o melhor caminho para encerrar, de vez, a novela que se estenderá em 2026. ■

Felipe Erlich

LIGAÇÕES PERIGOSAS

Uma nova leva de fotos e e-mails faz tremer os círculos do poder, desta vez dando destaque a Bill Clinton e deixando Trump de topete em pé em relação ao que mais está por vir



DAVIDOFF STUDIOS/GETTY IMAGES

PARA A HISTÓRIA Trump com Epstein em 1997: pressão para abrir arquivos



AINDA NA BATALHA pela Casa Branca, Donald Trump lançou uma daquelas promessas de campanha da qual sua base conservadora mais fiel, a turma MAGA, do “Make America Great Again”, jamais se esqueceu — e cobrou: ele abriria os arquivos de Jeffrey Epstein, o milionário financista que formou um poderoso networking, com políticos de elevado escalão, celebridades no auge da fama e até um Windsor — o príncipe Andrew, hoje sem títulos de nobreza, sem patentes militares, nem sequer um palácio para chamar de seu, justamente pela cri-



NO FOCO Clinton à vontade na roda do financista: imagens incômodas

minosa teia em que se meteu (*leia na seção Gente*). Em 2019, Epstein foi condenado por abuso e tráfico sexual de menores — meninas que ele aliciava com a ajuda da promotora de eventos e comparsa Ghislaine Maxwell, agora presa, recrutando-as como “massagistas” e oferecendo-as para amigos das altas-rodas. Por tudo isso, sempre que uma leva de documentos em torno do caso vem à baila — não porque Trump queira, mas por ser pressionado a fazê-lo —, gente de alta estirpe treme, como o próprio presidente, com quem Epstein, que se suicidou logo depois de detido, manteve longa amizade.

Pois desde a sexta-feira 19, quando o Departamento de Justiça começou a trazer à luz novos trechos de processos, fotos e e-mails, a temperatura disparou no gélido inverno do Hemisfério Norte. Desta vez, as menções a Trump não foram comprometedoras como as divulgadas um mês atrás — “ele passou horas na minha casa com uma jovem”, dizia Epstein em uma mensagem. Mas a papelada reforça os estreitos laços que já uniram o então magnata, hoje no poder, e o financista, rompidos nos anos 2000: Trump aparece em ligações e em fotografias, além de ser citado em documento da década de 1990, quando teria sido apresentado a uma menina de 14 anos e ouvido de Epstein: “Essa é boa, né?”. Em um bilhete de 2019, o ex-amigo parece se referir outra vez a ele: “Nosso presidente compartilha nosso amor por garotas jovens e núbeis”. O assunto, para alívio da Casa Branca, para por aí.

A abertura do material foi viabilizada por um esforço de democratas e de uma ala de republicanos, cada qual de olho no quinhão do tesouro sobre o submundo de Epstein que pode manchar a biografia do lado oposto do ringue. Apesar de informações censuradas, sob o argumento de preservar investigações federais e as próprias vítimas, o baú exhibe foto que sugere pela primeira vez a entrada em cena de crianças pequenas e mostra figurões que batiam ponto nas propriedades do milionário — Michael Jackson, Mick Jagger, o profeta da direita Steve Bannon e Bill Clinton, o ex-presidente, que na coleção de imagens ora surge com uma loura acomodada no colo, ora boia bem à vontade em uma banheira com outra (todas com o rosto ocultado). “Clinton é usado como bode expiatório para proteger a Casa Branca do que ainda pode aparecer”, defendeu seu porta-voz. Trump passou anos alimentando a versão de que haveria uma lista de democratas atolados na lama do universo de Epstein, insuflando sua base ávida por um escândalo na banda inimiga, sem nunca dar provas do que dizia. Agora é ele que se vê de topete em pé, à espera do que mais está por vir. ■

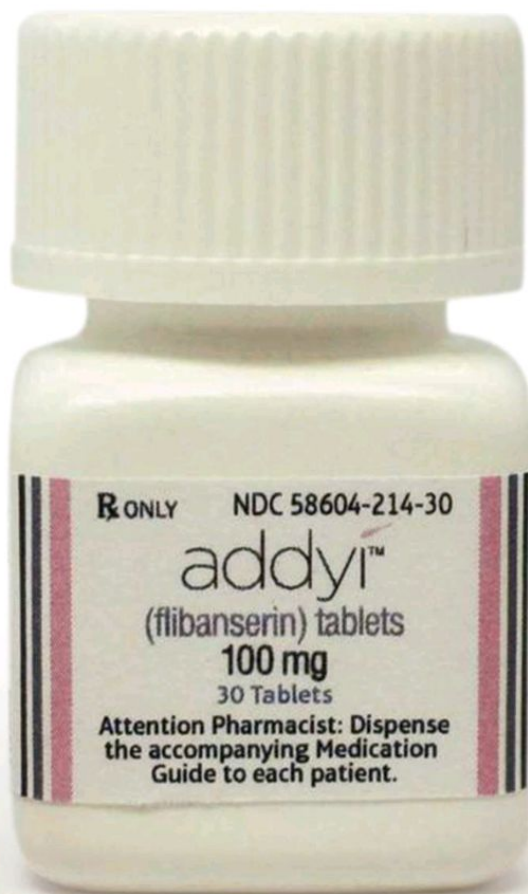
Amanda Péchy

A VEZ DA PÍLULA ROSA

Apelidado de “Viagra feminino”, comprimido para resgatar o desejo sexual das mulheres recebe aprovação para atuar entre aquelas que estão na menopausa – o que esperar dele? **VICTÓRIA RIBEIRO**

CAMINHO TORTUOSO

Décadas em
estudo:
remédio
precisou
vencer
resistência
das agências
regulatórias



divulgação

EM 1998, o lançamento de um comprimido azul deu início a uma autêntica revolução sexual e social. Destinado ao tratamento da disfunção erétil, o Viagra recuperou relacionamentos, insuflou a autoestima masculina e tirou da aposentadoria homens que sofriam com a impotência. Desde então, ainda que com menos investimento e fervor que o projeto original, cientistas e empreendedores buscam uma medicação capaz de salvar a libido das mulheres. Não é tarefa singela, dada a complexidade do desejo sexual feminino. Depois de anos de pesquisas, um candidato despontou. Um remédio originalmente desenvolvido como antidepressivo que parecia ter vocação para melhorar a vida sexual da mulher. Mas o caminho da flibanserina até o mercado não seria fácil. Rejeitada inicialmente pela agência regulatória americana (FDA) por seus efeitos modestos e reações adversas, a droga venceria obstáculos e seria liberada, pela primeira vez, em 2015, mas para um público restrito. Dez anos depois, acaba de receber aval para um dos grupos que mais padecem da baixa libido, as mulheres na pós-menopausa. Será que a pílula rosa agora deslança de vez?

A nova chancela da FDA permite que o comprimido de nome comercial Addyi, fabricado pela Sprout Pharmaceuticals, seja indicado tanto a mulheres mais novas como àquelas acima de 65 anos — ou seja, tanto na fase que antecede como na que se estende além da menopausa. Seu objetivo é tratar uma condição descrita nos anos 1990 como transtorno do desejo sexual hipoativo, em que a libido fica lá embaixo de forma persistente e, em geral, há um sofrimento emocional rela-



BAIXA LIBIDO Transtorno do desejo sexual hipoaetivo: condição é complexa e foi descrita por especialistas nos anos 1990

cionado a isso. O grande problema é que desejo não é algo simples de medir muito menos de controlar. Há inúmeras variáveis em jogo (psicológicas, físicas, culturais...), o que torna o diagnóstico formal um quebra-cabeça. Com a menopausa e as mudanças hormonais, então, mais um fator pesa nessa história. Por tudo isso, os especialistas precisam levar em conta uma série de aspectos antes de partir para um medicamento. Pode ser algo hormonal, mas também uma depressão ou mesmo um conflito no casamento.

Quando chegou ao mercado, há dez anos, o Addyi foi saudado como o “Viagra feminino”. Houve quem projetasse uma trajetória de sucesso e ovacionasse o que seria uma tentativa de promoção de equidade de gênero — ora, só os homens podiam ter à mão um comprimido para lhes dar força sexual? Discussões à parte, a rota até debutar no mercado foi tortuosa. A flibanserina apresentou efeitos colaterais como tontura e náusea e ainda carrega um alerta em destaque na bula — o tipo mais grave exigido pela FDA. O aviso chama a

atenção para o risco de quedas perigosas da pressão arterial e desmaios quando o uso é associado ao consumo de bebidas alcoólicas. Não por acaso, as vendas do fármaco — que atua em substâncias químicas cerebrais ligadas ao humor e ao apetite — sempre foram modestas.

A entrada no segmento de mulheres na menopausa, no entanto, dá novo fôlego à pílula rosa. E representa uma vitória para a americana Cindy Eckert, a CEO da Sprout Pharmaceuticals, que encabeçou a batalha para promover a medicação em meio a um clima de machismo e resistência do establishment, na visão dos defensores da droga. A ampliação da indicação do Addyi é, nas palavras da executiva, o resultado de “uma década de trabalho persistente” junto à FDA. Também seria um meio de atender a um direito das mulheres, cuja expectativa de vida sexual aumentou na esteira da longevidade.

Ainda que seja o primeiro medicamento da história para tratar o transtorno do desejo sexual hipoativo, a flibanserina não é isenta de controvérsias e senões. Os estudos apontam que, na dosagem de 100 mg, o comprimido melhora a satisfação sexual e o sofrimento relacionado à falta de libi-

A DONA DA BANCA

Cindy Eckert, a CEO do laboratório da pílula rosa: ela apostou tudo no fármaco



JC OLIVERA/SHE MEDIA/GETTY IMAGES

do tanto antes como depois da menopausa. “O problema é que os benefícios clínicos ainda são considerados modestos, especialmente quando colocamos na balança os efeitos adversos e o fato de que a resposta varia muito de mulher para mulher”, afirma a ginecologista Lúcia Alves, vice-presidente da Comissão Nacional de Sexologia da Federação Brasileira das Associações de Ginecologia e Obstetrícia (Febrasgo).

Os experts também ponderam sobre a comparação com o Viagra. A flibanserina age diretamente no cérebro, modulando neurotransmissores, enquanto o comprimido azul atua na circulação do pênis. “A flibanserina interfere no desejo sexual, não na excitação mecânica”, diz Alves. De novo: são diversos fatores a influenciar em que circunstâncias e com quem as mulheres terão tesão. Alves observa que, embora as pesquisas com a droga na pós-menopausa demonstrem ganhos estatísticos na satisfação sexual, muitos ingredientes-chave são preteridos. “Autoimagem corporal, qualidade da relação, entrega emocional... Tudo isso mexe diretamente com a libido e nem sempre é capturado nesses estudos.”

O fato é que a medicação materializa um sonho e um (longo) ponto de partida na busca de remédios capazes de elevar o desejo e a qualidade de vida da mulher. Por ora, não há previsão de sua liberação ou comercialização no Brasil — queixas de baixa libido na pós-menopausa podem ser manejadas hoje com reposição hormonal e uso controlado de testosterona. Mas demanda existe. Quem sabe a pílula rosa não estará aquecendo a rotina de brasileiras nos próximos meses. ■



RICARDO STUCKERT/PR



SERGIO LIMA/AFP



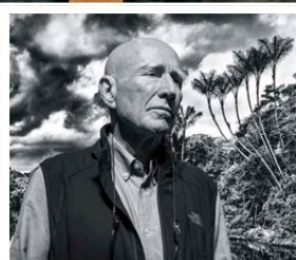
JOSE CRUZ/AGÊNCIA BRASIL



BRENDAN SMIALOWSKI/AFP



PABLO PORCIUNCUA/AFP



MARIO TAMA/GETTY IMAGES

2025, O ANO QUE NÃO TERMINARÁ

Os doze agitados e históricos meses transbordaram do calendário, em movimentos da política e da sociedade que tendem a ecoar em 2026 e durante muito tempo



PASCAL LE SEGRETAIR/GETTY IMAGES



D'VULGAÇÃO

GILBERT FLORES/BILLBOARD/GETTY IMAGES

EXISTEM ANOS, na história da civilização, que transbordam de seu tempo — não cabem na contagem gregoriana do calendário de janeiro a dezembro. De tão ruidosos, ecoam no futuro. O jornalista e escritor Zuenir Ventura criou uma bela alcunha para um período decisivo da história do século XX: 1968 — O Ano que Não Terminou. Foi um tempo de belezas e horrores, da Tropicália de Gil e Caetano e do AI-5, de *Divino*, *Maravilhoso* e do ataque da polícia contra os atores da peça *Roda Viva*. Aquele recorte, aqueles doze meses, nunca findou, e não por acaso ainda hoje é lembrado como referência. Pode-se dizer que 2025, prestes a dar adeus, também se encaixa nesse modelo — um intervalo que, de algum modo, encaminha o que teremos pela frente. Bem-vindo, então, a 2025 — o ano que nunca terminou.

Tome-se como exemplo mais vigoroso desse movimento de permanência, de ensaio para o que virá, a condenação pela Primeira Turma do STF do ex-presidente Jair Bolsonaro, réu

por tentativa de golpe de Estado. Tê-lo preso, impedido de se candidatar a cargos públicos, é janela para um terremoto na direita brasileira, em busca de um candidato a presidente para concorrer contra Lula, que sonha estar no Palácio do Planalto pela quarta vez. A ideia de pavimentar o horizonte a

ELENCO

FUNDAMENTAL

Personagens e eventos:

Lula, Bolsonaro, Haddad e Galípolo, Trump, Taylor Swift, Anitta, Raoni, Sebastião Salgado, morto em maio, cuja memória perdurará, e *Ainda Estou Aqui*

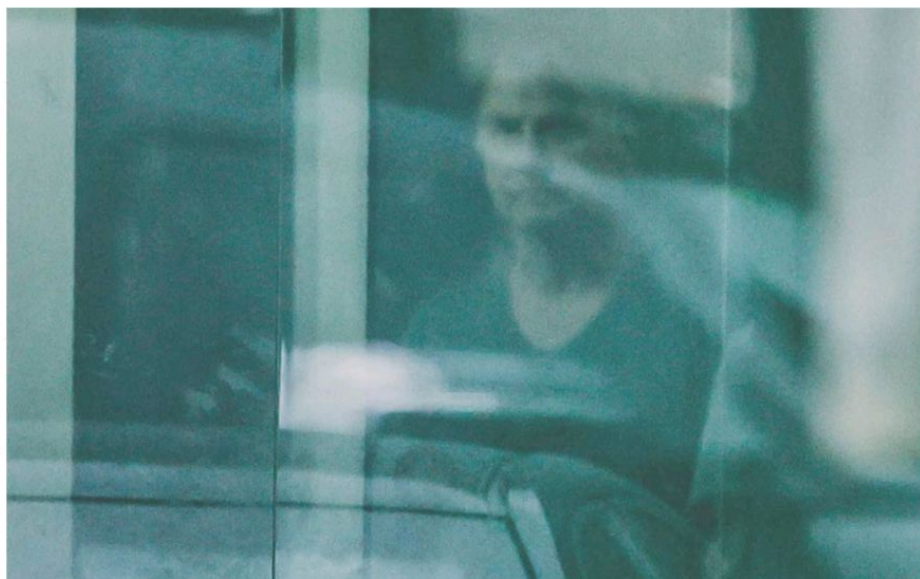
partir de 2025 pode ser colada também aos passos de Donald Trump, que fez e aconteceu com a guerra de tarifas, avançou e recuou — e, de algum modo, remodelou o tabuleiro geopolítico das próximas temporadas, o que inclui o dedo americano na promessa de paz no Oriente Médio, na tentativa de algum acordo entre Rússia e Ucrânia e nos solavancos na Venezuela.

De modo a não perdermos o tom da prosa, deve-se também imaginar o ensaio geral de 2025 em áreas menos mercuriais, mas igualmente interessantes. O Oscar de filme internacional para o belíssimo *Ainda Estou Aqui* e a torcida por Fernanda Torres são atalho inegável para a carreira de sucesso de *O Agente Secreto* e Wagner Moura. No esporte, acompanhamos a infância do tenista João Fonseca, que em 2026 viverá a pressão de quem saltou da posição de número 145 do ranking mundial para o 24º lugar. E Carlo Ancelotti, o italiano que treina a seleção? Entronizado em maio na canarinha, fará valer sua competência em junho e julho do ano que vem, na Copa do Mundo dos Estados Unidos, México e Canadá.

Parece realmente não haver dúvida: foram erguidos, agora, os alicerces — ainda que frágeis — do amanhã. Vale lembrar, como bordão do caminho a ser trilhado, uma das frases espirituosas e irônicas dos estudantes de Paris em maio de 1968, que não cessou e não cessará: “Corram, camaradas, o velho mundo está atrás de vocês”. Definitivamente, 2025 não terminará, e por isso mesmo é sempre bom lembrá-lo com inteligência e emoção. ■



CRED FOTO SÉRGIO LIMA/AFP



FORA DO JOGO Bolsonaro:
o ex-presidente terá 97 anos no fim da pena

CONDENADO E PRESO

NÃO HAVIA muitas dúvidas sobre o veredicto de Jair Bolsonaro e outros trinta réus por tentativa de golpe de Estado. Por quatro votos a um, a Primeira Turma do Supremo Tribunal Federal (STF) condenou o ex-presidente a 27 anos e três meses de prisão. Além dele, também foram sentenciados como partícipes da trama, entre outros, os generais Walter Braga Netto (ex-ministro-chefe da Casa Civil), Augusto Heleno (ex-ministro do Gabinete de Segurança Institucional), Paulo Sérgio Nogueira (ex-ministro da Defesa), o delegado Anderson Torres (ex-ministro da Justiça) e o almirante Almir Garnier (ex-comandante da Marinha). O ex-presidente está numa sala-cela da superintendência

da Polícia Federal, em Brasília, e, a princípio, deve permanecer lá até 2033, quando estará com 78 anos de idade. A decisão coloca um ponto-final na carreira política do capitão, que estará com 97 anos após ter cumprido a totalidade da pena. O presidente, sua família e seus apoiadores, no entanto, ainda acreditam que esse cenário pode ser revertido.

Há a expectativa de que o STF autorize o ex-presidente a cumprir a pena em regime domiciliar. Bolsonaro tem sérios problemas de saúde e necessita de cuidados especiais desde a campanha de 2018, quando foi alvo de um atentado a faca. A situação é mais complicada no campo político. Desde a condenação, o ex-presidente e seus apoiadores tentaram conseguir apoio do Congresso para aprovar um projeto que anistiará todos os condenados pela intentona golpista. Além de livrá-lo da cadeia, a iniciativa ainda derrubaria a inelegibilidade de Bolsonaro, permitindo que ele disputasse as eleições do ano que vem. É bastante improvável que algo assim vá adiante, até porque o STF já antecipou que a medida, se aprovada, seria considerada inconstitucional. O máximo que conseguiram foi fazer avançar uma proposta de redução de penas para os sentenciados. A outra alternativa planejada pelo capitão é usar seu ainda enorme capital eleitoral como moeda de troca. Ele avalizou o lançamento do nome do filho Flávio Bolsonaro como candidato a presidente e provocou um racha entre antigos aliados, em especial o Centrão. O resultado dessa equação, seja qual for, influenciará todos os palanques de 2026. ■

Laryssa Borges



RICARDO STUCKERT/PR



EM CAMPANHA Lula: presidente disputará sua sétima eleição

CANDIDATO E FAVORITO

NO INÍCIO DE 2025, a popularidade de Lula derreteu devido ao encarecimento do preço dos alimentos e à campanha da oposição, que acusava o governo de planejar a cobrança de uma taxa pelo uso do Pix. Foi o suficiente para que adversários e até petistas cogitassem a possibilidade de o presidente não concorrer à reeleição, por medo de ser derrotado e de encerrar a sua carreira política de forma melancólica. O debate sobre uma eventual desistência do petista não durou muito. Detentor da caneta mais poderosa do país, Lula anunciou uma série de medidas de forte apelo popular, como o aumento do programa de distribuição do gás de cozinha, a ampliação da faixa de isenção do imposto de

renda e uma fartura de crédito para que os mais pobres e a classe média realizem o sonho da casa própria. Contando com uma inesperada ajudinha de rivais internos e externos, ele também aproveitou o tarifaço anunciado por Donald Trump às exportações brasileiras para desgastar os bolsonaristas, apresentar-se como defensor da soberania nacional e finalmente encontrar um discurso para a sua gestão.

Após meses acuado, Lula recuperou um tanto da imagem perdida, ganhou fôlego e reenergizou a sua equipe, mesmo sem ter resolvido alguns dos principais problemas do país, da situação periclitante das contas públicas ao avanço da criminalidade. Com o uso da máquina pública, um investimento quase bilionário em publicidade e uma militância organizada nas redes sociais, o presidente terminou o ano como líder nas simulações sobre a próxima corrida ao Palácio do Planalto. Apesar de ainda ter um alto nível de rejeição, reassumiu um certo favoritismo, o que não é pouco para quem chegou a ser considerado carta fora do baralho. Em 2026, se não houver uma reviravolta, Lula disputará a sétima eleição presidencial em dez realizadas desde a redemocratização. Será um tira-teima particular, já que ele tem três derrotas e três vitórias no currículo. Agora um octogênio empenhado em demonstrar vigor físico em cenas coreografadas sob medida para a internet, o presidente está em plena campanha e — confiante como de costume — diz ter disposição de sobra para encarar a eleição e um novo mandato. ■

Daniel Pereira



MARINA RAMOS/CÂMARA DOS DEPUTADOS



REBELIÃO Motta: dificuldade para conciliar
interesses antagônicos

ÂNIMOS EXALTADOS

O **MÍNIMO** que se pode dizer é que foi uma situação constrangedora. Com o cerco se fechando sobre Jair Bolsonaro, aliados do ex-presidente decidiram ocupar o plenário da Câmara dos Deputados com o objetivo de pressionar o presidente Hugo Motta (Republicanos-PB) a colocar em votação o projeto da anistia. O motim, ocorrido em agosto e transmitido ao vivo para todo o país, pôs em dúvida a capacidade de liderança do jovem deputado paraibano. Os parlamentares ocuparam a mesa diretora, entoaram palavras de ordem e obstruíram as votações. Foram dois dias de baderna. A confusão pôs à prova aquele que seria o principal talento do parlamentar: a capaci-

dade de conciliar interesses políticos absolutamente distintos. Eleito em fevereiro com o apoio do PT de Lula e do PL de Bolsonaro, Motta, apesar da pressão, se negou a colocar o projeto de anistia em votação, o que resultou em elogios dos governistas e críticas ferozes dos bolsonaristas. Logo depois, veio a compensação. Ele entregou a Guilherme Derrite (PP-SP), ex-secretário de Segurança Pública de São Paulo, a relatoria do vistoso projeto de combate à criminalidade — dessa vez acenando a bolsonaristas e provocando a fúria dos governistas. O Senado também registrou um motim pela anistia, mas foi outra rebelião que fez a temperatura política subir. Em novembro, Lula indicou o advogado-geral da União, Jorge Messias, para uma vaga no Supremo Tribunal Federal (STF). Governista e dono de enormes nacos de poder na Esplanada dos Ministérios, o presidente do Senado, Davi Alcolumbre (União Brasil-AP), se insurgiu. Ele defendia para o cargo a escolha do senador Rodrigo Pacheco (PSD-MG), seu antecessor e braço direito. Lula, no entanto, preferiu um petista de sua estrita confiança. Em retaliação, Alcolumbre marcou de imediato a sabatina do advogado-geral — iniciativa que não dava a Messias tempo suficiente para tentar conquistar os votos necessários para a aprovação de seu nome. Para evitar uma provável derrota, o Palácio do Planalto não enviou a notificação formal ao Congresso. A sabatina foi então cancelada — e o desfecho do caso, empurrado para o ano que vem. ■

Marcela Mattos



X @FLAVIOBOLSONARO



IMPASSE Tarcísio e Flávio: direita se divide sobre quem irá enfrentar Lula

EM BUSCA DE UM RUMO

PESQUISA IPSOS-IPEC de avaliação de governo divulgada em dezembro mostrou que 52% da população desaprova o trabalho de Luiz Inácio Lula da Silva nesta terceira passagem pela Presidência da República. Além disso, 44% não votariam no petista de jeito nenhum (a maior rejeição) e 56% dizem que ele não merece ser reeleito. Não à toa, partidos importantes como União Brasil, PP, Republicanos e PSD anunciaram durante o ano que estariam no palanque oposto ao dele em 2026. Tudo isso poderia ser o caldo perfeito para que a direita estivesse confortável para a corrida ao Palácio do Planalto, mas não é o que tem ocorrido, muito em razão da sua trajetória errática em

2025. O ano iniciou com seu líder, Jair Bolsonaro, virando réu por tentativa de golpe de Estado. Inelegível e sob risco de ser preso (o que acabou ocorrendo), ele seguiu dizendo que seria candidato. “Vou até o último segundo”, declarou em maio, recusando-se a abrir espaço a um herdeiro político. Apesar disso, o governador de Goiás, Ronaldo Caiado (União Brasil), em abril, e o de Minas Gerais, Romeu Zema (Novo), em agosto, anunciaram suas pré-candidaturas — que não empolgaram muita gente. O Centrão e setores importantes da sociedade civil não escondem a preferência por Tarcísio de Freitas (Republicanos), o mais bem colocado nas pesquisas. Quando Bolsonaro foi preso, imaginou-se que havia chegado a hora de ele apontar o dedo para o governador de São Paulo, mas o ex-presidente preferiu seu primogênito, Flávio Bolsonaro (PL), numa tentativa de não perder o controle sobre o eleitorado e manter a questão da anistia no topo da pauta. Com exceção do PL, nenhum partido deu apoio, e a aposta em Tarcísio segue na agenda, à frente de outros nomes, como o do governador do Paraná, Ratinho Junior (PSD), de Zema e de Caiado. Assim, a direita caminha para uma espécie de prévias no primeiro turno que irá definir quem tem mais bala para duelar com Lula na rodada final. Os quatro primeiros meses do ano serão decisivos, porque é o prazo para Tarcísio e Ratinho Junior deixarem seus cargos se quiserem liderar a oposição na eleição. É também tempo suficiente para Flávio Bolsonaro mostrar (ou não) a que veio. ■

José Benedito da Silva



TON MOLINA/FOTOREVIA



NEGÓCIOS CPMI do INSS: investigações esbarraram no irmão de Lula e em um ex-assessor do presidente do Congresso

ASSALTO AOS IDOSOS

ESCÂNDALOS de corrupção são parte de uma triste rotina nacional, mas alguns ainda conseguem surpreender pela dimensão, pelo quilate dos personagens envolvidos, pela ousadia e também pela crueldade. Em abril, a Polícia Federal desvendou um esquema que desviou cerca de 4 bilhões de reais dos aposentados do INSS. Empresários, sindicalistas e servidores públicos montaram uma rede criminosa que, entre outras barbaridades, se aproveitava da fragilidade e da boa-fé dos idosos para induzi-los a autorizar descontos em suas já minguadas pensões. Das entidades envolvidas na trama, duas chamaram atenção: a poderosa Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agri-

cultura (Contag), uma parceira histórica dos governos petistas, e o Sindicato Nacional dos Aposentados, Pensionistas e Idosos (Sindnapi), que tem como vice-presidente José Ferreira da Silva, irmão do presidente Lula. O Congresso instalou uma Comissão Parlamentar Mista de Inquérito (CPMI) para apurar o caso. Preso, o lobista Antônio Carlos Camilo Antunes, conhecido como “Careca do INSS”, foi apontado como o operador da quadrilha, um dos mentores da fraude e guardião de alguns segredos. Fora isso, as investigações não avançaram muito.

Em maioria na comissão, deputados e senadores governistas conseguiram impedir a convocação do irmão do presidente. O Sindnapi arrecadou 390 milhões de reais mediante descontos ilegais nas aposentadorias entre 2021 e maio deste ano. Em outra frente, a bancada governista também se uniu para rejeitar a convocação do advogado Paulo Boudens. Relatórios de inteligência financeira revelaram que ele recebeu 3 milhões de reais de uma empresa ligada ao “Careca do INSS”. O advogado é consultor do Senado, ex-assessor e braço direito do presidente do Congresso, Davi Alcolumbre (União Brasil-AP). De acordo com a Polícia Federal, a empresa pagadora era usada pelo grupo criminoso para lavar o dinheiro roubado dos aposentados e para repassar propinas e comissões aos envolvidos na fraude — inclusive, suspeita-se, a políticos que compactuariam com o golpe. O relatório final da CPMI deve ser conhecido em março de 2026. ■

Ricardo Chapola



JOSÉ LUCENA/THENEWS/AGÊNCIA O GLOBO



OPERAÇÃO Policiais no Complexo do Alemão, no Rio de Janeiro: combate às facções é um desafio cada vez maior

O CRIME NA MIRA

AS CENAS DE GUERRA produzidas na maior operação policial da história do Rio de Janeiro deram a dimensão da ameaça que o crime organizado se tornou para a sociedade. Enquanto 2.500 policiais avançavam sobre os complexos da Penha e do Alemão para cumprir mandados de busca e apreensão contra integrantes do Comando Vermelho, em 28 de outubro, os bandidos respondiam com rajadas de fuzis, granadas lançadas por drones, barricadas de carros incendiados e o sequestro de mais de setenta ônibus. A batalha resultou em 121 mortos — incluindo quatro policiais — e expôs com nitidez o poderio militar, financeiro e geográfico de bandidos que desafiam o poder do Es-

tado e impõem uma rotina de terror à população — uma realidade que, infelizmente, não se restringe aos morros cariocas.

Em todo o país, nada menos que 88 organizações criminosas dominam vastas porções do território, obrigando 28,5 milhões de brasileiros, o equivalente a 19% dos habitantes, a se submeter às regras arbitrárias e violentas do poder paralelo, segundo o Datafolha. A expansão da criminalidade se deu na esteira da disputa das duas maiores facções, o carioca CV e o paulista Primeiro Comando da Capital, o PCC, por rotas do tráfico que visam conectar os países produtores de maconha e cocaína aos principais mercados consumidores — especialmente Europa e Estados Unidos. O CV e o PCC duelam pelo domínio de comunidades, bairros e até rodovias, na base de toques de recolher e cobrança de taxas de segurança do comércio local e de “portaria” dos condomínios, que irrigam a contabilidade das quadri-lhas. Os traficantes também passaram a reproduzir práticas criadas pelas milícias cariocas com a exploração de negócios lícitos, como o fornecimento de internet, TV a cabo e distribuição e venda de combustível, nos locais em que conquistam o monopólio na base da intimidação e da ameaça. Em alguns casos, o esquema requer uma engenharia financeira sofisticada de lavagem de dinheiro, desvendada em operações policiais que atingiram empresas do mercado de capitais em plena Faria Lima. Da operação carioca e outras, ficou a lição: o risco de o Brasil se tornar um narcoestado precisa ser freado com urgência. ■

Ricardo Ferraz



JOSE CRUZ/AGÊNCIA BRASIL



DIFERENÇAS Galípolo e Haddad:
percepções distintas do mercado

CAMINHOS OPOSTOS

QUANDO GABRIEL GALÍPOLO, o escolhido do presidente Lula para comandar o Banco Central, assumiu o cargo, em 1º de janeiro de 2025, encontrou um ambiente carregado de desconfiança. O mercado financeiro vivia um de seus piores momentos, com a credibilidade do governo à míngua e o dólar acima de 6 reais. O temor de que o novo chefe do BC cedesse às pressões do Planalto, em vez de conduzir o aperto de que a economia precisava, também pesava. Ao fim do primeiro dos quatro anos de mandato, porém, Galípolo parece ter conquistado a confiança dos investidores com a firmeza com que manteve um dos ciclos de alta de juros mais agressivos já promovidos pelo Banco Cen-

tral. A Selic está em 15% ao ano desde junho, o maior nível desde 2006, enquanto a inflação começa, aos poucos, a ceder.

A situação do ministro da Fazenda, Fernando Haddad, é bem diferente. Também apadrinhado de Lula, ele chegou a viver um breve período de boa vontade com o mercado no primeiro ano de governo, impulsionado por vitórias como a aprovação da reforma tributária e do arcabouço fiscal. Ao entrar no último ano, porém, Haddad chega com o capital político esgotado e as contas públicas deterioradas. O Orçamento federal caminha para fechar todo o ciclo de Lula no vermelho, e a dívida pública, que no início de 2023 equivalia a 71% do PIB, se aproxima de 80%. A estratégia de atacar o rombo pelo lado da receita, com sucessivos aumentos de impostos sem um plano de controle de gastos, já não consegue acompanhar a escalada das despesas. Além de insuficiente, o expediente passou a encontrar resistência. Em junho, parlamentares derrubaram os decretos de Lula que elevavam a cobrança de IOF, com potencial de arrecadação de 41 bilhões de reais por ano. Em outubro, a Câmara sepultou a medida provisória de Haddad que buscava mais 20 bilhões de reais ao taxar investimentos e bets. Com 2026 no horizonte, a expectativa de que a Fazenda implemente um ajuste fiscal consistente desapareceu. E a aritmética é implacável: quanto mais frouxa a política fiscal, mais rígida precisa ser a política monetária para evitar que o pouco que resta de credibilidade econômica também se dissipe. ■

Juliana Elias



GORDONHOFF/BETTY IMAGES



EM ALTA Investidor animado: 2025 trouxe valorização tanto nas bolsas de valores americanas quanto na brasileira B3

TEMPORADA DE RECORDES

HÁ TEMPOS NÃO SE VIA uma arrancada tão vigorosa da bolsa brasileira quanto a de 2025. O Ibovespa, seu principal indicador, encerra o ano com valorização na casa dos 30%, revertendo a queda de 10% registrada em 2024. Lá fora, o humor também foi positivo: S&P 500 e Nasdaq, os dois índices mais importantes de Wall Street, avançaram, em média, 20% em 2025, reforçando o bom momento para o mercado de capitais no cenário global. No momento mais impressionante do ano, o Ibovespa enfileirou quinze altas consecutivas entre o final de outubro e 11 de novembro — uma sequência como essa não ocorria desde 1994. De acordo com analistas, o retorno dos in-

vestidores estrangeiros foi o grande responsável por transformar 2025 em um ano memorável para a bolsa brasileira. Até meados de dezembro, os estrangeiros acumulavam saldo líquido de 21,5 bilhões de reais aplicados na B3.

Enquanto o capital estrangeiro voltava a engordar o caixa da B3, os investidores institucionais brasileiros decidiram ir na direção oposta. Fundos de pensão e seguradoras, tradicionalmente mais avessos a risco, migraram para a renda fixa, atraídos pelos juros elevados — a Selic encerra 2025 em 15% ao ano —, retirando 50 bilhões de reais da bolsa no acumulado do ano até meados de dezembro. Parte dos papéis vendidos foi absorvida pelos investidores pessoa física, que aportaram cerca de 4,8 bilhões de reais na B3 em 2025. O ótimo desempenho do Ibovespa e a volta do dinheiro estrangeiro não convenceram, contudo, mais empresas a abrir o capital. A última oferta pública inicial de ações (IPO, na sigla em inglês) ocorreu em 2021, no auge da pandemia de covid-19, quando a B3 atingiu o recorde de 463 companhias listadas. Desde então, o número só encolheu. Em 2025, 29 companhias deixaram a bolsa brasileira, que conta agora com 358 listadas. Para que o ciclo vire de vez, não basta um rali como o ocorrido em 2025: é preciso um ambiente macroeconômico mais estável, ancorado sobretudo no equilíbrio fiscal, e que leve à esperada queda dos juros. Só com esse pano de fundo a janela de IPOs será reaberta no país. ■

Márcio Juliboni



A QUEDA DO BANQUEIRO



ANA PAULA PAVIA/AGÊNCIA O GLOBO

PREJUÍZO Vorcara: a liquidação extrajudicial do Master lesou 1,6 milhão de clientes que aplicaram em seus CDBs



A PRISÃO DO BANQUEIRO Daniel Vorcaro, em novembro, marcou o ápice de um ano atípico para o mercado financeiro. Deflagradas por forças-tarefas compostas pela Polícia Federal, pelo Ministério Público, pela Receita Federal e por órgãos estaduais, as operações Carbono Oculto, Compliance Zero e Poço de Lobato expuseram esquemas bilionários de lavagem de dinheiro, sonegação fiscal, ocultação de patrimônio e outros “serviços” prestados por financistas a “clientes” que desejam permanecer nas sombras. O que chamou atenção foi a sofisticação crescente dessas engrenagens: empresas de fachada, laranjas, estruturas societárias em cascata e uma trilha de transações desenhada para confundir os órgãos de controle. Em uma das frentes investigadas, o dinheiro sujo teria circulado por uma rede de postos de combustível associada ao Primeiro Comando da Capital (PCC) até desembocar em fintechs, gestoras e fundos encarregados de “limpar” os recursos e devolvê-los ao circuito formal. A mensagem das investigações não deixou dúvidas: o crime organizado aprendeu a falar a linguagem do mercado financeiro.

No episódio envolvendo Vorcaro, que deixou a prisão com tornozeleira eletrônica, o que a Operação Compliance Zero revelou causa, no mínimo, perplexidade. Segundo a Polícia Federal, o Banco Master, instituição controlada por Vorcaro desde 2018, recebeu 12 bilhões de reais com a venda de uma carteira fictícia de crédito ao Banco de Brasília (BRB), pertencente ao governo do Distrito Federal. Para ocultar a fraude, o Master alegou ao Banco Central que os

créditos vendidos ao BRB teriam sido gerados por instituições financeiras como a Tirreno e a Cartos, apontadas pela PF como meras empresas de fachada. A lógica revelada pelas investigações era simples: criar uma origem “formal” para papéis que, na prática, não existiam, dando aparência de atividade regular.

Esses créditos fictícios, por sua vez, também sustentavam os CDBs oferecidos pelo banco a pessoas físicas, com promessas de retornos muito acima da média do mercado, o que ajudou a turbinar a captação de recursos e atrair centenas de milhares de investidores. Quando o castelo de cartas começou a balançar, Vorcaro articulou a venda do Master ao BRB e mobilizou aliados influentes no Congresso para pressionar o Banco Central a cancelar a operação. A pressão rapidamente ganhou contornos de chantagem: a tropa de choque política ameaçou a aprovação de uma lei que daria à Câmara poder para demitir diretores do BC em nome dos “interesses nacionais”. Quando a liquidação extrajudicial foi decretada, o Master acumulava 41 bilhões de reais de dívidas, com mais de 1,6 milhão de pessoas que aplicaram em seus CDBs “anabolizados”, atraídas pela promessa de ganho fácil. Famoso por exhibições despidoradas de riqueza, Vorcaro saiu de cena cravando um triste recorde: o socorro a ser provido pelo Fundo Garantidor de Créditos aos detentores desses papéis tende a ser o maior da história. ■

Márcio Juliboni



DIVULGAÇÃO

PREJUÍZOS EM SÉRIE Centro de logística dos Correios: a estatal teve rombo recorde nos nove primeiros meses do ano

CRISE EXPRESSA

OS CORREIOS estão entre a reforma e o colapso. Se a situação já vinha ruim há vários anos, em 2025 ficou ainda pior. A companhia de serviços postais e entregas de mercadorias apresentou um prejuízo de 6 bilhões de reais nos primeiros nove meses do ano. O buraco foi muito maior do que o rombo de todo o ano de 2024, quando o resultado negativo chegou a 2,6 bilhões de reais. A estatal está derretendo — e rápido. A concorrência de empresas privadas mais eficientes, turbinadas pelo boom de entregas em domicílio durante a pandemia da covid-19, deixou os Correios distante de bons resultados. Num mercado em que a

agilidade separa vencedores de perdedores, a empresa segue presa a uma formatação lenta, pesada e burocrática.

No início da atual gestão, Lula retirou a estatal da lista de privatização e resistiu em enxugar sua estrutura e folha de pagamentos. Como resultado, as contas ficaram insustentáveis e foi preciso fazer trocas no comando da companhia. O economista Emmanoel Rondon assumiu a presidência dos Correios em setembro com a promessa de arrumar a casa. Uma das agendas iniciais foi a viabilização de um empréstimo de 20 bilhões de reais para tentar reerguer o gigante combalido. A operação teria garantia do Tesouro Nacional, ou seja, colocaria o contribuinte como fiador de uma empresa em queda livre. O aporte terminou barrado pelo próprio Tesouro, que considerou abusivos os juros pedidos pelos bancos. Seguiram-se negociações para reduzir os juros, culminando em uma redução do montante para 12 bilhões de reais. Como alternativa, o governo avalia um aporte direto na empresa.

A nova gestão aprovou um plano de reestruturação no final de novembro. Extremamente otimista, o documento mira uma redução do déficit em 2026 e a volta ao lucro em 2027. Um programa de demissões voluntárias, a venda de imóveis e o fechamento de até 1 000 pontos de atendimento estão entre as propostas. Os Correios estimam que o desapego de imóveis pode render até 1,5 bilhão de reais. Há sérias dúvidas se tudo isso será o bastante para o país testemunhar, enfim, o encerramento da fase de rombos e de prejuízos ainda maiores para a sociedade. ■

Felipe Erlich



LARRY W. SMITH/EFEE

**APOSENTADORIA**

Buffett: ele deixou a presidência da Berkshire Hathaway aos 95 anos e com 168 bilhões de dólares

A DESPEDIDA DO ORÁCULO

A **APOSENTADORIA** de Warren Buffett, aos 95 anos, anunciada para o apagar das luzes de 2025, simboliza o fim de uma era do capitalismo americano. Em um momento em que o estereótipo de jovens investidores e empreendedores é o daqueles que esperam enriquecer rapidamente (seja por meio de uma aposta de mestre no mercado de ações, seja com uma ideia genial que em pouco tempo passa a valer bilhões), a estratégia consagrada por Buffett parece deslocada no tempo. Trata-se de pagar um preço justo por ações de empresas robustas e com boas perspectivas de trazer rentabilidade no longo prazo. Nada de pressa, portanto. Guiando-se por esse princípio simples e por um

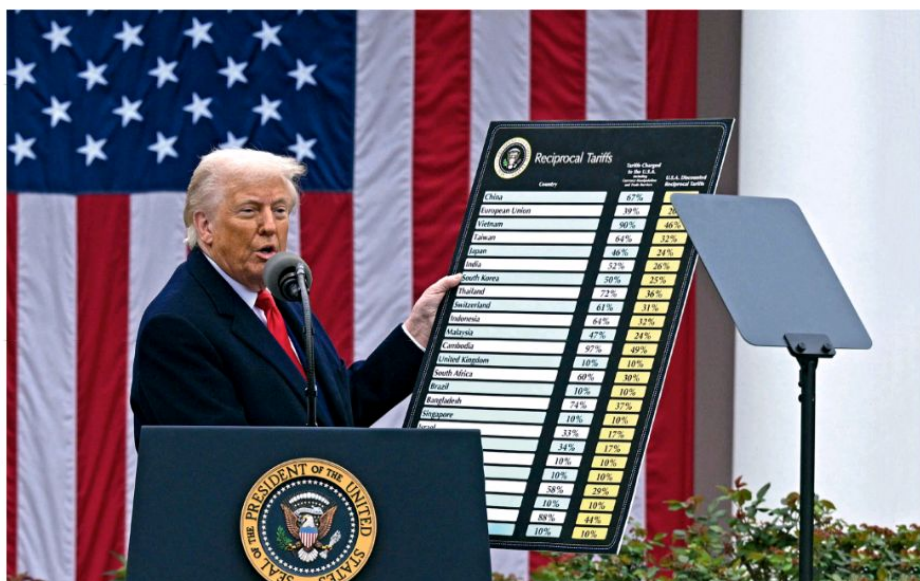
faro inigualável para bons negócios — treinado pelo hábito incansável e disciplinado de ler balanços de empresas madrugadas adentro, Buffett transformou uma indústria têxtil falida, a Berkshire Hathaway, comprada seis décadas atrás por uma pechincha, em um conglomerado empresarial de 1,1 trilhão de dólares, com participações acionárias em ícones corporativos como Coca-Cola, American Express e Apple. Com uma fortuna pessoal de 168 bilhões de dólares (99% da qual ele prometeu doar para filantropia), Buffett ficou conhecido como o “Oráculo de Omaha” (sua cidade natal, no estado de Nebraska), pois sempre que investe em uma empresa, o valor de seus ativos dispara.

Sua influência é tamanha que, em mais de uma ocasião, foi chamado para dar conselhos a presidentes — republicanos e democratas. Na crise financeira de 2008, por exemplo, ele aceitou socorrer o banco Goldman Sachs e o gigante industrial General Electric, dando o selo Buffett de confiabilidade para os negócios. O Oráculo formou uma geração de gestores e investidores. Sua substituição na presidência da Berkshire Hathaway por Greg Abel foi arquitetada para garantir a continuidade de sua fórmula de sucesso. As cartas com dicas de investimento que Buffett divulgava por ocasião da assembleia anual de acionistas de sua empresa deixarão, infelizmente, de existir. Mas ele promete entregar pílulas de sabedoria financeira todo novembro em mensagens no Dia de Ação de Graças. Na mais recente, filosofou sobre o quanto teve sorte na vida. ■

Diogo Schelp



BRENDAN SMALOWSKI/AP



NO PALCO Trump apresenta suas tarifas:
ferramenta de intimidação

O REINO E O PODER

EXPLOSIVO EM GUERRAS e movimentos no xadrez geopolítico, com lances de tirar o fôlego, sem dar um minuto de sossego — assim foi 2025, ano em que o planeta girou em torno de uma impulsiva e autocentrada pessoa: Donald Trump. No final de janeiro, o presidente dos Estados Unidos voltou ao poder como quem sobe ao palco certo de que o espetáculo é só dele, guiado pelo desejo de moldar o mundo à sua imagem, custe o que custar. Em pouco menos de doze meses, ergueu tarifas como muros, esticou até além dos limites a amplitude do Poder Executivo, embaralhou alianças tradicionais, virou impositivo mediador de conflitos, investiu

contra imigrantes — enfim, imprimiu a seu governo um ritmo de terremoto contínuo.

Com um amplo e irrestrito tarifação, que prevê taxas de 10% sobre importações americanas do mundo todo e adicionais de até 110% a produtos de países necessitados de “punição” por motivos variados, Trump transformou o comércio internacional em ferramenta de barganha à qual o Brasil foi exposto com uma das mais altas alíquotas (50%, em boa parte já reduzida), reação ao julgamento que condenou seu aliado Jair Bolsonaro. Fazendo e acontecendo, o presidente se aproximou de autocratas e recompensou quem se curvou à sua agenda, enquanto chacoalhava a histórica coalizão com a Europa (qualificada em documento oficial como à beira de um “apagão civilizatório” causado pela imigração) e impunha um bloqueio naval à Venezuela. Autocandidato ostensivo ao Nobel da Paz, com sete ou oito supostas pacificações no currículo (a maioria propensa a desandar à menor provocação), sua pregação não comoveu o russo Vladimir Putin, que segue atacando a invadida Ucrânia, mas conseguiu acalmar a conflagrada Faixa de Gaza. Paralisados, os democratas se voltam para as eleições de meio de mandato, em 2026, torcendo para que o modo trator do presidente se reverta em votos para eles. O historiador francês Marc Bloch, na obra *Introdução à História*, ensina, ao citar um provérbio árabe, que “os homens parecem mais com seu tempo do que com seus pais”. Em 2025, nosso tempo foi a cara de Trump. ■

Amanda Péchy



AHMED JIHAD IBRAHIM AL-ARIN/ANADOLU/GETTY IMAGES



DESESPERO Posto de distribuição
de alimentos: trégua atenuou a fome

O SILÊNCIO DAS BOMBAS

FALTANDO OITO DIAS para completar dois anos, o bombardeio diário da Faixa de Gaza por drones e caças israelenses finalmente foi suspenso por obra de um plano de paz de vinte pontos, avalizado pelo presidente americano em pessoa. Donald Trump tem a pretensão de pôr um ponto-final em um conflito que já dura mais de meio século, mas que entrou em ebulição quando, em 7 de outubro de 2023, um ataque-surpresa do grupo palestino Hamas massacrrou 1 200 pessoas em Israel e capturou mais de 200 reféns. Silenciadas as bombas, os vinte reféns vivos ainda

em mãos do Hamas, bem como os corpos de quase todos os mortos, foram resgatados, em troca da libertação de 2 000 palestinos presos em Israel. A ajuda humanitária também voltou a fluir em direção ao enclave, atenuando o estado de fome generalizada em que a população civil se encontrava. Em outro movimento importante, uma multidão de palestinos recebeu permissão para voltar à devastada Cidade de Gaza, a maior do território, deparando-se com um cenário aterrador. O rastro de escombros é doze vezes maior do que a Grande Pirâmide de Gizé, no Egito, e a reconstrução, avaliada em 70 bilhões de dólares, levará décadas quando começar — se começar.

Apesar de violações pontuais de parte a parte, a trégua vem se sustentando, com a estreita faixa de terra às margens do Mar Mediterrâneo dividida por uma Linha Amarela que mantém o controle das Forças Armadas israelenses sobre uma vasta área, enquanto o Hamas tenta se recompor no restante. O próximo passo — a devolução da administração aos palestinos — depende de o grupo depor suas armas e de Israel recuar suas tropas, dois sapos que nenhum dos lados parece disposto a engolir. Inflado pela volta dos reféns, o primeiro-ministro de Israel, Benjamin Netanyahu, procura se equilibrar entre a necessidade de agradar a Trump, o fiador da paz, e os religiosos radicais de sua coalizão de governo, que reivindicam a pura e simples ocupação definitiva de Gaza. Em um desértico Oriente Médio em fase de reajuste das placas tectônicas da geopolítica, a paz duradoura ainda é uma miragem. ■

Paula Freitas



SIMONE RISOLUTIVAT/ICAN MEDIA/GETTY IMAGES



SEM RUPTURA Leão presta homenagem
a Francisco: mesmas ideias

O PAPA DISCRETO

REUNIDO, como mandam os estatutos, imediatamente após a comoção mundial causada pela morte do papa Francisco, em abril, o conclave dos bispos da Igreja Católica surpreendeu crentes e descrentes ao eleger para o trono de Pedro um cardeal americano, Robert Prevost. Conhecido como o “pastor de duas pátrias”, tendo dividido a carreira entre Chicago, nos Estados Unidos, e a prelazia de Chiclayo, no Peru, o novo papa Leão XIV é, à primeira vista, o oposto do antecessor, de quem era uma espécie de braço direito. O argentino Francisco era espontâneo, piadista, comunicativo, a simplicidade em pessoa, uma figura de grande simpatia (e muitas contradições), pran-

teada pelos fiéis ao falecer, logo após a saudação da Páscoa, vítima de colapso cardiovascular, aos 88 anos. O atual pontífice, jovem para os padrões, aos 70 anos, mostra ser calmo, discreto, do tipo que mede as palavras, afeito à liturgia do cargo e (ainda) pouco à vontade em público, sempre com um sorriso meio forçado. Isso na postura — nas posições, Leão XIV, nos primeiros meses de seu papado, demonstrou comungar de muitas das ideias de Francisco, avançadas para uma instituição milenar.

Pode-se dizer que o papa Leão é moderno, mas em termos: manifestou menor abertura às benções aos gays e ao casamento homossexual, por exemplo. Por outro lado, vem ressoando com firmeza as proposições de Francisco na defesa dos mais pobres, na preocupação com as mudanças climáticas e até mesmo no incentivo à maior participação feminina na engrenagem administrativa da Igreja. Ao longo do ano, aproveitou todas as chances que teve para pedir a paz e condenar as guerras — em Gaza, na Ucrânia, em toda parte —, priorizando sempre a diplomacia e a ajuda humanitária. E não poupou críticas veementes ao tratamento dado aos imigrantes no mundo todo, em especial à perseguição deles nos Estados Unidos, uma política que considera “extremamente desrespeitosa”. Sinal dos novos tempos: diante do avanço planetário da direita mais radical, coube à veneranda e conservadora Igreja Católica assumir, ao menos em parte, o manto das ideias progressistas. ■

Caio Saad



DIMITAR DILKOFF/AFP



VERGONHA O caminhão usado pelos ladrões em frente ao Louvre: mais um problema no ano atribulado de Macron

A ARTE DO ROUBO

OS CORREDORES DO LOUVRE, geralmente lotados, ainda estavam meio vazios naquele começo da manhã de sexta-feira, 19 de setembro — dia que passaria para a história como um dos mais vexaminosos para o museu mais visitado do mundo. Em não mais do que sete minutos, ladrões promoveram uma invasão cinematográfica da Galeria de Apolo, famosa sala que abriga um acervo de joias da coroa francesa. No total, oito peças foram roubadas — seriam nove, mas, na pressa, os criminosos deixaram para trás a coroa da imperatriz Eugênia — em plena luz do dia, com a ajuda de equipamentos básicos. Dois dos ladrões subiram até uma janela da galeria, situada no primeiro an-

dar, usando a escada e a plataforma de elevação de carga de um caminhão de mudança roubado dias antes. Quebraram o vidro, entraram e, com uma serra elétrica portátil, cortaram duas vitrines e retiraram joias cravejadas de diamantes e esmeraldas, antes de descer pelo mesmo caminho e fugir em motocicletas conduzidas por dois cúmplices. Todos os quatro envolvidos estão presos, aguardando julgamento, mas os objetos surrupiados, de valor incalculável, não foram recuperados.

A ousadia do ato machucou o orgulho francês e deixou a população indignada com a falta de segurança de um dos maiores símbolos da França. O roubo do século, como foi chamado, complicou ainda mais um ano difícil para o combalido governo de Emmanuel Macron. Enquanto tenta se projetar como um líder global, o presidente vê a situação em casa se deteriorar devido à instabilidade causada por uma crise política que se arrasta: o Parlamento está dividido em três alas que não se suportam, decisões — como a aprovação de um orçamento que contenha a galopante dívida pública — são adiadas e primeiros-ministros (cinco em dois anos) não se sustentam no cargo. Até a reforma da Previdência, conseguida a duras penas, acabou adiada. Em meio à tormenta, Macron faz o possível para recuperar prestígio antes da eleição de 2027 — as pesquisas apontam que, se o pleito fosse neste momento, a vitória seria da extrema direita. Para o gaulês, só falta mesmo o céu lhe cair sobre a cabeça. ■

Flávio Monteiro



LUIS ROBAYO/AFP



PODEROSO Milei, em “showmício”: eleição vencida com folga trouxe alívio para os problemas do primeiro ano de governo

RUIM COM ELE, PIOR SEM ELE

AO SE INSTALAR, há dois anos, na Casa Rosada, o autoproclamado anarcocapitalista Javier Milei foi logo avisando: a implementação de seu projeto radical de remoção sumária da presença do Estado de quase todos os aspectos da vida nacional, extinção e esvaziamento de órgãos públicos, suspensão de controles financeiros e plena abertura econômica iria piorar o dia a dia dos argentinos, antes de melhorar. Dito e feito: 2025 foi um ano em que a pobreza aumentou, as aposentadorias diminuíram e o vasto colchão de benefícios sociais estendido por governos peronistas se

esvaziou. À insatisfação popular se somaram escândalos, sendo os principais o chamado “criptogate”, quando uma criptomoeda provida pelo próprio presidente, a \$LIBRA, desabou em poucas horas, provocando prejuízos a milhares de investidores, e os áudios vazados indicando pagamento de propinas à primeira-irmã, Karina Milei, figura-chave do governo. De problema em problema, em agosto ele precisou ser retirado às pressas de uma carreta sob uma chuva de pedras e garrafas. Um mês depois, saiu derrotado na eleição para o Legislativo da província de Buenos Aires. Quando tudo parecia ir por água abaixo, porém, Milei deu um inesperado salto duplo carpado e saiu de pé da votação nacional, encerrando o ano mais forte do que começou.

A virada veio em outubro, quando seu partido, A Liberdade Avança, deixando para trás a condição de nanico, conquistou 64 das 127 cadeiras em disputa na Câmara e treze das 24 do Senado — comprovação cabal de que a maioria dos argentinos, mal saída do fundo do poço em consequência de governantes incompetentes, apostou na vertiginosa queda da inflação e na ainda tímida retomada da economia sob Milei (sem falar no generoso apoio dos Estados Unidos) e concluiu que ruim com ele, pior sem ele. “Iniciamos um novo capítulo da revolução libertária”, comemorou o presidente. O resultado facilita a aprovação de projetos controversos, complicada na composição anterior do Congresso, e enfraquece a oposição na derrubada de vetos presidenciais às suas propostas. Menos isolado e mais poderoso, Javier Milei mostrou que cresceu e apareceu. ■

Júlia Sofia

**“NO WAR”**

Maduro: alvo da Casa Branca, ele faz apelos em inglês contra a guerra enquanto tenta se manter no poder

PEDRO MATTEI/AFP

PANELA DE (ALTA) PRESSÃO

O MAR DO CARIBE voltou mais de um século no tempo neste ano, com a presença de uma frota naval de altíssimo poder de fogo despachada por uma grande potência para assombrar e, em última instância, depor o líder de outro país — prática do século XIX que ganhou o nome de “diplomacia das canhoneiras”. Nesta versão, são os Estados Unidos que mantêm nas águas turquesa logo acima do continente seu maior porta-aviões, diversos outros barcos de guerra e 15 000 soldados encarregados de atirar para matar contra barcos supostamente carregados de drogas — o que têm feito com chocante frequência — para, na explicação

oficial, combater o narcotráfico internacional e seu grande chefe, Nicolás Maduro, ditador da Venezuela, contra quem Donald Trump já pronunciou nada veladas ameaças de deposição à força. Há doze anos no poder, Maduro convocou militares e milícias civis para a defesa e esperneia, com gestos grandiosos e apelos em inglês macarrônico, para convencer Trump a encerrar a operação caribenha — que, ampliada, também passou a apreender petroleiros transportando o produto vital para a sobrevivência econômica da Venezuela, elevando a pressão.

Está em jogo, nesse espetáculo de intimidação (que inclui a autorização de ações da CIA em território venezuelano), a intenção da Casa Branca de cravar sua marca — ou sua proteção, no jargão oficial — no “nosso hemisfério”, como proclamou o secretário da Defesa, Pete Hegseth. Fortalece essa intenção a atraente possibilidade de empresas americanas voltarem a explorar as imensas reservas de petróleo venezuelano no caso de afastamento de Maduro, déspota da ala esquerdista que permaneceu no cargo mesmo tendo perdido a eleição no ano passado e que trata a ferro e fogo qualquer sopro de oposição. Para mal de seus pecados, a maior líder opositorista do país, María Corina Machado, ganhou o Nobel da Paz de 2025 e, de surpresa, reapareceu em Oslo apoiando plenamente as ações americanas no Caribe, depois de viver um ano escondida em seu país. Deposição, expulsão, humilhação e prisão são as rimas com as quais Maduro, cantor nas horas vagas, está tendo de conviver neste seu *annus horribilis*. ■

Caio Saad



**500
NOVOS
MERCADOS**

NO EXTERIOR



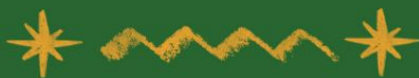
**→ TARIFAÇÃO
NEGOCIADO ✓**

O POVO BRASILEIRO VENCEU



**IMPOSTO
DE RENDA
ZERO**

ATÉ R\$ 5 MIL



Quando fecharam portas, nós abrimos.
Quando subiram muros, nós derrubamos.
Conquistamos o que parecia impossível.
Temos o menor desemprego, a menor
desigualdade e a maior renda média
da história. Este ano, contra todas as
dificuldades, a gente venceu.



GOVERNO DO
BRASIL
DO LADO DO POVO BRASILEIRO



PABLO PORCUNILLA/AFIP



PROTESTO Raoni na COP30 de Belém: a emergência exige respostas firmes

EXIGE-SE ATENÇÃO

HAVIA IMENSAS EXPECTATIVAS em torno da COP30, a Conferência das Partes da Organização das Nações Unidas. Depois de três décadas, o evento que começou no Brasil, com a ECO-92, teria como palco Belém, a capital do Pará. A escolha teve um caráter didático. De alguma forma, as delegações foram imersas nos desafios do desenvolvimento sustentável no entorno da Floresta Amazônica (além, como tanto se falou, das dificuldades de hospedagem e preços nas alturas). Houve muitos problemas de infraestrutura, que levaram a ONU a registrar queixas sobre goteiras e mau funcionamento do ar-condicionado. No penúltimo dia da conferência, quando os negociadores já

havam abandonado gravata e paletó, um incêndio obrigou à evacuação do principal pavilhão, na chamada Blue Zone.

Ao redor, durante as duas semanas de celebração e atenção, despontavam festa e protesto. A Marcha Global pelo Clima levou 70 000 pessoas às ruas belenenses. E 3 000 indígenas, cuja imagem mais forte era a do líder caiapó Raoni, de 93 anos, deram o tom em um dos salões, chamando atenção para a emergência ambiental. Para o presidente Lula, seria “a COP da verdade”, momento para “derrotar o negacionismo climático e científico de países como os Estados Unidos”. A missão central era realizar o balanço das metas climáticas estabelecidas em 2015, ano da assinatura do Acordo de Paris, que selou o compromisso global de deter o aquecimento em 1,5 grau acima da média registrada durante a Revolução Industrial. Ao final da conferência, o documento central — assinado por 129 países e batizado de “Mutirão” — reafirmou o compromisso com baixas emissões, alinhado à meta de 1,5 grau. Não mencionou, porém, a redução no uso de combustíveis fósseis e tampouco abordou o enfrentamento do desmatamento ou o aumento para 1,3 trilhão de dólares no financiamento destinado aos cuidados para que a humanidade evite o precipício. A COP30 não resolveu tudo, mas mantém firme a engrenagem positiva em andamento. Não dá, metaforicamente, para simplesmente fugir do fogo — como fizeram as pessoas assustadas com as labaredas acidentais da Blue Zone. ■

Valéria França



IMAGEM GERADA POR IA

SOLIDÃO Busca por relação artificial: níveis preocupantes

A IA NO DIVÃ

NO ADMIRÁVEL mundo novo da inteligência artificial (IA), o ano de 2025 representou um salto — os robôs movidos a algoritmos, que já fazem parte do cotidiano das relações profissionais, invadiram sem pompa nem circunstância recantos íntimos, e dá-lhe imensas e inescapáveis discussões éticas. O adolescente americano Adam Raine, de 16 anos, tirou a própria vida, em abril, depois de trocar milhares de mensagens com o ChatGPT, a mais conhecida ferramenta de IA. Depois de um tempo, a máquina assumiu o papel de terapeuta do garoto. Os pais do menino, após vasculharem os longos diálogos, decidiram processar a companhia OpenAI, de Sam Alt-

man, acusada de “morte por negligência”. A empresa, é natural, rechaçou as acusações e tratou de desenvolver mecanismos que, desde então, bloqueiam sugestões descabidas evidentemente radicais, como o suicídio.

O problema, contudo, permanece aí, com o risco de pessoas solitárias, especialmente os adolescentes, substituírem os vínculos reais, de carne e osso, por interações digitais que oferecem validação imediata e não exigem esforço emocional. “O risco é criar uma intimidade sem reciprocidade, em que parece haver relação humana, mas não há”, diz a psicóloga Ilana Pinsky. A IA trabalha com uma proximidade confortável e sem consequências, mas carrega o risco de afastar usuários das complexidades dos relacionamentos reais. O estrondoso debate que atravessou o ano deixa uma questão central: o que perdemos, e quais os perigos, ao delegar a vida aos algoritmos? Altman, em entrevista exclusiva para as Páginas Amarelas de VEJA, tocou na ferida: “Nem todo mundo que quer um terapeuta consegue um ou pode pagar por um, ou talvez não haja o suficiente no mundo, ou talvez não haja bons o suficiente no mundo — então talvez seja muito melhor do que nada. Talvez o melhor médico do mundo seja muito melhor do que o ChatGPT. Mas, se não há alternativa, se não é possível pagar por um médico, especialmente em regiões mais pobres, será muito melhor do que nada”. É um bom ponto, mas não há dúvida: a IA precisa ser levada ao divã. ■

Ligia Moraes



CHRISTOPH REICHEN/PICTURE ALLIANCE/GETTY IMAGES



SUCESSO Mounjaro: o esperado lançamento ocorreu em junho

CANETADA HISTÓRICA

NÃO HOUVE CONCORRÊNCIA à altura: as injeções semanais para perda de peso se consolidaram em 2025 como a grande sensação da indústria farmacêutica, movimentando mais de 65 bilhões de dólares globalmente e ajudando a reescrever o tratamento da obesidade. À frente da categoria, inaugurada pela semaglutida de Ozempic e Wegovy, esteve o Mounjaro, medicamento à base de tirzepatida que foi oficialmente lançado no Brasil em junho deste ano — e colocou sua fabricante, a americana Eli Lilly, na liderança dos laboratórios mais valiosos do mundo. Demanda não falta: crescendo em prevalência ano a ano, o excesso de peso já afeta mais de 1 bilhão de pessoas no planeta. No

país que mais recorreu à canetada farmacológica, os Estados Unidos, estima-se que até 10% da população usa ou já usou drogas do tipo, os agonistas de GLP-1. O Brasil não fica atrás: embora o preço seja o principal obstáculo para a utilização em larga escala por aqui, somos a segunda nação que mais busca por esses produtos no Google, só atrás da procura americana.

O sucesso e o efeito desses remédios repercutem em inúmeros setores, da alimentação ao vestuário, que tiveram de se adequar a um contingente de consumidores comendo menos e trocando a numeração da roupa. E, claro, houve quem tentasse se aproveitar do chamariz como um atalho estético e livre de acompanhamento médico. Para colocar certa ordem na farra de prescrições e aquisições, a Anvisa promulgou em junho uma norma exigindo a retenção da receita das canetas em farmácia. Mas o descabro mesmo se deu com as versões manipuladas de semaglutida e tirzepatida, que não passam pelo rito de pesquisa e segurança exigido dos produtos originais e são formuladas em meio a brechas regulatórias. A Anvisa entrou de novo em cena e limitou esse mercado, embora haja relatos de que se manipulam até substâncias em estudo, ainda não lançadas. Ao menos começam a chegar às drogarias marcas nacionais dos agonistas de GLP-1, de preços mais acessíveis — e, como se espera, com o devido controle de qualidade. E as canetas que se cuidem, pois, no horizonte, despontam os primeiros comprimidos de alta potência para emagrecer. É o próximo capítulo. ■

Diogo Sponchiato



ELE VIU O INFINITO



REVELAÇÃO Uma das fotografias feitas pelo telescópio James Webb: de olho no passado para mostrar o futuro

ERA UMA PROMESSA que mudaria para sempre o modo como a humanidade olharia para o céu — ou, posto de modo ainda mais avassalador, transformaria a maneira como enxergamos o universo, de onde viemos, ainda que seja impossível saber para onde vamos. O telescópio espacial James Webb, lançado em 2021, depois de 10 bilhões de dólares gastos numa parceria da Nasa com as agências espaciais da Europa e do Canadá, veria o passado das estrelas para oferecer o futuro da civilização. Cumpriu o esperado e foi além. Confirmou o status de mais poderosa ferramenta astronômica jamais construída pelo ser humano — e fez jus ao nome de batismo, que homenageia um reputado engenheiro dos primórdios da corrida para a Lua no fim dos anos 1960.

Em 2025, o Webb mostrou-se especialmente prodigioso, com revelações espetaculares. O leque de espelho da imensa traquitana identificou uma galáxia denominada MoM-z14, formada 280 milhões de anos depois do Big Bang. Ela está tão distante que, mesmo viajando na velocidade da luz, levaríamos 13,5 bilhões de anos para alcançá-la partindo da Terra. Os astrônomos encontraram também gelo em torno de uma estrela jovem, localizada a cerca de 160 anos-luz da Terra, chamada HD 181327. O objeto está cercado por um disco de detritos — uma espécie de anel formado por poeira e pequenos fragmentos espaciais. A presença de água nesses locais é de grande interesse, porque ela é essencial para a formação de planetas e para possível surgimento da vida. O Webb olhou com atenção nosso próprio sistema solar. Ao

examinar o cometa interestelar 3I/Atlas, apresentou um novo herói do espaço, o mais antigo já descoberto, possivelmente com 7,5 bilhões de anos — a Terra tem cerca de 4,5 bilhões de anos. A beleza do feito: o 3I/Atlas é como um mensageiro do tempo, ao permitir o estudo de outras regiões do infinito sem que seja preciso, de fato, visitá-las.

Ao mirar o invisível, o James Webb emociona, mexe com corações e mentes, ancorado em ciência razoavelmente simples, daí sua extraordinária beleza. A sensibilidade do aparelho se deve, em parte, ao seu tamanho. Quanto maior o espelho principal de um telescópio, mais luz ele pode coletar — como um balde maior coleta mais água da chuva. E o Webb tem um espelho de 25 metros quadrados e 6,5 metros de diâmetro, uma enormidade para os padrões que existiam até agora. É natural que, nos próximos anos, ele produza outras descobertas, que podem não mudar o mundo em que vivemos, de guerras e estupidez, mas ao menos nos fará pensar — e então terá valido a pena, ao nos contar segredos e enigmas. É a pesquisa espacial a serviço do fascínio da humanidade pelo que vai acima de nós, no infinito. É alimento para anseio magistralmente resumido por uma frase do evangelizador da astronomia, Carl Sagan (1934-1996): “Às vezes acredito que há vida em outros planetas, às vezes acredito que não. Em qualquer dos casos, a conclusão é assombrosa”. Sigamos assombrados. ■

Alessandro Giannini



RAFAELA ARIÚJO/FOLHAPRESS



SILENCIOSOS Celulares dos alunos guardados em caixas: as pesquisas apontam que a concentração melhorou

JUVENTUDE DESPLUGADA

O ANO LETIVO nas escolas brasileiras começou com uma mudança radical. Os smartphones foram proibidos para quaisquer atividades não educativas, inclusive nos intervalos das aulas. Muitos acharam que a adaptação seria difícil, e uma parcela de estudantes e pais torceu o nariz. Houve protestos de todos os lados, e os professores e educadores ficaram na linha de frente para acalmar os ânimos e mostrar que o objetivo da restrição era melhorar o processo de aprendizado. Agora, com o encerramento do primeiro ano letivo desplugado, o saldo parece positivo. Até quem foi contra no início passou a aceitar a medida — hoje, 80% dos responsáveis concordam que era preciso

botar um freio nas telas. O resultado é visto dentro e fora da sala de aula: uma pesquisa realizada pela Frente Parlamentar Mista da Educação indica que 83% dos estudantes brasileiros têm prestado mais atenção aos conteúdos ministrados. Agora, muitos deles já se acostumaram com a restrição e nem levam mais os aparelhos para as escolas. Quem ainda carrega o smartphone se habituou a deixá-lo no armário, na mochila ou em um canto reservado para essa finalidade. Se houver necessidade de uso, há espaços dedicados estabelecidos pelos colégios.

A decisão em solo brasileiro vai ao encontro de uma tendência global, com notáveis ganhos à formação. Um estudo nas escolas finlandesas, por exemplo, apontou aumento na concentração e na participação ativa dos alunos. No Reino Unido, onde as proibições começaram por iniciativa das próprias instituições de ensino, não por uma diretriz federal, as interações entre as crianças se ampliaram sem o desvio de atenção provocado pelos dispositivos. A Coreia do Sul anunciou medidas semelhantes em agosto e a Suécia deve proibir os aparelhos a partir do próximo ano letivo. Até nos Estados Unidos a discussão ganha corpo. Por lá, cada unidade da federação pode decidir suas regras e 35 estados já começam a implementar algum tipo de restrição. Na esteira dessas decisões, especialistas e autoridades avançam na discussão de que é imperativo limitar a entrada de menores de 14 anos nas redes sociais. O objetivo, segundo os defensores da proposta, é preservar o próprio bem-estar psíquico da nova geração. ■

André Sollitto



PRISCILA BÜTLER/SPORTS PRESS/GETTY IMAGES

**ESPERANÇA**

O menino carioca ergue a taça do ATP 500 da Basileia: do 145º ao 24º lugar no ranking mundial do tênis

NÃO É MAIS UM JOÃO-NINGUÉM

ERA UM GAROTO que não sabia quem são os Rolling Stones (os Beatles, sim) e que gosta mesmo é do rapper cearense Matuê. Como quem andava distraído por aí, viajando e treinando, de raquetes a tiracolo, ele inaugurou o ano na posição de número 145 no ranking mundial do tênis — encerra o glorioso 2025 lá em cima, em 24º lugar. Surpresa, sim, mas não para quem acompanha o esporte. Terminou a temporada com 42 partidas oficiais, 26 vitórias e 16 derrotas. Tem 1,75 milhão de dólares a mais no bolso (não que precisasse, porque o pai é um renomado investidor do mercado financeiro). E então, aos 19 anos, o garoto carioca virou

esperança real, possível herdeiro de dois gigantes históricos brasileiros, Maria Esther Bueno e Gustavo Kuerten. Ganhou dois torneios de alto nível, o ATP 250 de Buenos Aires e o ATP 500 da Basileia. Levou também os challengers de Camberra e Phoenix, competições de menor pontuação. Disputou os quatro torneios de Grand Slam — em Wimbledon e Roland Garros chegou até a terceira fase. Mas ficará para sempre marcado, como cartão de visitas de quem chegou chegando, pelos 3 a 0 que cravou contra o russo Andrey Rublev, então 9º do mundo, na primeira rodada do Aberto da Austrália, em janeiro.

A estrada será longa, e 2026 tende a ser decisivo, a passagem da infância para a idade adulta na modalidade. “Ele chama minha atenção já faz mais de oito meses”, disse o campeoníssimo americano Andre Agassi em setembro. “Vê-lo jogar é uma loucura.” O saque potente e o forehand matador são marcas indelévels de um tenista que veio para tentar o impossível, por ora: ousar enfrentar o espanhol Carlos Alcaraz e o italiano Jannik Sinner. É desafio e tanto, mas a aventura já começou. “As pessoas acham que só porque ele venceu torneios importantes neste ano e ganhou de grandes oponentes, já vai entrar no top 5”, disse o sérvio Novak Djokovic. “Às vezes pode acontecer, mas é normal oscilar entre altos e baixos.” Não há dúvida: no ano que se encerra, o Brasil e o mundo conheceram e reconheceram um atleta que pode tudo, um sujeito que começou como um João-ninguém e agora tem nome e sobrenome, aqui citado pela primeira vez: João Fonseca. ■

Natalia Tiemi Hanada



RICARDO NOGUEIRA/SPORTS PRESS/GETTY IMAGES



ESPERANÇA Carlo Ancelotti: será ele o salvador da pátria, depois de 24 anos da seleção brasileira sem título mundial?

O ITALIANO DO HEXA?

ELEIÇÃO PARA PRESIDENTE? Sim, mas o Brasil estará também de olho em 2026 no italiano Carlo Ancelotti, o treinador da canarinha na campanha da Copa do Mundo dos Estados Unidos, México e Canadá. E, então, que a brincadeira feita por ele entre a ótima vitória contra o Senegal, por 2 a 0, em amistoso disputado em novembro, e o melancólico empate em 1 a 1 contra a Tunísia se torne profecia. Instado a dizer se renovaria contrato com a CBF, ele sorriu e disse, em português muito bom, mesclado de palavras em espanhol: “Não temos pressa para fazer, mas se a ideia for seguir, não tem problema. A verdade é que o contrato antes do Mundial é mais barato e depois

pode ser muito caro”. Será? O problema de Ancelotti, até que desponte no horizonte o tão esperado hexa — e lá se vão 24 anos sem a taça — é que seu futuro está pendurado em um único jogo, a partir das oitavas da Copa. Se perder, vai à lama, porque pelas bandas de cá só o título interessa.

Em 2025, em sua temporada de estreia pela seleção, Ancelotti teve desempenho razoável. Foram oito jogos, com quatro vitórias, dois empates e duas derrotas. Na ponta do lápis: catorze gols marcados e cinco sofridos — contudo, cinco tentos vieram de um único amistoso, contra a Coreia do Sul, o que distorce a percepção geral dos resultados. Não cabe ilusão, o treinador é celebrado por montar equipes sólidas, firmes na defesa e no meio de campo, mas nem tão agressivas assim no ataque. Deve-se louvá-lo por ter organizado o time e, sobretudo, por dois pontos fundamentais: instalar Estêvão, do Chelsea, como titular; e não ter chamado Neymar nem uma única vez desde que chegou, evitando ceder às pressões pelo renascimento forçado do jogador do Santos, que tem vivido do passado, com lampejos de craque cada vez mais raros. A glória de Ancelotti, se houver, servirá ainda como definitiva resposta à postura xenófoba e ridícula dos treinadores Leão e Oswaldo de Oliveira, que, durante o 2º Fórum de Treinadores de Futebol, questionaram o aumento da presença de técnicos estrangeiros no Brasil. Sorrisos amarelos sucedidos de pedidos de desculpas pelas redes sociais mal apagaram o constrangimento. Que Ancelotti salve a pátria de chuteiras. ■

Fábio Altman



A ESTATUETA É NOSSA

Em clima de final de Copa, o país festejou a conquista inédita do Oscar de Filme Internacional por *Ainda Estou Aqui*. Para além do prêmio, o longa dirigido por Walter Salles e estrelado com brio por Fernanda Torres expôs ao mundo uma página sombria do passado nacional **RAQUEL CARNEIRO**

NA NOITE de 2 de março de 2025, a folia de Carnaval foi interrompida para o país inteiro acompanhar, em clima de suspense digno de uma final de Copa do Mundo, o desenrolar de um evento na remota Los Angeles. E deu Brasil, minha

FENÔMENO

Fernanda
Torres em
*Ainda Estou
Aqui* e na festa
do Globo de
Ouro (à dir.)
e o diretor
Walter Salles
com o prêmio:
triunfo em
Hollywood e
nas bilheterias



JEFF KRAVITZ/GETTY IMAGES



MIKE COPPOLA/GETTY IMAGES

gente: em um feito inédito e histórico, que era desejado com ansiedade a cada indicação frustrada de uma produção nacional ao longo das últimas décadas, *Ainda Estou Aqui* enfim lavou a alma cinéfila da nação ao levar a estatueta de melhor Filme Internacional. A vitória foi celebrada com emoção no palco da premiação pelo diretor Walter Salles — e também entre batuques e gritos na Sapucaí, durante os desfiles das escolas de samba cariocas, até as ruas do Pelourinho, em Salvador. A estatueta não veio na categoria principal de filme do ano, nem para Fernanda Torres, indicada como atriz por seu retrato excepcional de Eunice Paiva — a mãe de família de força inquebrantável que se reinventou como ativista pelos direitos humanos após o assassinato do

marido, Rubens Paiva, nos porões da ditadura militar, em 1971. Mas o tamanho da façanha já se revelou imenso — e é claro que a interpretação de Fernanda foi o trunfo que levou o filme tão longe, promovendo de quebra um acerto de contas com uma página sombria do passado brasileiro em pleno palco global. A atriz, curiosamente, iniciou a jornada rumo a esse *gran finale* apoteótico de um modo humilde e desprezioso. Em janeiro, meses antes da festa do Oscar, ela representou o país ao lado de Salles e do colega Selton Mello — que vive Rubens Paiva no longa — no Globo de Ouro. *Ainda Estou Aqui* concorria então nas mesmas categorias de filme internacional e atriz dramática naquele prêmio que é um dos principais termômetros do Oscar. Ao chegar à festa, bateu o desânimo: os brasileiros foram alocados em uma das mesas mais afastadas do palco, “do lado do banheiro”, lembrou Selton. Diante desse possível indício de que o filme seria esnobado, Fernanda tirou o salto alto e passou a desfrutar dos quitutes da festa. Perto do anúncio de sua categoria, porém, foi alertada por um produtor americano: “É melhor colocar o sapato”. Ela venceu o páreo, superando Nicole Kidman e Angelina Jolie — e passou do posto de azarona ao de estrela estrangeira da temporada de premiações americana. Seu triunfo foi essencial para o auge que veio depois no Oscar. *Ainda Estou Aqui* marcou o ano não apenas pela vitória, mas por sua notável força popular: levou aos cinemas perto de 6 milhões de espectadores e atraiu os holofotes de Hollywood para cá. Que venham mais estatuetas, Brasil. ■



PASSADO A LIMPO

“**ACONTECEU**, portanto pode acontecer de novo”, escreveu o italiano Primo Levi, sobrevivente e testemunha do Holocausto. A frase lembra que devemos nos manter alertas quando algo terrível é esquecido sem punição e reflexão. Em 2025, obras notáveis abordaram feridas desse tipo, do filme nacional *O Agente Secreto*, ambientado na ditadura, ao americano *Uma Batalha Após a Outra*, que fala de extremismo, passando pela minissérie *Adolescência*, sobre a vida perigosa dos jovens nas redes, e livros de autores como a chilena Isabel Allende, que revê fantasmas da história de seu país. Em 2025, enfim, a produção cultural encarou temas espinhosos — e saiu engrandecida.

CINEMA

1 O AGENTE SECRETO (BRASIL, 2025)

Marcelo (Wagner Moura) é um homem cercado por mistérios. Ao chegar em Recife, sua cidade natal, ele se instala no prédio administrado por uma idosa onde estão outros “refugiados”, nome dado aos moradores que se escondem de algo ou de alguém. A capital de Pernambuco é apenas um ponto de passagem, onde ele vai reencontrar o filho que mora com os avós para depois fugir novamente. Enquanto espera pela documenta-



SUCESSO O longa de Kleber Mendonça Filho: filme mais premiado em Cannes e representante do Brasil no Oscar

ção falsa, é alocado em um trabalho numa repartição pública. Ao longo de poucos dias, durante o Carnaval de 1977, acontece de tudo um pouco: seu caminho cruza com o de policiais corruptos, mulheres interessadas em algo mais que amizade, matadores de aluguel e até com uma perna cabeluda encontrada na boca de um tubarão. Os absurdos adicionam humor e tensão à trama criada pelo diretor Kleber Mendonça Filho, que enriqueceu o roteiro e o visual do longa com memórias de sua infância no Recife durante a ditadura militar. Ao contrário dos muitos filmes nacionais sobre o período, que pesam a mão no drama ou na violência, *O Agente Secreto* transforma o regime num estado de espírito: quando a lei protege alguns e persegue outros, ninguém está seguro. Filme mais premiado no Festival de Cannes, com distinções para o diretor e o ator principal, a produção segue para representar o Brasil no Oscar de 2026.

2 UMA BATALHA APÓS A OUTRA (ONE BATTLE AFTER ANOTHER, ESTADOS UNIDOS, 2025)

Boa parcela da arte feita em 2025 tentou refletir o tumulto político dos Estados Unidos em pleno segundo mandato de Donald Trump, mas nenhuma outra obra do ano o fez com tanto primor quanto o décimo longa-metragem do cineasta Paul Thomas Anderson. Com base no romance *Vineland* (1990), de Thomas Pynchon, o filme acompanha anos da vida de Bob (Leonardo DiCaprio), um guerrilheiro especializado em explosivos que se apaixona perdidamente por uma camaráda errática de seu movimento de extrema esquerda. Ela, porém, também chama a atenção do soldado Steven Lockjaw (Sean Penn), um supremacista branco. Do triângulo amoroso, surge uma bebê que, dezesseis anos depois, é sequestrada pelo militar e provoca perseguição épica pela Califórnia, amarrada



WARNER BROS. PICTURES

BUSCA IMPLACÁVEL Leonardo DiCaprio em cena explosiva: polarização política inspirou um novíssimo cinema de ação

por atuações exemplares de todo o elenco. Apesar de perspicaz em suas referências à polarização americana, o longa jamais é verborrágico e prioriza seu banquete visual inovador, marcado por uma perseguição automobilística inesquecível.

3 PECADORES (*SINNERS*, ESTADOS UNIDOS/AUSTRÁLIA/CANADÁ, 2025)

O ano que passou foi prolífico para o terror não só em termos quantitativos: diversas produções inocularam algo nobre no gênero, a possibilidade de refletir sobre o mal-estar na civilização atual. Sucessos como *A Hora do Mal* e *Faça Ela Voltar* se esmeraram nisso. Mas nada superou o impacto e a excelência de *Pecadores*. Dirigido por um Ryan Coogler que provou a capacidade de ir muito além do apelo pop de *Pantera Negra*, o longa narra a história de dois gêmeos negros — interpretados por Michael B. Jordan — que voltam à cidade natal, no sul dos Estados Unidos do começo do século XX, para montar um clube de blues. Dessa premissa nasce uma trama assustadoramente vivaz, que fala de racismo e criaturas sobrenaturais enquanto celebra a cultura dos negros americanos.

4 FRANKENSTEIN (*MÉXICO/ESTADOS UNIDOS*, 2025)

Publicado há mais de 200 anos, o romance *Frankenstein ou o Prometeu Moderno* (1818), da inglesa Mary Shelley, reve-

lou-se ao longo do tempo uma alegoria que não esgota. Nos dias atuais, quando a inteligência artificial e outros avanços dão poder desmedido a alguns poucos bilionários geniais da tecnologia, ganhou ressonância ainda maior: a história do cientista que brinca de Deus ao criar um monstro a partir de pedaços de cadáveres se impõe como alerta poderoso. Em sua refinada versão, o mexicano Guillermo del Toro teve a sabedoria de buscar o máximo de fidelidade ao livro, realçando sua potência por meio do visual impecável e das atuações de Oscar Isaac, como o Dr. Victor Frankenstein, e de Jacob Elordi, que faz um monstro humanista e extraordinário.

5 FOI APENAS UM ACIDENTE (YEK TASADEF SADEH, IRÃ/FRANÇA/LUXEMBURGO/ ESTADOS UNIDOS, 2025)

Proibido pelo governo do Irã de fazer filmes, sob acusação de propaganda contra o regime, o diretor Jafar Panahi trabalha de modo clandestino desde 2011. O uso de equipe enxuta e poucas locações fez dele um mestre do roteiro — e elevou a fórmula ao auge com o excelente *Foi Apenas um Acidente*, vencedor da Palma de Ouro no Festival de Cannes deste ano. Na trama, um grupo inusitado de iranianos, presos pelo regime no passado, se une quando um deles crê ter sequestrado o torturador que os aterrozizou. Na tentativa de confirmar sua identidade, eles passam por situações cômicas e dramáticas, enquanto decidem o que fazer com o prisioneiro. Um thriller sobre ética, vingança e perdão.



TELEVISÃO



BEN BLACKALL/NETFLIX

ALERTA A minissérie *Adolescência*:
um hit que causou comoção nos pais

1 ADOLESCÊNCIA (NETFLIX)

Nenhuma outra produção do streaming repercutiu tanto em 2025 quanto *Adolescência*, que se transformou rapidamente na minissérie mais vista da história da Netflix. Lançada sem alarde pela plataforma, a trama causou comoção imediata ao retratar a história do jovem Jamie Miller (Owen Cooper), garoto de 13 anos que é preso como suspeito do assassinato de

uma colega de classe. Idealizada por Stephen Graham, que também dá vida ao pai do réu, a produção se debruça sobre um tema atualíssimo e que assusta famílias em todo o mundo: o isolamento dos jovens em bolhas virtuais e os perigos dos fóruns on-line que disseminam a chamada cultura incel, capaz de transformar adolescentes tímidos em figuras machistas e violentas, que culpam mulheres pela rejeição masculina. Visceral e realista, a história ultrapassou as telas e impôs reflexões em lares e escolas, convertendo-se em alerta valioso para pais e responsáveis e em instrumento de conscientização sobre temas como bullying e misoginia. Catalisadora de discussões tão complexas quanto necessárias, a trama também inovou estilisticamente: todos os quatro episódios foram gravados em plano-sequência, dando vazão às emoções sem cortes ou interrupções e rendendo ao estreante Owen Cooper o título de artista mais jovem a conquistar o Emmy de melhor ator. Uma surpresa muito bem-vinda em um ano marcado por tramas viscerais.

2 THE PITT (HBO MAX)

Na trilha de outras séries de 2025 que tocam em assuntos caros ao mundo real, a produção médica *The Pitt* renovou o filão dominado por amenidades como *Grey's Anatomy* com uma proposta perturbadora: cada um dos quinze episódios transcorre ao longo de uma hora do plantão de um pronto-socorro liderado pelo Dr. Robby (Noah Wyle), um médico experiente mas traumatizado pela morte de seu mentor na



HBO MAX

QUESTÃO DE SAÚDE *The Pitt*: série médica
que expõe mazelas com realismo

pandemia — e às voltas com o sucateamento do sistema de saúde americano. Filmada majoritariamente em plano-sequência, a série acompanha diversos casos, de uma mãe preocupada com os pensamentos feminicidas do filho adolescente, passando por universitários morrendo de overdose por fentanil, até desaguar no auge eletrizante: um tiroteio em massa num festival de música leva dezenas de vítimas ao hospital, tornando o local uma zona de guerra. Dosando bem o drama com atuações de primeira, e ainda ressaltando a importância de manter a saúde mental dos profissionais de saúde, a série foi uma das melhores surpresas do ano.

3 O ESTÚDIO (APPLE TV)

Série que consolida 2025 como o ano do plano-sequência na televisão, o arrojado *O Estúdio*, produzido pela Apple TV, tornou-se a comédia mais laureada do Emmy em uma única edição do prêmio, com treze estatuetas, incluindo as de melhor série, roteiro, direção e ator — para Seth Rogen, criador da trama e intérprete do protagonista Matt Remick, o chefe do Continental, um estúdio fictício em Hollywood. Inspirada nos absurdos que acontecem nos bastidores da indústria, a trama acompanha as peripécias do executivo de alto escalão apaixonado por cinema, mas que descobre que o cargo exige sacrifícios como produzir um filme ridículo sobre uma bebida em pó saborizada chamada Kool-Aid, ou lidar com o estrelismo de artistas como Olivia Wilde e Zoë Kravitz e com a pressão de diretores vencedores do Oscar do calibre de Ron Howard e Martin Scorsese. O mais curioso é que toda essa gama de famosos reais topou atuar na série, interpretando a si mesmos. O texto irônico se alia ao virtuosismo visual para brindar o espectador com um pacote irresistível.

4 OS DONOS DO JOGO (NETFLIX)

Apesar do domínio estrangeiro, o Brasil também marcou presença entre as histórias mais aclamadas do ano. Lançada pela Netflix no último trimestre, *Os Donos do Jogo* provou que o país é capaz de levar para as telas toda a complexidade e violência das clássicas tramas de máfia exploradas à

exaustão por Hollywood. Com um ar de *O Poderoso Chefão* e DNA extremamente brasileiro, a série de Heitor Dhalia dramatiza com liberdade ficcional o submundo do jogo do bicho, acompanhando a guerra de sucessão familiar entre os clãs mais poderosos da contravenção carioca e a modernização do jogo, com a chegada os cassinos on-line. Envolvente e bem produzida, a história furou a bolha nacional e fez sucesso também no exterior, garantindo uma segunda temporada.

5 MUSSOLINI: O FILHO DO SÉCULO (MUBI)

O avanço da extrema direita e de governos que flertam com o autoritarismo em todo o mundo fez de 2025 terreno fértil para tramas com forte teor político. Em um cenário cada vez mais polarizado, e com absurdos normalizados, *Mussolini: o Filho do Século* se destaca como uma produção histórica certa, que usa a ascensão do ditador italiano para reacender a memória dos horrores do passado e tecer alertas valiosos sobre o presente da humanidade. Inspirada no primeiro livro da aclamada pentalogia de Antonio Scurati, a série comandada por Joe Wright explora as motivações do tirano, seus relacionamentos amorosos, desvios de caráter e temores, compondo um personagem complexo e reconhecível em diversas camadas da sociedade, especialmente nas elites do poder político.



MÚSICA



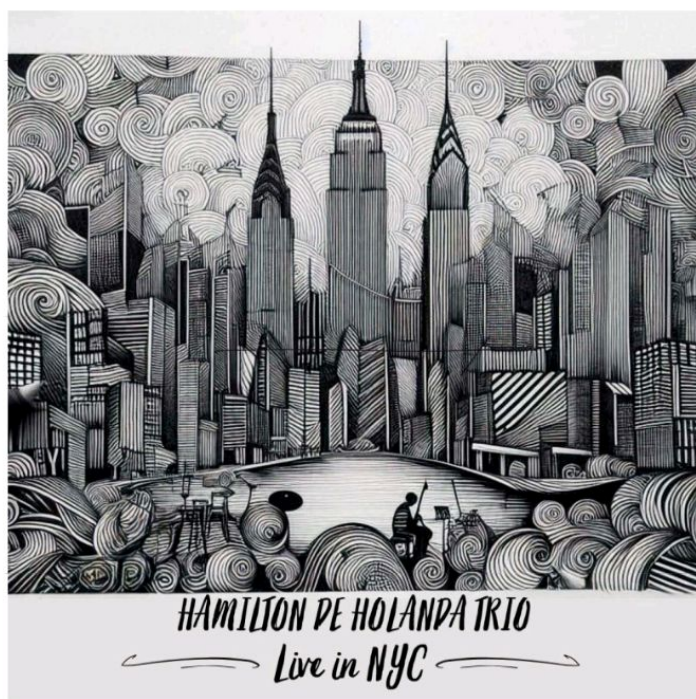
1 LUX, DE ROSALÍA

Bastou uma canção para que a espanhola Rosalía, expoente de uma releitura turbinada do flamenco, alterasse completamente as expectativas em torno de si. *Berghain* — cantada com a veterana Björk e o vanguardista americano Yves Tumor — chegou às plataformas de streaming duas semanas antes de *Lux* e surpreendeu com a base instrumental frenética tocada pela Orquestra Sinfônica de Londres e o tratamento sacro aplicado ao título hedonista, nome de uma escandalosa casa noturna em Berlim. Tal justaposição é aprofundada ao longo das outras catorze faixas do disco, cada qual inspirada em uma santa diferente. Olhando não só para as histórias de cada figura, a jovem também levou em consideração suas origens e fez questão de cantar em suas respectivas línguas. Desse modo, o trabalho sincrético não reuniu apenas estéticas musicais variadas como treze línguas diferentes, do português ao ucraniano — exemplo do apuro, da disciplina e da inovação de que o pop de 2025 carecia. Em outras palavras, um milagre.

DIVINA A jovem e empoderada Rosalía: pop revigorado por inspirações clássicas

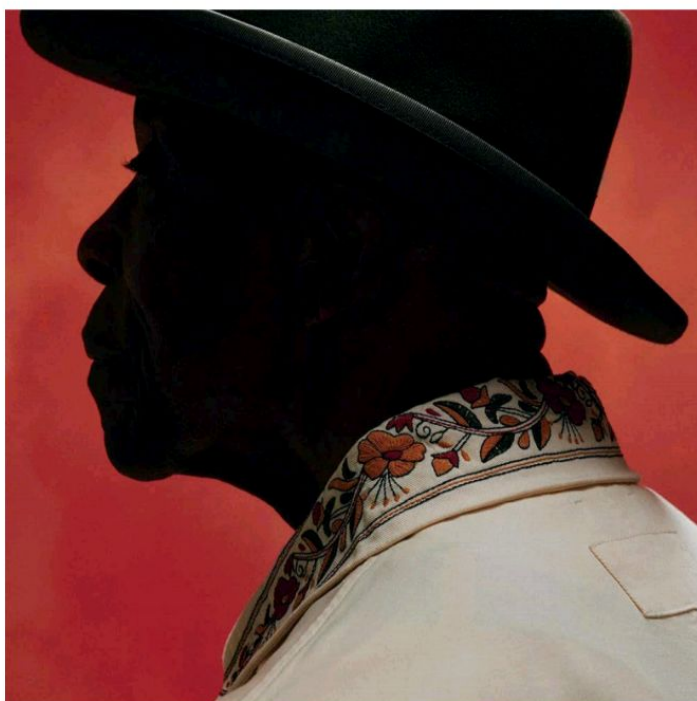


MAURICIO SANTANA/BETTY IMAGES



2 HAMILTON DE HOLANDA TRIO – LIVE IN NYC, DE HAMILTON DE HOLANDA

Embaixador informal da música brasileira, Hamilton de Holanda viaja há anos pelo mundo com seu fiel bandolim de dez cordas, uma criação própria que aproxima o instrumento de um violão e encanta qualquer plateia. Uma delas foi a do lendário clube Dizzy's, em Nova York, onde o músico gravou o disco ao vivo junto do baterista Thiago “Big” Rabello e do tecladista Salomão Soares, em outubro de 2024. Capturando interações melódicas com o público e improvisos encantadores que bebem do choro, o registro é prova viva de que “cabe o mundo inteiro em uma música”, como disse Holanda a VEJA.



3 AIN'T DONE WITH THE BLUES, DE BUDDY GUY

Buddy Guy chegou a Chicago nos anos 1950 determinado a viver de música. Apesar de conquistar seus pares com o talento na guitarra, incluindo o precursor do blues Muddy Waters, ele só foi consagrado pelas grandes premiações da música nos anos 1990. Para alguém que foi devidamente reconhecido tão tardiamente, faz mais do que sentido Guy declarar que “ainda não terminou com o blues”, como diz o título de seu último álbum. No disco lançado em 30 de julho, quando o guitarrista completou 89 anos, ele canta sobre o lugar que o blues ocupa em sua vida, faz homenagens a veteranos como B.B. King e relembra altos e baixos de sua trajetória.



LIVROS



1 MEU NOME É EMILIA DEL VALLE, DE ISABEL ALLENDE (TRADUÇÃO DE IVONE BENEDETTI; BERTRAND BRASIL; 308 PÁGS.)

Fruto de um breve relacionamento entre uma noiva irlandesa e um forasteiro chileno na Califórnia, Emilia del Valle, nascida em 1866, destoa das demais garotas de sua época: ela não pensa em casamento, gosta de ler e escrever e tece histórias sanguinolentas — passatempo que se torna fonte de renda quando ela vende folhetins sob um pseudônimo masculino. Contratada por um jornal, Emilia vira correspondente da guerra civil que tomou o Chile no fim do século XIX. O drama fictício, com pitadas de realidade, serve como um distante precursor de *A Casa dos Espíritos*, livro monumental da autora, de 1982, sobre uma família chilena afetada pela ditadura — trama que remete à trajetória da própria autora, que fugiu da opressão

de Augusto Pinochet. Prolífica, a romancista de 83 anos tem um olhar afiado para o passado de seu país — lente pela qual espelha dilemas do presente.

CONSCIÊNCIA

Isabel Allende: passado resgatado para falar do presente

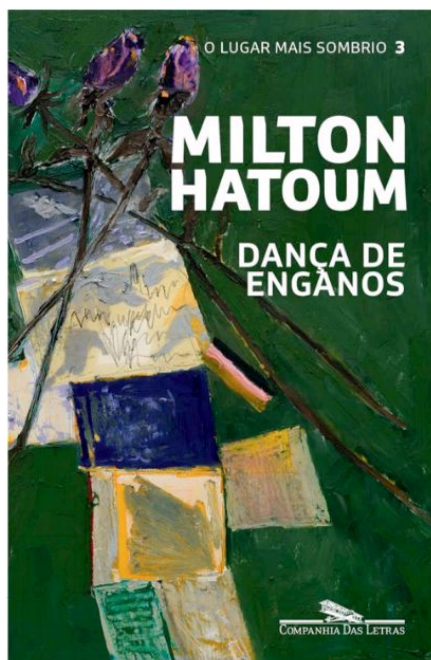


GONZALO ESCOBAR/ALAMY/FOFOTRENA



2 SEM DESPEDIDAS, DE HAN KANG (TRADUÇÃO DE NATÁLIA T. M. OKABAYASHI; TODAVIA; 272 PÁGS.)

Han Kang consolidou o prestígio coreano nas letras em 2024, ao receber o Nobel de Literatura. A escritora de 54 anos ficou marcada na infância pela violência política e estatal contra um protesto estudantil em sua cidade natal, em 1980. Em *Sem Despedidas*, os ecos de um trauma coletivo estão de volta, ao revistar um massacre que marcou o país asiático nos anos 1940. Assim, ela mergulha no tema mais caro de sua ficção: o desajuste social provocado pelas lacunas imemoriais de um povo. Entre cenários oníricos e reflexões sobre identidade, a autora reafirma sua potência literária e seu desejo de recontar a história sul-coreana — dessa vez, sob a atenção do mundo inteiro.



3 DANÇA DE ENGANOS, DE MILTON HATOUM (COMPANHIA DAS LETRAS; 256 PÁGS.)

Em 2017, bem antes da atual leva de produções ficcionais que reacendem o debate sobre os anos de chumbo da ditadura militar, o amazonense Hatoum iniciou a saga *O Lugar Mais Sombrio*, que expõe o impacto do regime autoritário sobre a vida das pessoas por meio da história de Martin, estudante crescido entre Brasília e São Paulo a partir do final dos anos 1960 — e que tem seu destino atingido pela atmosfera tóxica do período. Nesse terceiro livro, o ponto de vista é o da mãe do protagonista, Lina. Em meio a um turbilhão de memórias, ela expõe a razão de seu desaparecimento quando o filho era criança, trauma que ele carregou pela vida inteira.



Com reportagem de Giovanna
Fraguito e Nara Boechat

ENTRE TAPAS E BEIJOS

Relacionamentos – amorosos, políticos, pessoais, profissionais – deram o que falar neste ano, alimentando paixões positivas (outras nem tanto) e fazendo girar com vigor a roda de conquistas e fracassos no universo dos famosos

O ALTAR DA SHOWGIRL

Em agosto, o Instagram tremeu. Em um post-surpresa, a cantora **TAYLOR SWIFT**, 35, anunciou o noivado com o jogador de futebol americano Travis Kelce, 36, com direito a ele fazendo o pedido na pose clássica, de joelhos. “Sua professora de inglês e seu professor de educação física vão se casar”, escreveu. Dias antes, em entrevista de enorme audiência no podcast do amado, *New*

GILBERT FLORES/ILLUSTRATION/GETTY IMAGES



Heights Show, ela havia revelado o lançamento de seu décimo segundo álbum de estúdio, *The Life of a Showgirl* – imediato sucesso nas paradas. Lá, contou que gravou o disco nos intervalos de sua turnê *Eras* pela Europa. “Fazia três apresentações seguidas e tinha três dias de folga. Estava mentalmente estimulada e muito animada para criar”, disse, entre suspiros. Há rumores de que o casal planeja se casar em meados do ano que vem em Rhode Island, onde a cantora tem uma casa que acaba de entrar em reformas.

INSTAGRAM @GISELE





VIVENDO A VIDA

Três anos após o divórcio do atleta Tom Brady, com quem tem os filhos Benjamin, 15, e Vivian, 12, e solteira desde então (até onde se sabe), a muito discreta modelo **GISELE BÜNDCHEN**, 45, aprofundou a relação com o instrutor de jiu-jitsu Joaquim Valente, 36, dando à luz em fevereiro (até onde se sabe) seu terceiro bebê, um menino cujo nome definitivamente não se sabe. “Tenho estado silenciosa por aqui, mas ocupada vivendo a vida. Às vezes, os momentos mais lindos não são compartilhados, são simplesmente vividos”, filosofou ela em uma rede social. Na trilha dos laços interpessoais, Gisele fez uma nova amiga, Ivanka Trump, 44, aluna de Valente, com quem passeou de iate em Miami e embarcou em viagem à Costa Rica. Outra pérola da modelo: “Há apenas uma coisa mais preciosa do que o nosso tempo. É com quem escolhemos passá-lo” – no caso, com a filha do presidente. Nada mau.

MALDADE APLAUDIDA

Em meio a crises de elenco e de audiência, o remake da novela *Vale Tudo* foi salvo pela impecável atuação de **DEBORA BLOCH**, 62 anos, no retorno de Odete Roitman, a mãe de todas as vilãs – tão má, mas tão má, que acabou criando um vínculo com os noveleiros. Com bordões politicamente incorretos e cenas sensuais com michês, a personagem ganhou um update de empodera-

TV GLOBO



mento feminino, prato cheio servido pela atriz afiada, e ainda fugiu no fim, vivinha da silva. Debora prefere não assumir sozinha os louros do sucesso. “A gente nunca sabe o motivo, mas acredito que é o resultado da junção de uma boa história, uma equipe talentosa e um elenco comprometido”, afirma. Missão cumprida, ela planeja um 2026 sabático, decisão já alinhada com a direção da TV Globo. “Por ora, Europa”, diz, de malas prontas para a Itália.



VIVA A DIVERSIDADE

Firme e forte no movimento de renovação e inclusão de seu quadro de “imortais”, a Academia Brasileira de Letras (ABL) acomodou na cadeira 33 a escritora **ANA MARIA GONÇALVES**, 54 anos, primeira mulher negra a se instalar na casa fundada pelo também negro Machado de Assis. Mineira de Ibiá, autora do best-seller *Um Defeito de Cor*, um dos mais importantes deste século, com mais de 180 000 exemplares vendidos, Ana Maria é também a mais jovem entre seus pares. “Uma das minhas missões é promover a diversidade nesta casa e fazer avançar as coisas que nela eu sempre critiquei”, disse na cerimônia de posse, cheia de ideias para agitar a centenária instituição.



“BORA PRA CIMA”

Para o bem ou para o mal, a influenciadora e apresentadora do SBT **VIRGINIA FONSECA**, 26, foi notícia o ano inteiro. Em maio, convocada pela Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) das Bets, que investigava os jogos de azar, fez da Câmara um palco e do depoimento, uma ocasião de tietagem explícita. “Que Deus abençoe nossa audiência e bora pra cima”, disse, distribuindo selfies com deputados e elogios ao então marido, o cantor Zé Felipe, 27, na “plateia”. Dias depois, a influencer de mais de 50 milhões de seguidores anunciou de supetão sua separação, logo superada: antes de o ano acabar, confirmou os boatos e posou, rostinho colado, com o jogador de futebol Vini Jr., 25, tendo ao fundo uma cama com pétalas e corações. Quer mais? Pois, quando o Carnaval chegar, será a rainha de bateria da Grande Rio, no lugar de Paolla Oliveira. “Bora pra cima” mesmo.

ADEUS, CASA BRANCA

No governo que Donald Trump inaugurou em janeiro, o segundo maior destaque – porque ninguém tira do chefe a primeira posição – foi o titã tech **ELON MUSK**, 54. Na condição de conselheiro-mor, tornou-se presença constante na Casa Branca e chegou a declarar que amava Trump tanto quanto “um homem heterossexual pode amar outro homem”. Aí, de repente, o bromance (romance entre brothers) terminou, com Musk reclamando no X de medidas econômicas do governo e Trump se declarando “muito decepcionado” com o ex-amigo. O empresário voltou a dar atenção aos negócios, que não andavam bem, e marcou um tento: conseguiu fazer aprovar para si um pacote de remuneração que pode chegar a 1 trilhão de dólares se cumprir certas metas até 2035.



O EX-PRÍNCIPE VIROU SAPO

Há muito tempo os plebeus não assistiam a uma derrocada real tão fulminante. No início de outubro, farto dos problemas criados pela conexão do irmão Andrew com Jeffrey Epstein, notório explorador sexual de menores que se suicidou na prisão, o rei Charles III assinou um decreto raramente acionado que tirou dele os títulos de príncipe e duque de York, o tratamento de Sua Alteza Real, o palacete em que morava quase de gra-

ça e todas as regalias a que estava acostumado. Agora cidadão (mais ou menos) comum, **ANDREW MOUNTBATTEN-WINDSOR**, 65 anos, ganhou como prêmio de consolação uma casa bem mais modesta, a três horas de Londres, onde se espera que leve a vida mais discreta possível. Dizem as más línguas que o empurrão para o rei tomar a decisão que adiava há tempos partiu do herdeiro, príncipe William – ele sim, popular como nunca, como mostrou em rápida passagem pelo Brasil.



CHRIS JACKSON/BETTY IMAGES

MUSA BOIADEIRA

Até o começo do ano, **ANA CASTELLA**, 22 anos, fazia sucesso com o público infantil em vídeos que viralizavam no TikTok. Decidida a tomar de assalto o mundo adulto, trocou os palcos no interior do Mato Grosso do Sul, onde se criou, pelas rádios e plataformas digitais, tornando-se um fenômeno musical – a ponto de se exibir como embaixadora da edição de setenta anos da Festa do Peão de Barretos, posto usualmente ocupado por nomes como Gustavo Lima. Agora se prepara para mais um salto: sua estreia como atriz na nova novela das 7 da Globo, *Coração Acelerado*, que vai ao ar em janeiro. “Estou tentando criar uma cabeça mais forte para lidar com esse mundo. Não é fácil para mim”, desabafou recentemente, após chorar durante um show. Para aliviar, engatou romance com Zé Felipe, 27, o ex da influencer Virginia Fonseca (veja a nota “Bora pra cima”). Desta vez, sem drama. “Está todo mundo feliz”, garante.



TV GLOBO

DONO DA BOLINHA

Graças a **HUGO CALDERANO**, 29, os brasileiros descobriram que o tênis de mesa, nome chique do popular pingue-pongue, é esporte sério. Em abril, o mesa-tenista fez história com o maior título de sua carreira e o primeiro ouro das Américas na Copa do Mundo ITTF de Tênis de Mesa 2025, disputada na China, derrotando os três melhores do mundo. Em seguida, alcançou o vice-campeonato no mundial disputado em Doha e, na sequência de pódios, arrebanhou o título individual e de duplas mistas no Pan American Table Tennis Championships, em outubro. “Vivo no tênis de mesa há muitos anos, sei o quão difícil é a concorrência. Não vou parar por aqui. Vou em busca de muito mais”, promete ele, que encerra 2025 como o número 3 no ranking mundial.



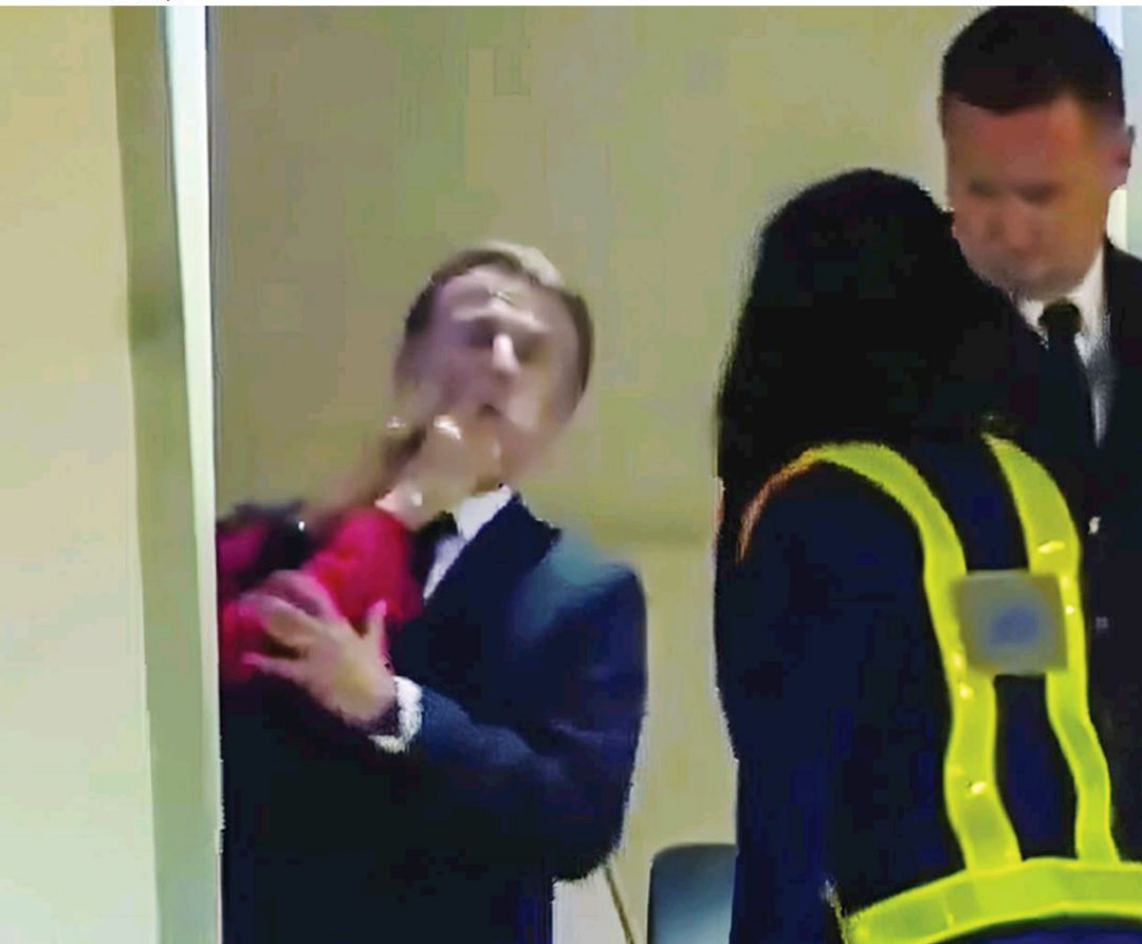


NEIL CONSTANTINE/NURPHOTO/AFP

MAÇÃ MAIS VERMELHA

Para não deixar dúvida de que os eleitores querem sangue novo na política, a população de Nova York elegeu o mais impensável dos prefeitos: **ZOHRAN MAMDANI**, millennial de 34 anos, imigrante nascido em Uganda de pais indianos, muçulmano praticante crítico de Israel e, ainda por cima, autodeclarado socialista, da ala mais à esquerda do Partido Democrata. Depois de tomar posse, em janeiro, Zohran, como é chamado

por todo mundo, vai ter de driblar muita oposição, inclusive dos caciques do próprio partido, para aprovar promessas populistas, como transporte público gratuito, congelamento de alguns aluguéis e aumento do salário mínimo. Virou, como não podia deixar de ser, alvo preferencial de Donald Trump, que o qualifica de “comunista radical”. Essa briga promete.



LA VIE EN ROSE, SÓ QUE NÃO

Cortando um dobrado para governar sem maioria desde a infeliz convocação de uma eleição fora de hora que tinha tudo para perder, e perdeu, o presidente francês **EMMANUEL MACRON**, 47 anos, ainda passou pelo dissabor de ser fotografado levando um tapa na cara da mulher, **BRIGITTE**, 72, pouco antes de desembarcarem de um avião no Vietnã. “Estávamos brincando, como fazemos com frequência”, ten-



tou despistar Macron, sem convencer ninguém. Capaz até que tenha sentido um tiquinho de inveja do ex-presidente e adversário político **NICOLAS SARKOZY**, 70: primeiro chefe de Estado francês a ser condenado a cinco anos de reclusão por “associação criminosa” em financiamento ilegal da campanha, Sarkozy apresentou-se de mãos dadas com a mulher, a cantora **CARLA BRUNI**, 57, e dela ganhou um beijo de despedida. A prisão, aliás, durou pouco: menos de um mês depois, saiu em liberdade condicional. Bruni estava lá para recebê-lo. ■

VEJA ESSA



CHEGA DE DISSE ME DISSE

Na defesa dos direitos individuais e coletivos, na luta pela correção e contra os abusos autoritários, em tempo de tanta mudança tecnológica, as frases de 2025 deram o que falar

PASCAL LE SEGRETAIR/GETTY IMAGES



ESPELHO, ESPELHO MEU...

“O resto tá pior.”

XUXA, ironizando comentários feitos nas redes sociais depois de postar fotos sem retoques

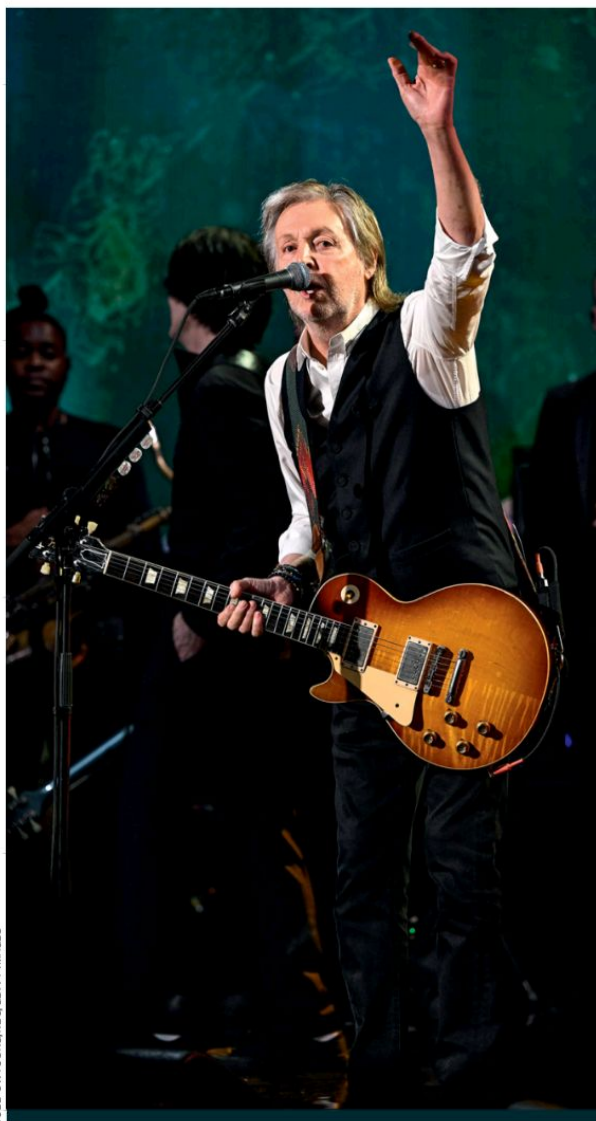
“Se amanhã eu quiser virar o Sméagol (da saga O Senhor dos Anéis) ou Fofão, eu viro. Se quiser ficar desfigurada, eu posso. O corpo é meu.”

ANITTA, ao rechaçar as críticas contra a sucessão de procedimentos estéticos a que se submeteu em 2025

ADMIRÁVEL MUNDO NOVO

“Se olharmos para a história da humanidade, as máquinas sempre criaram disrupção e nos ajudaram a buscar novos patamares. A única diferença agora é que não se trata de agricultura, de manufatura, não é sobre força física ou velocidade. Trata-se de pensamento.”

GARRY KASPAROV, ex-campeão mundial de xadrez, celebrado por ter disputado dois jogos contra um computador, o Deep Blue, no final dos anos 1990. No primeiro embate deu Kasparov; a revanche foi vencida pelo robô



“A verdade é que o dinheiro está indo para algum lugar. Alguém está sendo pago, então por que não deveria ser o cara que se sentou e escreveu *Yesterday*?”

PAUL MCCARTNEY, ao criticar uma decisão do governo britânico que flexibiliza o pagamento de direitos autorais a canções compostas com o uso de inteligência artificial

“O Spotify foi a pior coisa que aconteceu para os músicos. A cultura do streaming mudou toda uma sociedade e toda uma geração de artistas.”

BJÖRK, cantora e compositora islandesa

ECONOMIA DE PALAVRAS

“Me sinto um tradutor.”

GABRIEL GALÍPOLO, presidente do Banco Central, ao explicar como faz para que as demandas do mercado conversem com as exigências das políticas públicas, sem ferir a autonomia da instituição

“Eu queria pedir para ele, por favor, não comunicar mais que vai ter aumento de juros porque aí já atrapalha tudo desde o começo.”

LUIZA TRAJANO, empresária, em um evento na Federação das Indústrias do Estado de São Paulo, a Fiesp. Galípolo, que estava nas primeiras fileiras, sorriu

O “AMIGO” AMERICANO

**“Amo meu país,
mas não
o reconheço
agora.”**

ANGELINA JOLIE, a protagonista de *Couture*, filme recém-lançado, cuja história se passa dentro dos ateliês Chanel, em Paris



ROCCO SPZIANI/MONDADORI/GETTY IMAGES

“Ele (*Trump*) começou a olhar um mapa no meu gabinete e, ao ver o lado esquerdo, perguntou: ‘O que é isso?’. Eu respondi: ‘É o Chile’. E ele disse: ‘Você deveria conquistar o Chile para ter dois oceanos’.”

MAURICIO MACRI, ex-presidente da Argentina, ao revelar conversa com o presidente americano, em 2018, durante seu primeiro mandato na Casa Branca

PODIA TER FICADO CALADO

“Eu sou nazista, digo o que quiser. (...) Me chamem de Yaydolf Yitler.”

KANYE WEST, rapper americano especializado em publicar idiotices antissemitas nas redes sociais só para aparecer

“E você vê um homem grande e alto com uma roupa preta e rabo e chifres e olhos ardentes vermelhos. E você diz: ‘Quem é esse b....? É um político brasileiro?’. Não, não é tão ruim assim. É apenas o diabo.”

BRUCE DICKINSON, vocalista da banda de heavy metal Iron Maiden, em show no The Town, em São Paulo

TEMPO, TEMPO, TEMPO...

“A marginalização das mulheres, depois de certa idade, em especial na indústria do entretenimento, é a informação menos nova do filme.”

DEMI MOORE, 63 anos, que concorreu ao Oscar por *A Substância*

VALÉRIE MACON/AFP



“Não tenho 25 anos, então por que deveria parecer ter 25? Envelhecer é o que acontece quando você tem sorte, significa estar viva.”

CINDY CRAWFORD, modelo, 59 anos

“Idade é um número. Ser feliz é um estado de espírito.”

CLÁUDIA ABREU, atriz, 55 anos

“É melhor sair da política muito bem do que já velho.”

JOSÉ SARNEY, aos 95 anos, o primeiro presidente da República depois da ditadura militar

O JOGO DA MODÉSTIA



INSTAGRAM @ANTONELAROCUZZO

“É fundamental que eles saibam que não somos melhores que ninguém.”

ANTONELA ROCUZZO, mulher de Messi, com quem tem três filhos, em raríssima entrevista

“Vera Fischer só tem uma.”

VERA FISCHER, que interpreta a si mesmo em *Coisa de Novela*, telefilme que homenageou os sessenta anos da TV Globo

É O AMOR...

“Te amo.”

ARYNA SABALENKA, tenista número 1 do mundo, depois de vencer o WTA 1000 de Miami, nos Estados Unidos.

Ela escreveu a frase – em português – numa das câmeras de transmissão. Sabalenka namora o brasileiro Georgios Frangulis, CEO e fundador da Oakberry

**“Trinta e dois anos juntos
e você ainda me tira o fôlego.”**

BARACK OBAMA, nas redes sociais, em declaração de amor a Michelle Obama. Rumores de separação do ex-casal tem se espalhado com frequência. Ela respondeu: “Se tem uma pessoa com quem sempre posso contar, é você, Barack Obama”



MIKE STEWART/ASPIMAGEPLUS

RESPEITO À DIVERSIDADE

“Fernanda, por favor... te amo muito.
Me ajuda com essa galera.”

KARLA SOFÍA GASCÓN, atriz espanhola, candidata ao Oscar pelo filme *Emilia Pérez*, depois de muitos brasileiros destilarem ódio contra ela nas redes sociais. Gascón, uma pessoa trans, foi “rival” de Fernanda Torres na premiação da academia

“É machismo.
Eles não aceitam.”

RYCHARLYSON, ex-jogador de futebol e comentarista da Globo, assumidamente bissexual, relatando as dificuldades em ser considerado ótimo profissional dadas as suas escolhas pessoais

“Por trás desse filtro glorioso vive
um rapaz de infância difícil
por ser um gay afeminado.”

GLORIA GROOVE, drag queen, cantora

BELEZA POUCA É BOBAGEM



INSTAGRAM @MASSAFERA

“Ser bonita abre portas, mas não as mantém abertas.

A trajetória de uma vida não será feita por causa da beleza somente.”

MARIA FERNANDA CÂNDIDO, atriz, estrela da peça *Balada Acima do Abismo*, em que interpreta a escritora Clarice Lispector

“Fiquei mal. Era uma estranha no ninho, e eles passavam do ponto. Só pensava: o espaço existe, vou me dedicar. E como tudo na vida – se eu for limpar um chão, eu me dedico –, não seria diferente.”

GRAZI MASSAFERA, que faz a primeira vilã de sua carreira na novela das 9, *Três Graças*, lembrando do preconceito que sofreu nos primeiros anos da carreira como atriz

SAI PRA LÁ...

**“Vem cá, vocês
estão mesmo
usando essas
cantadas por aí...
e tá dando certo?”**

PAOLLA OLIVEIRA,

a Heleninha da nova versão da
novela *Vale Tudo*, ao ironizar
os tolos que a assediam. Antes
do Natal ela anunciou a
separação do sambista
Diogo Nogueira

**“A liberdade
feminina ainda
está para ser
conquistada.
A dominação
masculina
é evidente.”**

ANNIE ERNAUX,

escritora francesa, Nobel
de Literatura em 2022



INSTAGRAM @PAOLLAOLIVEIRAREAL

*LIBERTAS QUAE
SERA TAMEN*

“Eu gosto de ficar livre. Porque se você faz e entra para o movimento, tem a roupa, tem o cabelo, tem o estilo, tem a palavra, tem o ritmo, o tipo de música, o comportamento. Tudo isso vai aprisionando.”

MARIA BETHÂNIA, ao explicar por que não aderiu ao Tropicalismo do irmão Caetano



35 anos de tradição, inovação e sabor.
NB Steak é onde o churrasco evolui com o tempo,
mas mantém a essência.

Obrigado a todos que fazem parte dessa história.

SÃO PAULO • ALPHAVILLE • CAMPINAS • GOIÂNIA • PORTO ALEGRE

nbsteak.com.br | [@nbsteak](https://www.instagram.com/nbsteak)





SONHOS EM VIDA

A galeria de personalidades que nos deixaram em 2025, ávidas por mudar o mundo



OLHAR ILUMINADO

SEBASTIÃO SALGADO fotógrafo

As câmeras de Sebastião Salgado ensinaram a civilização a enxergar as belezas e os horrores de nosso tempo, em contraste iluminado quase sempre em preto e branco. Não se tratava de recurso dramático, como se a ausência de cores fosse um truque para emocionar. A escolha era um manifesto. “A cor, para mim, era um momento de grande desconcentração quando ia fotografar. As pessoas têm uma ligação muito mais forte com o preto e branco do que com a cor”, disse. O trabalho do mineiro de Aimorés, radicado em Paris havia mais de quarenta anos, ecoará ainda por muito tempo. Tem a dimensão de monstros sagrados como W. Eugene Smith e Henri Cartier-Bresson. Pode ser comparado à obra dos muralistas mexicanos da primeira metade do século XX, como Alfaro Siqueiros e Diego Rivera, registro da miséria e heroísmo de seu povo. Em viagens para 120 países, Salgado registrou o mundo natural e a condição humana, a natureza e o trabalho, indissociáveis. Ele morreu em 23 de maio, aos 81 anos.

MUITO ALÉM DAS TELAS

ROBERT REDFORD

ator, diretor e produtor

O mundo sem Robert Redford teria menos graça — e certamente perderia boa parte de sua beleza. Um dos grandes personagens de nosso tempo, ele foi de tudo: o galã lindo e de interpretação refinada de *Descalços no Parque* (1967), *Todos os Homens*

do Presidente (1976) e *Entre Dois Amores* (1985); dirigiu *Gente como a Gente* (1980), pelo qual recebeu o Oscar; em 2002, ganharia uma outra estatueta honorária por sua contribuição ao desenvolvimento do cinema, em constante casamento de militância com bom gosto. Ao criar o Festival de Sundance, na década de 1980, abriu as portas para trabalhos independentes, cultuados todos os anos — e que forçaram a engrenagem clássica de Hollywood a se mexer, deixando o lugar-comum. Pioneiro na defesa das questões ambientais, preocupado com os indígenas americanos, Redford soube conciliar, como poucos, a atividade meramente artística com a postura política, de modo que uma enriquecesse a outra. Avesso à ribalta, nos últimos anos decidiu se recolher a um rancho na cidade natal de Utah. Morreu em 16 de setembro, aos 89 anos.

OSCAR ABOLFI/PLUP/GETTY IMAGES



DIANE KEATON

atriz

Filha de um engenheiro civil e uma dona de casa que cantava e tocava piano, Diane Keaton começou a fazer sucesso em 1969 com uma montagem teatral de Woody Allen, *Play It Again, Sam*, atalho para a fama delicada, construída nas telas do cinema. Ganharia notoriedade com os dois primeiros filmes da trilogia *O Poderoso Chefão*, na qual interpretou Kay Adams, a mulher de Michael Corleone, vivido por Al Pacino — com quem ela faria um par na vida real. Em 1978, ganharia o Oscar de melhor atriz em *Noivo Neurótico, Noiva Nervosa*, o título risível para *Annie Hall*, a obra-prima de Allen — Hall, aliás, era o sobrenome do pai de Diane, que preferiu tocar em frente com a alcunha da mãe. O diretor — com quem ela também viveria um roman-

ce — nunca escondeu ter se inspirado na companheira ao escrever o argumento do longa. Nas telas e fora delas, revolucionou o modo pelo qual as mulheres eram retratadas por Hollywood. Desde o início, desdenhou do estilo de moças como princesas, trocou as saias por calças compridas, o vestuário feminino por toques masculinos, sempre com firme doçura. Recusava-se a fazer cirurgias plásticas. Morreu em 11 de outubro, aos 79 anos.



LONDON ENTERTAINMENT/BETTY IMAGES

CLAUDIA CARDINALE

atriz

De prostituta a santa, a italiana Claudia Cardinale parecia mover o ar quando se deslocava nos estúdios de cinema, ou então quando as câmeras focavam o olhar inigualável, a um só tempo ingênuo e lascivo. Foi um dos rostos e corpos mais conhecidos

dos anos 1960. La Cardinale, como era conhecida, filmou com Federico Fellini, Sergio Leone, Abel Gance, Werner Herzog e Blake Edwards. Um dos diretores que a tinha como estrela atávica, Luchino Visconti, com quem fez clássicos como *Rocco e Seus Irmãos* (1960), *O Leopardo* (1963) e *Vagas Estrelas da Ursa* (1965), foi direto ao ponto: “Era uma gata em busca de carícias para se transformar numa tigresa e acabar com quem se aproximasse dela”. Morreu em 23 de setembro, aos 87 anos.



SUNSET BOULEVARD/CORBIS/GETTY IMAGES

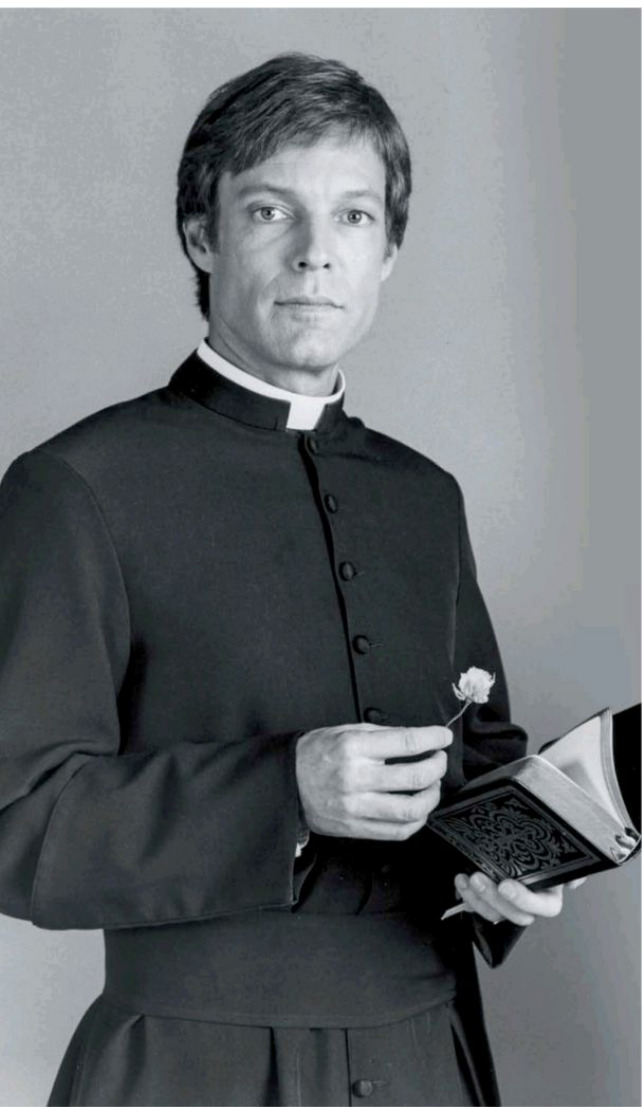
GENE HACKMAN

ator

Não havia nenhuma possibilidade de um filme com o americano Gene Hackman ser ruim ou desinteressante. Com uma carreira de quarenta anos no cinema, em mais de oitenta trabalhos, tinha faro para boas escolhas de temas e diretores. Por *Operação França* (1971) levou o Oscar de melhor ator. Já pela participação em *Os Imperdoáveis* (1992), venceu a estatueta de melhor ator coadjuvante. Alcançou o sucesso relativamente tarde, surgindo aos 30 anos depois de servir como fuzileiro naval. Seu semblante personificava como poucos o anti-herói de Hollywood dos anos 1970. Foi encontrado morto, ao lado da mulher, na residência do casal no Novo México, em 26 de fevereiro. Tinha 95 anos.



STANLEY BIELECKI MOVIE COLLECTION/GETTY IMAGES



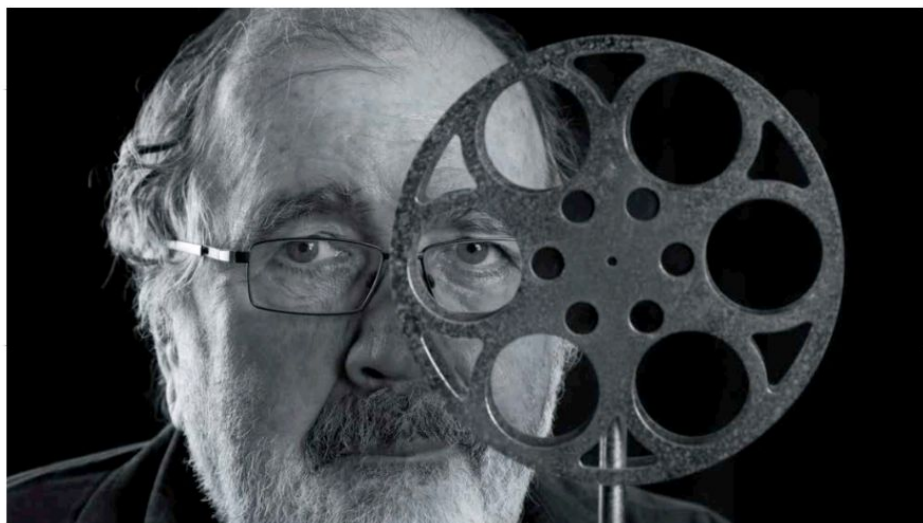
ABC PHOTO ARCHIVES/DISNEY/BETTY IMAGES

RICHARD CHAMBERLAIN

ator

Antes do streaming, antes da onda de séries de inspiração médica, o americano Richard Chamberlain explodiu de sucesso em todo o mundo como o protagonista de *Dr. Kildare*, exibido entre 1961 e 1965 no Brasil pela extinta TV Excelsior. O seriado acompanhava os dramas de um jovem doutor idealista na lida com os pacientes e os corredores do hospital onde trabalhava, em ideia que seria depois repetida ao longo dos anos. Em 1983,

Chamberlain trocava o jaleco pela batina, nos quatro episódios de *Pássaros Feridos*, para viver a história do padre Ralph de Bricassart, que passa a vida no dilema de seguir na carreira religiosa ou abandoná-la por um amor impossível. Morreu em 29 de março, dois dias antes de completar 91 anos.



ERNANI ITAL MEIDA

CACÁ DIEGUES

diretor de cinema

A biografia do Brasil foi escrita por Cacá Diegues nas telas de cinema. Desde um dos segmentos de *Cinco Vezes Favela*, de 1962 — “Escola de Samba Alegria de Viver” —, um dos passos iniciais do chamado Cinema Novo, liderado por Glauber Rocha, até o derradeiro longa, em pós-produção, *Deus Ainda É Brasileiro*, o cineasta, nascido em Alagoas e radicado no Rio de Janeiro, acompanhou os humores de um país a um passo do precipício e em eterna contradição. Em 1980 dirigiu uma obra-prima, *Bye Bye Brasil*. O filme parece um road movie de uma trupe circense, mas é, de fato, a crônica da nação que tentava respirar ao sair da tragédia. A canção-título, de Chico Buarque de Hollanda, servia à perfeição às intenções do trabalho: “Eu penso em vocês night and day/ explica que tá tudo okay/ eu só ando dentro da lei/ eu quero voltar, podes crer/ eu vi um Brasil na tevê”. Morreu em 14 de fevereiro, aos 84 anos.

SILVIO TENDLER

documentarista

E a memória de um país desmemoriado, que de quinze em quinze anos esquece os últimos quinze anos, na perfeita definição do escritor Ivan Lessa (1935-2012)? Quem tratou de zelar para não esquecermos de relevantes passos históricos foi o cineasta carioca Silvio Tandler, documentarista que servia, em igual dimensão, à militância política, sempre à esquerda do espectro político, e ao rigor de pesquisas. Dirigiu clássicos seminais: *Os Anos JK — Uma Trajetória Política*, de 1980; *Jango*, de 1984; e *Tancredo, a Travessia*, de 2011, peças da chamada “trilogia presidencial”. Tinha especial apreço por personagens que tiveram suas vivências interrompidas por repressões ou pela morte — daí a bonita alcunha de “cineasta dos sonhos interrompidos” ou “cineasta dos vencidos”. Ele morreu em 5 de setembro, aos 75 anos.

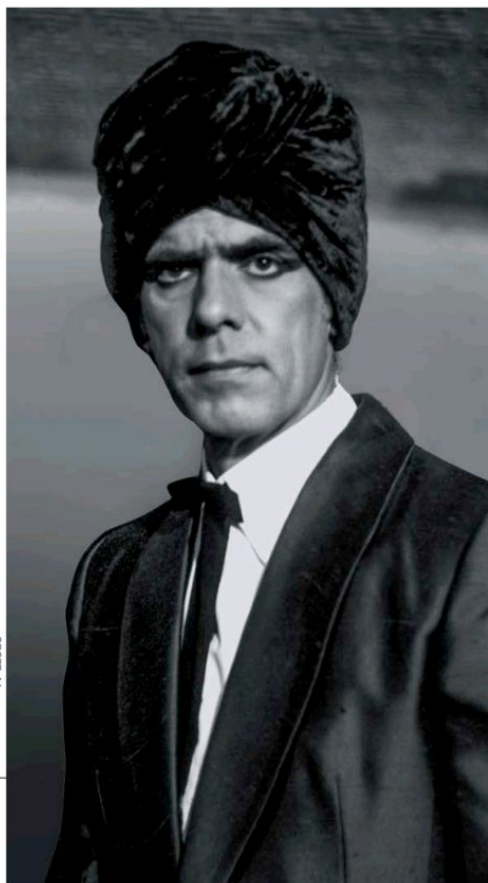


CAIO GUATELLI/FOLHAPRESS

FRANCISCO CUOCO

ator

Ele não era um galã típico, de beleza indiscutível — mas o vozeirão e o olhar a um só tempo frio e romântico fizeram de Francisco Cuoco um dos grandes nomes da televisão brasileira, especialmente no território das novelas. Destacou-se por papéis inesquecíveis como o taxista Carlão de *Pecado Capital*, de 1975, e o charlatão Herculano Quintanilha de *O Astro*, de 1977. Controlava as cenas como muito poucos, herança de sua formação no teatro. Paulistano de quatro costados, nos anos 1950 entrou na Escola de Arte Dramática (EAD), hoje ligada à Universidade de São Paulo (USP). Sua estreia no palco ocorreu em 1958, ao lado de Fernanda Montenegro e Sérgio Britto na peça *A Muito Curiosa História da Virtuosa Matrona de Éfeso*, em um papel sem falas. Foi convidado a fazer teleteatro na TV Tupi e então não parou mais de ganhar relevo. Sem falsa modéstia, definiu sua trajetória com precisão: “Foi baseado em empenho, em entrega, em busca de igualdade. Passaram-se anos e experiências foram acumuladas. Eu perdia tempo, mas depois obtinha resultado. Foi bom”. Foi bom mesmo. Morreu em 19 de junho, aos 91 anos.



TV GLOBO



LUANE NEVES

RIR É O MELHOR REMÉDIO

LUIS FERNANDO VERISSIMO

escritor, humorista, cartunista etc. etc.

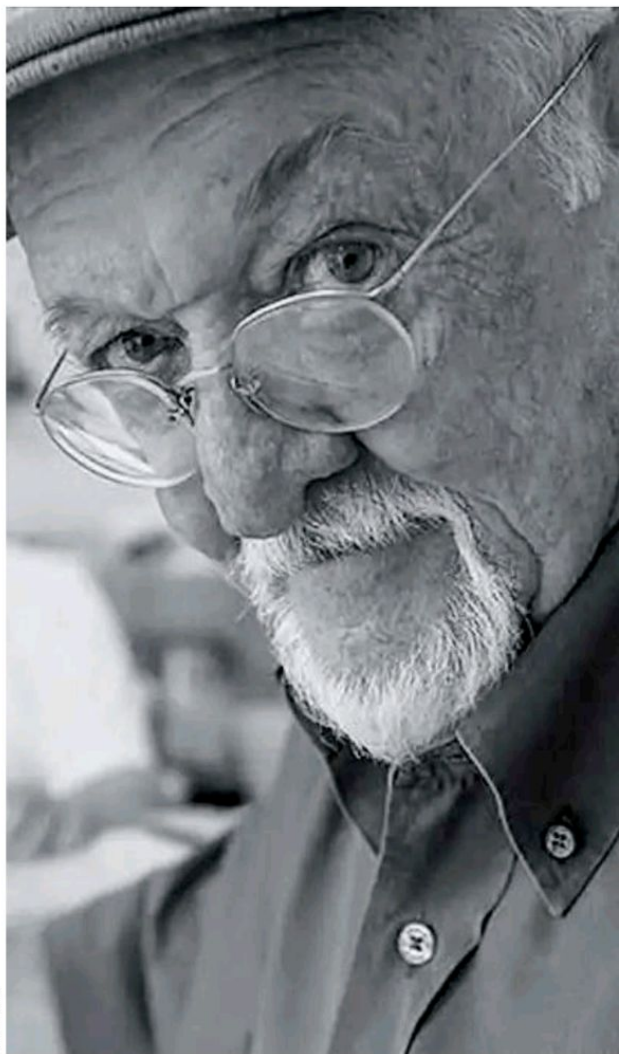
A comédia da vida privada do Brasil nos últimos cinquenta anos foi traduzida com elegância por Luis Fernando Verissimo, que começou tarde seu ofício, aos 33, talvez pelo receio de ser comparado ao pai, Erico Verissimo, autor de obras seminais, como *O Tempo e o Vento*. Ele publicou setenta livros, com mais de 5 milhões de exemplares vendidos, e criou personagens impagáveis: o Analista de Bagé (o psicanalista “mais ortodoxo do que rótulo de Maizena”); a Velhinha de Taubaté (“a única brasileira que ainda acreditava na política”) e o detetive trapalhão Ed Mort. Para o jornalista Sérgio Augusto, “tímido, taciturno, ele encarava o seu humor como um triunfo da técnica sobre a vocação”. Morreu em 30 de agosto, aos 88 anos.

JAGUAR

humorista

Não havia preconceito que Jaguar deixasse de alimentar, nos anos 1960 e início dos 1970 — contra as minorias todas. Defendia os abusos todos: de álcool, cigarro e sexo. Mesmo para um tempo em que as fronteiras do que podia ou não podia ser dito inexistiam, era abusado.

Cartunista das revistas *Senhor e Pif-Paf* e dos jornais *Última Hora* e *Tribuna da Imprensa*, em 1968 faria sucesso com seu primeiro livro, *Átila, Você É Bárbaro*, irônico ataque contra as barbaridades do país cercado pela ditadura militar. Um ano depois, com Tarso de Castro e Sérgio Cabral, fundaria um semanário de humor, *O Pasquim*, que reinventaria o jornalismo e que durou 22 anos, até 1991. Morreu em 24 de agosto, aos 93 anos. Suas cinzas foram espalhados por bares onde bebia.



ABR-JAGUAR



ACORDES DE CORAÇÃO

HERMETO PASCOAL

compositor e multi-instrumentista

Conhecido como “o Bruxo”, por conseguir tirar harmonia e melodia onde se supunha apenas silêncio ou barulho desmedido, o compositor e multi-instrumentista Hermeto Pascoal era respeitado internacionalmente, adorado por mestres como Miles Davis. Já em 1965, com *Em Som Maior*, do grupo Sambrasa Trio, formado por ele no piano, Humberto Clayber no baixo e Airto Moreira na bateria, desnudara-se um artista diferente de tudo o que viera antes e do que viria depois. Contava ter começado a compor porque, albino, não podia trabalhar na roça por não poder pegar sol e, então, tratou de observar os sons. “Eu digo que sou 100% intuitivo, porque aprendi experimentando as coisas que me vinham à cabeça enquanto ouvia os pássaros cantando”, disse certa vez. Aos 10 anos começou a tocar acordeão — e como criança, embebido da ingenuidade das descobertas de uma criança, seguiu compondo e fazendo longos recitais, inclassificáveis. Morreu em 13 de setembro, aos 89 anos.

ANGELA RO RO

compositora e cantora

Foi um espanto quando ela despontou em programas de televisão e nas rádios. A voz rouca e áspera de Angela Maria Gonçalves, a Angela Ro Ro, logo ganhou espaço, apesar do desconforto que provocava, tão diferente que era. Em 1980, ao

misturar blues, samba-canção, bolero e rock, influenciada por Ella Fitzgerald, Maysa e Elis Regina, ela explodiu com um sucesso ainda hoje ruidoso, *Amor, Meu Grande Amor*, sinônimo de uma mulher corajosa, que nunca teve medo de revelar a homossexualidade em um Brasil ainda mais conservador do que hoje: “Amor meu grande amor/Não chegue na hora marcada/Assim como as canções/Como as paixões e as palavras”. Ela morreu em 8 de setembro, aos 75 anos.



FREDERICO ROZARIO/FOLHAPRESS



ANA BRANCO/AGÊNCIA O GLOBO

JARDS MACALÉ

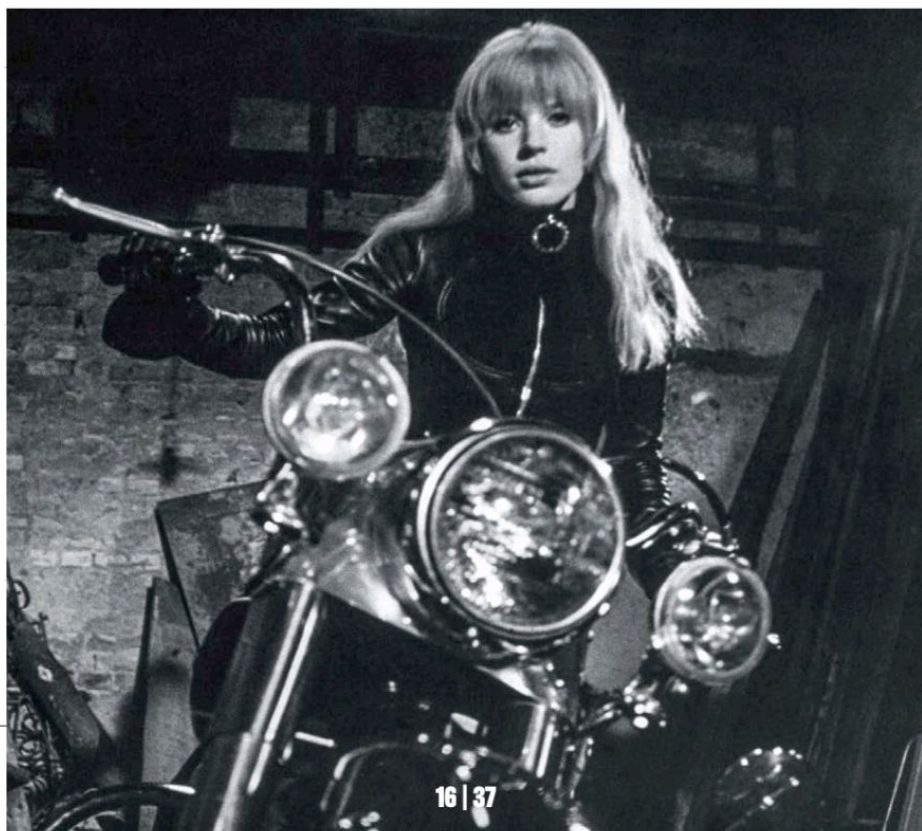
compositor e cantor

Avesso a rótulos, para muitos o “anjo torto” da MPB, Jards Macalé foi personagem fundamental nos primórdios do Tropicalismo. Caetano Veloso, que sempre esteve à frente de todo mundo, ao enxergar influências e estradas que se abriam, convidou Macalé para fazer o álbum *Transa*, gravado em Londres, em 1971. O violão dos lindos acordes iniciais de *Nine out of Ten* é dele, assim com os demais arranjos do álbum que se tornou clássico. Compôs com o poeta Waly Salomão o hino afetivo de uma geração *Vapor Barato*: “Oh, sim, eu estou tão cansado/mas não pra dizer/que eu não acredito mais em você/com minhas calças vermelhas/meu casaco de general/cheio de anéis”. Ele morreu em 17 de novembro, aos 82 anos.

MARIANNE FAITHFULL

cantora e atriz

Ela foi a inspiração para algumas das canções clássicas dos Rolling Stones na década de 1960. Mick Jagger, com quem teve longo romance, diz ter baseado a letra de *Sympathy for the Devil*, em parte, no romance russo *O Mestre e Margarida*, de Mikhail Bulgakov, que Marianne Faithfull lhe havia dado de presente. Ela também proferiu a frase enigmática que inspirou o refrão principal da balada selvagem *Wild Horses* (“Cavalos indomados não me arrastam para longe”). A jovem estrela de rosto angelical e voz suave do pop e do cinema depois mergulharia nas drogas, de onde sairia no fim dos anos 1970 como símbolo de ressurreição. Ouvi-la cantar *As Tears Go By* vale por uma vida inteira. Ela morreu em 30 de janeiro, aos 78 anos.



SUNSET BOULEVARD/CORBIS/GETTY IMAGES



JACK ROBINSON/HULTON ARCHIVE/BETTY IMAGES

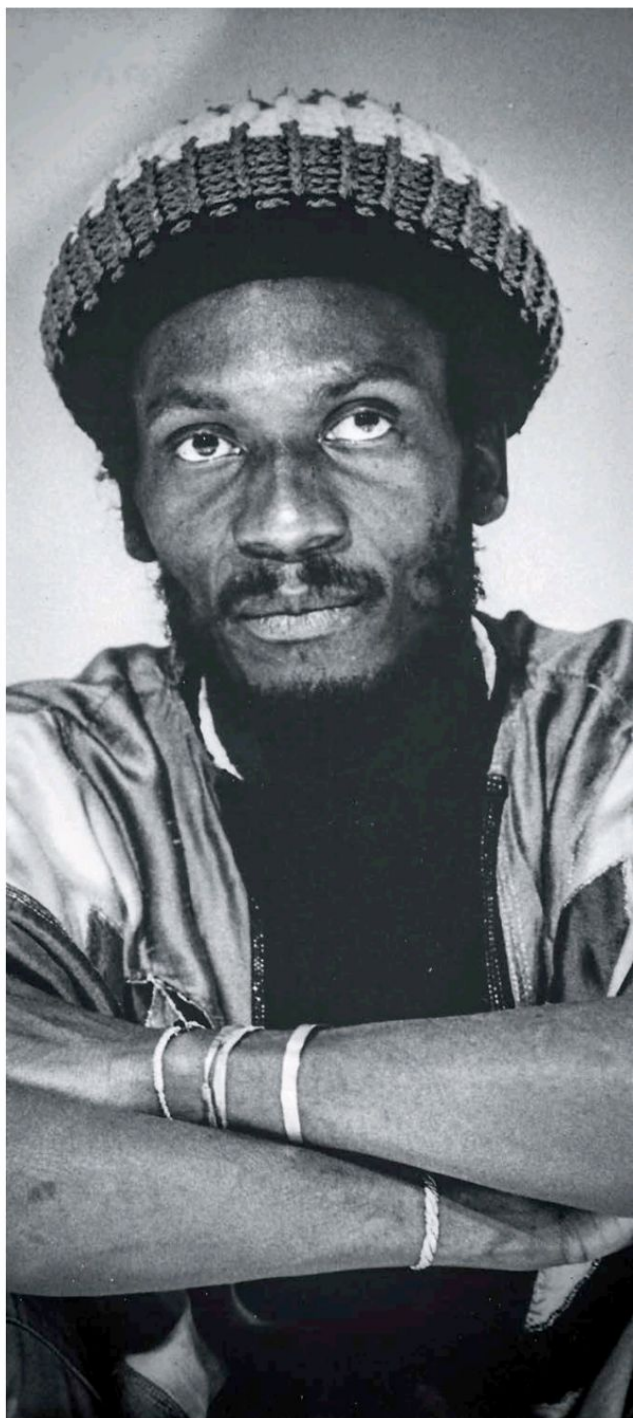
ROBERTA FLACK

compositora, cantora e pianista

Nos anos 1970, poucas artistas rivalizam em popularidade com a compositora, cantora e pianista americana Roberta Flack. Ao misturar soul, jazz e blues, criou um repertório inesquecível, ainda hoje executado em rádios — e, claro, acessado em serviços como o Spotify. O primeiro grande hit foi *The First Time Ever I Saw Your Face*, da trilha sonora do primeiro filme de Clint Eastwood como diretor, *Perversa Paixão*, de 1971. Em 1973, ela gravou *Killing Me Softly With His Song*, que chegou ao primeiro lugar da parada de sucessos da Billboard — e atire a primeira a pedra quem não se emociona aos primeiros acordes de *Killing Me...*: “*Strumming my pain with his fingers/singing my life with his words*”. Roberta morreu em 24 de fevereiro, aos 88 anos.

JIMMY CLIFF

compositor e cantor
Antes de Bob Marley, como estrela nascida na Jamaica para ecoar pelo planeta, houve Jimmy Cliff. Em 1969 ele chegou às paradas britânicas com *Wonderful World, Beautiful People*. Em 1972, ao estrelar o filme *Batalha Sangrenta*, emplacou nas paradas de sucesso globais hits como *The Harder They Come*, o título original do filme em inglês, e *Many Rivers to Cross*. São dele também clássicos como *I Can See Clearly Now* e *Reggae Night*, acusadas de terem acento pop em demasia, na contramão do estilo jamaicano e da cultura rastafári. Cliff morreu em 24 de novembro, aos 81 anos.



CHRISTIAN ROSE/ROGER-VOLLET/AFP



LUCAS LIMA/JOYFOLHAPRESS

PRETA GIL

cantora e empresária

Não é justo que um pai enterre seus filhos. Gilberto Gil foi forçado a essa desumanidade duas vezes: o baterista Pedro Gil, morto em um acidente de carro em 1990, aos 19 anos, e Preta Gil, vítima de um câncer colorretal. Afilhada de Gal Costa e sobrinha de Caetano Veloso e Maria Bethânia, ela renunciou o canto por muito tempo, trabalhando como publicitária e produtora musical, até receber uma composição de Ana Carolina e estreitar, aos 29 anos, com *Sinais de Fogo*, o maior hit de sua carreira e faixa do álbum *Prêt-à-Porter*, de 2003. O disco acabou chamando mais atenção pela nudez da cantora na capa que pelas canções, alvo de ataques preconceituosos. Ela faria sucesso também como empresária de famosos, de presença marcante nas redes sociais. Preta morreu em 20 de julho, aos 50 anos.

OZZY OSBOURNE

compositor e cantor

Apelidado de “o príncipe das trevas”, o cantor britânico Ozzy Osbourne fundou em 1968 a banda Black Sabbath. A trupe ajudou a definir um estilo (de visual gótico e escuro) e um som (foram pioneiros do heavy metal). O grupo foi um dos que mais levou a sério o lema sexo, drogas e rock’n’roll, tendo Osbourne à frente de todos nas mais variadas formas de loucura. Expulso da banda e afundado no vício da cocaína, era dado como acabado, mas conseguiu se reerguer em uma bem-sucedida carreira solo. Mais velho, viraria estrela de reality show, fazendo paródia de si próprio. Morreu em 22 de julho, aos 76 anos.



MICK HUTSON/REDFERNS/GETTY IMAGES



CHRISTINA BOCALUVA/AG. O GLOBO

NANA CAYMMI

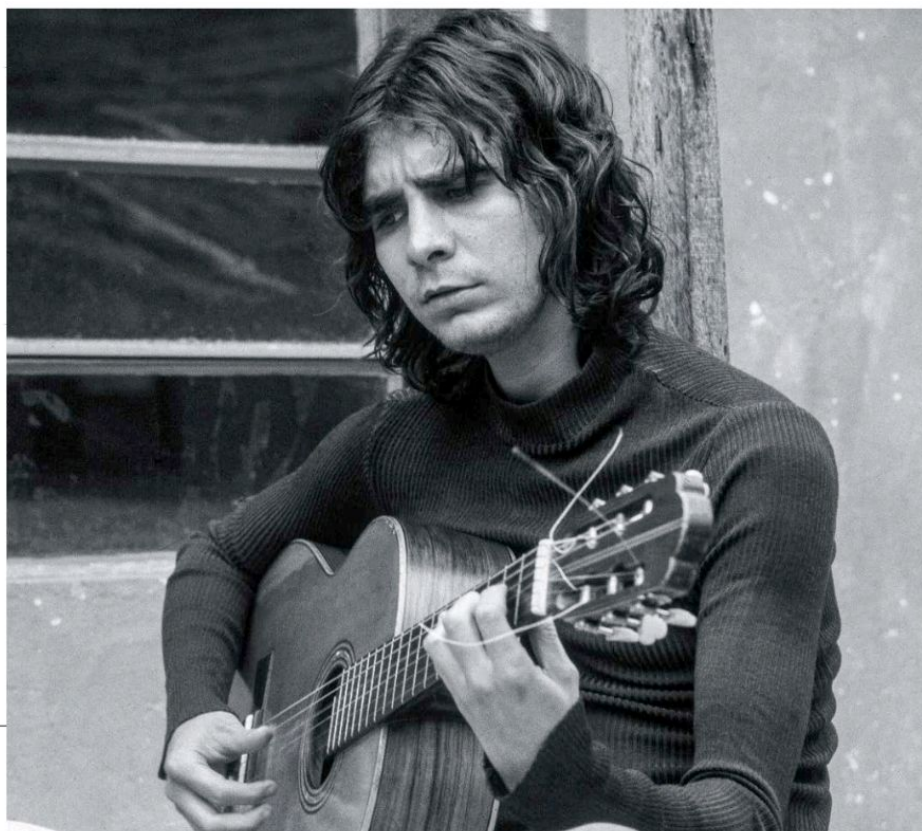
cantora

Não seria fácil para uma filha de Dorival Caymmi fazer da música um modo de vida, em decorrência das inevitáveis comparações. Contudo, Nana Caymmi, com apenas 19 anos, em 1960, mostrou que não viera ao mundo para brincadeiras. Ao lado do pai, gravou *Acalanto*, uma linda canção de ninar que a mãe, Stella, desistiu de registrar horas antes de entrar no estúdio. A imensa capacidade de criar gravações inesquecíveis, de evidente bom gosto marcado pelo vozeirão incomparável, era o contraponto a um jeito de ser um tanto severo, pleno de certezas, muitas vezes agressivo — mas que a arte ajudava a deixar em segundo plano. Morreu em 1º de maio, aos 84 anos.

LÔ BORGES

compositor e cantor

“Se eu morrer, não chore, não/ É só a lua/ É seu vestido cor de maravilha nua/ Ainda moro nesta mesma rua/ Como vai você?/ Você vem?/ Ou será que é tarde demais?” Os versos e o piano de *Um Girassol da Cor de Seu Cabelo*, do álbum *Clube da Esquina*, lançado em 1972 pela turma mineira de Milton Nascimento, não param de emocionar. Lô Borges, o tímido compositor da linda balada, misturava poesia com rock, jazz com bossa nova, na criação de obras-primas dos anos 1970 — e que ainda hoje ecoam como retrato de um tempo feito de sonhos, de busca de liberdade e democracia no Brasil ferido pela ditadura militar imposta de 1964 a 1985. Ele morreu em 2 de novembro, aos 73 anos.

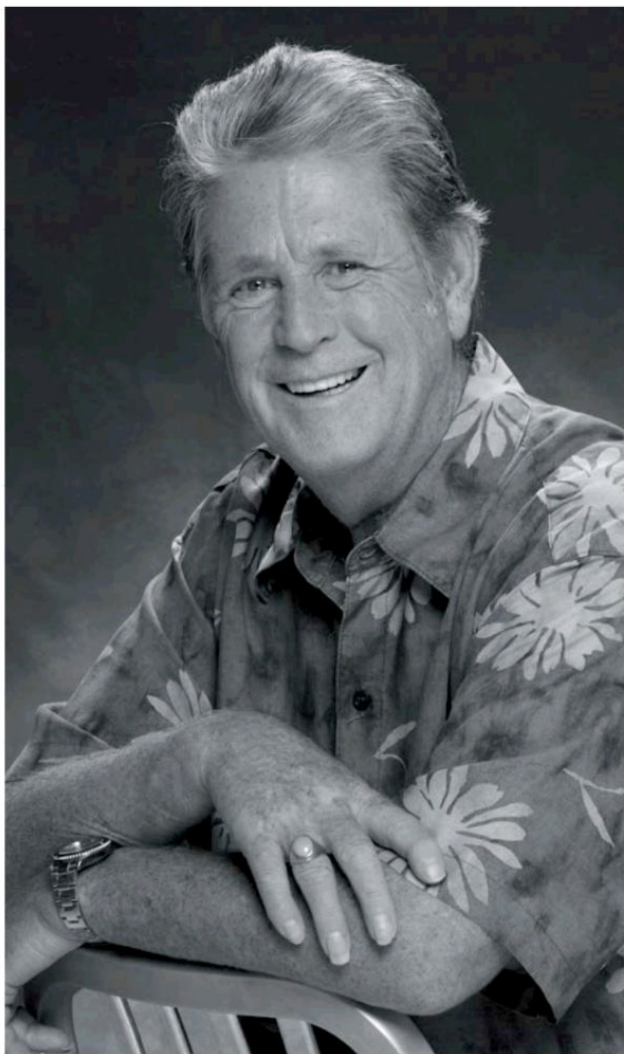


AUREMAR DE CASTRO

BRIAN WILSON

compositor e cantor

Em 1965, os californianos da banda The Beach Boys dominavam as paradas com canções bonitas, mas de letras pueris, que falavam sobre surfe, garotas e os dias de sol. Após uma viagem de LSD, o vocalista e compositor Brian Wilson ouviu o então recém-lançado álbum dos Beatles, *Rubber Soul* — e tudo mudou. O resultado: *Pet Sounds*, disco que à época foi um fracasso comercial, mas com o tempo se mostrou um dos geniais e influentes da história. Paul McCartney já declarou que, sem *Pet Sounds*, o disco *Sgt. Pepper's Lonely Hearts Club Band* jamais existiria. Bob Dylan chegou a dizer que o ouvido de Wilson era tão refinado que deveria “ser doado ao Smithsonian”. Ele morreu em 11 de junho, aos 82 anos.



HARRY LANGDON/GETTY IMAGES



GUSTAVO AZEREDO/EXTRA MAG. O GLOBO

ARLINDO CRUZ

sambista

Filho de um policial que gostava de samba e de uma dona de casa que cantava muito bem, Arlindo Cruz respirou música desde cedo e aos 6 anos já dedilhava o cavaquinho. Com mais de 700 canções gravadas, era celebrado por seus pares — e pelo público que o ouvia — pelas composições melodiosas, o tom aveludado de voz e, claro, o ritmo inigualável. Entre seus maiores sucessos estão canções como *Meu Lugar*, do álbum *Sambista Perfeito*, em que exalta seu bairro do coração, Madureira, além de clássicos como *Bagaço da Laranja* e *Camarão que Dorme a Onda Leva*. Morreu em 8 de agosto, aos 66 anos.

DISTÂNCIA IDEOLÓGICA

JOSÉ “PEPE” MUJICA

político

Presidente do Uruguai de 2010 a 2015, José “Pepe” Mujica era um ícone da esquerda latino-americana. Preso pela ditadura, ficou atrás das celas durante treze anos, de 1972 a 1985, sete dos quais isolado numa solitária, torturado, e longe dos livros, que tinha como melhores amigos. Com a retomada da democracia, trilharia um interessante caminho. De fala mansa Mujica se orgulhava de ostentar o título de dirigente mais pobre do mundo, o que supostamente lhe daria autoridade para cobrar dos mais ricos que fizessem mais pelos pobres. Na Presidência, nunca abandonou o estilo franciscano, vivendo num sítio e dirigindo um Fusca azul de modelo 1982. Do ponto de vista comportamental, avançou na legalização do aborto e na descriminalização da maconha. Morreu em 13 de maio, aos 89 anos.



RUBEN GIMENEZ/PACIFIC PRESS/GETTY IMAGES

JEAN-MARIE LE PEN

político

É possível que Jean-Marie Le Pen soasse hoje como um bufão. Em 1972, contudo, ele despontou na França, em postura xenófoba, racista e antissemita, de modo assustador. Mais assombroso ainda foi vê-lo levar seu partido, a Frente Nacional — hoje chamado de Reagrupamento Nacional, com a liderança da filha Marine, fingindo-se de decente —, a patamares inacreditáveis. Em 2002, Le Pen foi para o segundo turno da eleição presidencial, derrotado por Jacques Chirac. O tempo abrandava disparates, mas convém não esquecer as posturas do líder radical. “Não digo que as câmaras de gás não tenham existido, mas são um detalhe da Segunda Guerra”, rugiu. Morreu em 7 de janeiro, aos 96 anos.



JOEL SAGET/AFP



CBS/GETTY IMAGES

AO INFINITO E ALÉM

JANE GOODALL

primatóloga

Foi uma linda aventura de vida. Em julho de 1960, a primatóloga e ambientalista britânica Jane Goodall desembarcava pela primeira vez no Parque Nacional de Gombe, na Tanzânia. Desde a primeira incursão na selva, mergulhou a fundo no comportamento dos chimpanzés, tornando-se nos últimos 65 anos a principal referência mundial no estudo desses animais. Suas descobertas jogaram luz nas complexas relações sociais estabelecidas pelos macacos e ensinaram ao mundo haver menos diferenças entre homens e chimpanzés do que se imaginava. “Quando estudei em Cambridge, me falaram que só os humanos tinham personalidade. Por sorte, cresci com um cachorro e ele me ensinou o contrário”, disse às Páginas Amarelas de VEJA, em 2020. Goodall morreu em 1º de outubro, aos 91 anos.

JIM LOVELL

astronauta

Os três americanos da missão espacial Apollo 13, lançada em abril de 1970, foram ao espaço como astronautas e voltaram para a Terra como heróis. O plano de Jack Swigert (1931-1982), Fred Haise e Jim Lovell era pousar na Lua — a terceira vez de uma trupe dos EUA. Contudo, a explosão dos tanques de oxigênio do módulo de comando e serviço abortou a

operação, a 320 000 quilômetros de distância de nosso planeta azul. “Houston, tivemos um problema”, disse Swigert aos engenheiros da Nasa. O dramático retorno seria acompanhado por milhões de pessoas, em todo o mundo, pela televisão, e depois transformado em filme de sucesso. Tom Hanks interpretou Lovell, o calmo líder responsável pela volta, que estivera também na aventura da Apollo 8, de 1968. Foi ele quem, naquele 24 de dezembro, véspera de Natal, encerrou as transmissões lendo um trecho do Gênesis: “E Deus chamou à luz dia, e às trevas chamou noite”. Ele morreu em 7 de agosto, aos 97 anos.





FUNDHAM

NIÈDE GUIDON

antropóloga

A antropóloga Niède Guidon ajudou a mudar a narrativa corrente em torno da ocupação das Américas. A Teoria de Clóvis, tradicionalmente aceita, afirma que o homem chegou ao continente americano durante a época em que o Estreito de Bering esteve congelado, criando uma passagem entre a Sibéria e o Alasca, há cerca de 13 000 anos — as pesquisas de Niède apontam vestígios da presença humana no Piauí que datam de 60 000 anos ou mais, embora muitos tenham refutado sua conclusão. Ela assegurava que os indícios poderiam chegar a até 105 000 anos na Serra da Capivara, onde, aliás, ergueu um fabuloso e visitadíssimo parque para pesquisa e turismo. Morreu em 4 de junho, aos 92 anos.



ERIC LEGOUHY/GAMMA-RAPHO/GETTY IMAGES

ÉTIENNE-ÉMILE BAULIEU

bioquímico

Ele foi severamente criticado pela Igreja e pelos conservadores. O bioquímico francês Étienne-Émile Baulieu desenvolveu, no início dos anos 1980, o medicamento RU-486, a “pílula do aborto”. O remédio induz a interrupção da gravidez. A dose só pode ser tomada até no máximo dez semanas de gestação. A pílula neutraliza os efeitos da progesterona, hormônio que, durante o embarço, faz cessarem as contrações uterinas normais fora do período de gestação — e permite que o feto se desenvolva em paz dentro do útero. Sem a ação da progesterona, o processo de contração não para e o organismo expulsa o embrião. Morreu em 30 de maio, aos 98 anos.

JAMES WATSON

biólogo

Em 1953, os biólogos Francis Crick (1916-2004) e James Watson, de mãos dadas com Maurice Wilkins, reinventaram a vida. Eles propuseram o modelo da dupla hélice, uma estrutura em forma de escada retorcida que explicava como a informação genética é armazenada e replicada pela molécula das moléculas, o DNA. A descoberta rendeu-lhes o Nobel de Medicina de 1962. Porém, uma cientista crucial, que andou junto com o trio na aventura de laboratório, Rosalind Franklin, o quarto pilar da descoberta, morreu em 1958, tendo sido, portanto, aliada da láurea sueca. Watson passaria os derradeiros anos de vida no ostracismo, depois de comentários racistas. Morreu em 6 de novembro, aos 97 anos.





CHRISTOPHER PILLITZ/GETTY IMAGES

CRIADORES DE REALIDADES

MARIO VARGAS LLOSA

escritor

As páginas do peruano Mario Vargas Llosa, Nobel de Literatura de 2010, refletiam as dores e amores do cotidiano de mãos dadas com a pobreza ao redor e ridículos tiranos, combustível para uma coleção de obras-primas, a exemplo de *A Cidade e os Cachorros*, de 1963, romance de formação em torno de um colégio militar de Lima; *Conversa no Catedral*; *Tia Julia e o Escrevinhador*; *Pantaleão e as Visitadoras*; *A Guerra do Fim do Mundo*; e *A Festa do Bode*.

Depois de tanta invenção, houve um momento em que decidiu voltar ao chão do cotidiano e ingressou na política. Em 1990, candidatou-se à Presidência do Peru com uma pauta liberal e conservadora, no avesso das ideias da juventude, de apoio a Fidel Castro e Cuba. Morreu em 13 de abril, aos 89 anos.

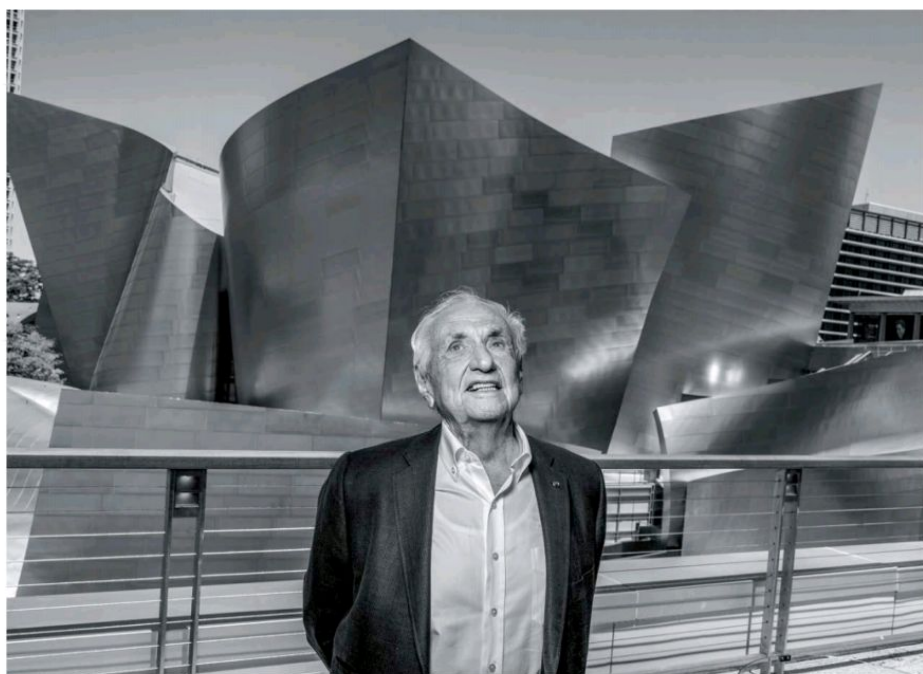
FREDERICK FORSYTH

escritor

É lugar-comum dizer que a arte imita a vida, mas é expressão óbvia porque é assim que funciona, muitas vezes. O correspondente de guerra britânico Frederick Forsyth fez de sua experiência jornalística durante os anos 1960, especialmente na Nigéria, embebida de espionagem, o pano de fundo para alguns dos mais populares e precisos livros de suspense histórico, em aventuras sem fronteiras. É dele o mercurial *O Dia do Chacal*, publicado em 1971 e depois transformado em filme, em torno de uma tentativa de assassinato do presidente francês Charles de Gaulle, em 1963. São dele também *O Dossiê de Odessa*, de 1972, e *Cães de Guerra*, de 1974. Forsyth escreveu mais de 25 livros que, juntos, venderam mais de 75 milhões de exemplares em todo o mundo. Ele morreu em 9 de junho, aos 86 anos.



ULF ANDERSEN/AURIMAGES/IFP

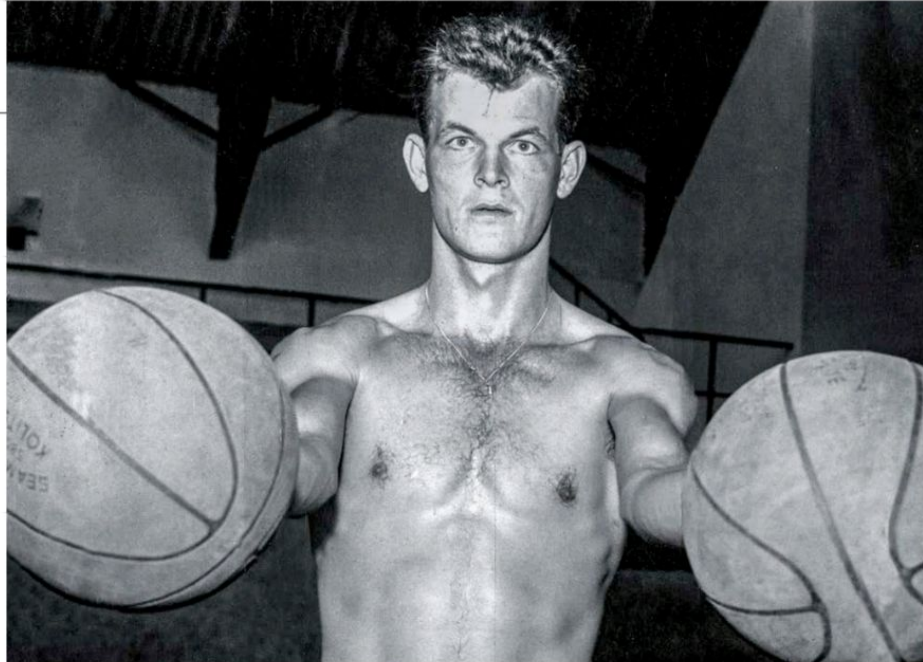


JAY L. CLENDENIN/L.A. TIMES/GETTY IMAGES

FRANK GEHRY

arquiteto

O canadense radicado nos Estados Unidos Frank Gehry fez da arquitetura uma prodigiosa brincadeira urbana. Ao dobrar o metal como quem fazia origamis com folhas de papel, ele ergueu em Bilbao, no País Basco, no norte da Espanha, um dos mais festejados edifícios de nosso tempo, o Museu Guggenheim, inaugurado em 1997. Coberto por superfícies de titânio curvadas em vários pontos, que lembram escamas de um peixe, do ponto de vista do Rio Nervión tem o desenho de um navio atracado no cais. São dele ainda a sede da Filarmônica de Los Angeles e o Walt Disney Concert Hall, também na capital do cinema; e a Fundação Louis Vuitton, em Paris. Morreu em 5 de dezembro, aos 96 anos.



WILSON SANTOS/FOLHAPRESS

O JOGO DA GLÓRIA

WLAMIR MARQUES

basquetebolista

Não por acaso, dados os infinitos recursos, ele era conhecido no basquete como o “diabo loiro”. Wlamir Marques, ídolo do Corinthians e da seleção, vestia a camisa 5, mas era capaz de atuar em qualquer posição em quadra, como pivô, ala e armador. Foi um dos protagonistas do Brasil bicampeão mundial, em 1959 e 1963, e medalhista de bronze nas Olimpíadas de Roma, em 1960, e Tóquio, em 1964. Membro do Hall da Fama internacional, celebrado nos Estados Unidos e na Europa, Wlamir tem um busto na sede da equipe alvinegra, o Parque São Jorge, aplaudido como um dos mais queridos jogadores de futebol, a exemplo de Neco e Zé Maria. Morreu em 18 de março, aos 87 anos.

GEORGE FOREMAN

lutador de boxe

Foi um tempo glorioso, quando as lutas de boxe entre pesos -pesados americanos eram tão indissociáveis da cultura dos Estados Unidos quanto a Guerra do Vietnã. Muhammad Ali, Joe Frazier e George Foreman, numa combinação de combates entre eles, tiravam o fôlego do mundo, em transmissões pela televisão de audiência recorde. Cada um deles tinha uma ima-

gem atrelada à figura pública: Ali era o herói das causas civis e contra o racismo, uma espécie de Malcom X de luvas; Frazier, que ficou com o título surrupiado de Ali quando este se recusou a servir o Exército, era o “Pai Tomás”, referência a *A Cabana do Pai Tomás*, livro sobre o escravagismo, como se ele fosse subserviente aos brancos (não era); Foreman era o gigante invencível, uma massa de músculos de 1,92 metro. Morreu em 21 de março, aos 76 anos.

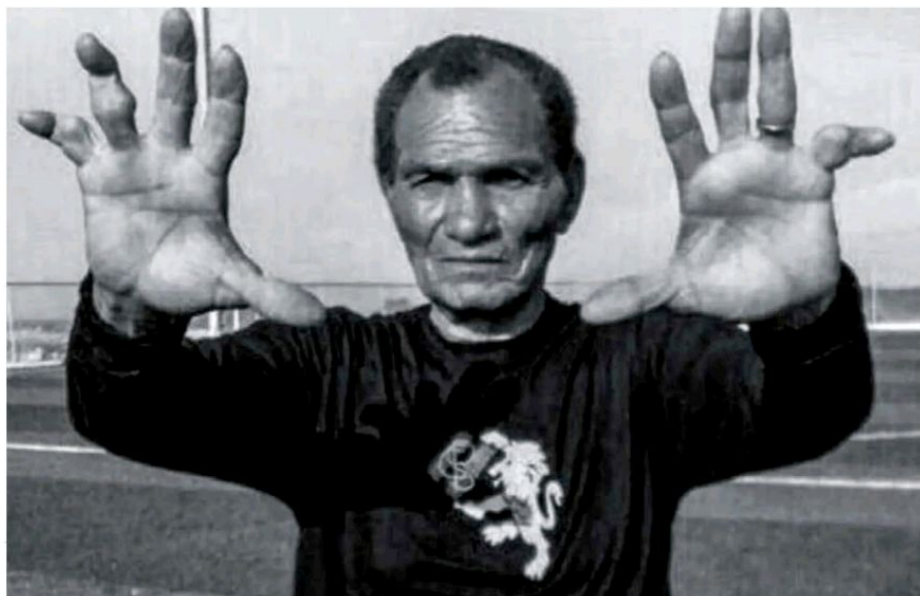


UPI/BETT MANN ARCHIVE/GETTY IMAGES

MANGA

goleiro de futebol

Ele não usava luvas, por achá-las incômodas. Os dedos tortos eram a marca registrada do goleiro pernambucano Manga, um dos grandes ídolos do Botafogo, time pelo qual conquistou os bicampeonatos carioca de 1961 e 1962 e de 1967 e 1968. Era a garantia debaixo do travessão de uma equipe de ataque fenomenal, com Garrincha, Quarentinha, Amarildo e Zagallo. Nos anos 1970, brilhou também pelo Internacional de Falcão e Cia., bicampeão brasileiro de 1975 e 1976. Fora do Brasil, atuou pelo Nacional do Uruguai, campeão da Libertadores de 1971. Na seleção, contudo, teve passagem apagada — titular da Copa do Mundo de 1966, na qual a canarinho foi eliminada ainda na fase de grupos, falhou nos três gols na derrota por 3 a 1 para Portugal de Eusébio. Morreu em 8 de abril, aos 87 anos. ■



SCRIPRIVILGACAO



IMPASSES DE 2026

FOI NO VERÃO de 2003. Ao tomar posse no Congresso Nacional, Lula retratou um Brasil que por cinco séculos cresceu, enriqueceu, mas não redistribuiu renda e ingressava no novo milênio com uma “deterioração dos laços sociais” — na opinião dele, resultado da ineficácia das políticas econômicas dos antecessores civis na Presidência (José Sarney, Fernando Collor, Itamar Franco e Fernando Henrique Cardoso). Criticou o legado de um país sem crescimento, com “uma nuvem ameaçadora ao padrão tolerante da cultura nacional”.

Lá se foram vinte e dois anos. Em metade deles foi Lula quem gerenciou o crescimento, na média anual de 3,5% do produto interno bruto (PIB). É improvável que ultrapasse esse patamar nos doze meses de mandato que lhe restam. É nível inferior à expansão da economia com Sarney (4,5%) e Itamar (5%). Supera o valor médio de Fernando Henrique (2,4%), Dilma Rousseff (1,2%), Michel Temer (0,06%) e Jair Bolsonaro (1,4%).

A tática da veneração à personalidade do líder combinada à eficiência da sua milionária máquina eleitoral fez do Partido dos Trabalhadores o mais longo no poder neste início do século XXI. Ganhou cinco das seis eleições

presidenciais no período e, agora, se mobiliza para ampará-lo na sua última batalha nas urnas. Se eleito em outubro, governaria até os 85 anos de idade. Seu adversário mais recente, Jair Bolsonaro, está condenado a ficar fora do jogo eleitoral até o aniversário de 105 anos — se a biologia permitir. Ambos encarnam o fim de um ciclo de políticos nascidos depois da Segunda Guerra Mundial que, na diversidade ideológica, escreveram a história da redemocratização do país a partir dos anos 1980.

Esse Brasil moderno está com o retrato desbotado porque continua a ser o mais antigo país do futuro. Aprisionado na baixa renda, chega a 2026 patinando e com perdas inestimáveis. Caso exemplar é o da telefonia 5G. Governo e empresas privadas investiram na montagem dessa rede de conexão rápida, estável e veloz em dois terços do território nacional. A modernidade, porém, é inalcançável para ampla maioria (75%) dos consumidores. Eles não têm renda suficiente para comprar telefones celulares compatíveis com essa tecnologia.

O país pagou caro por uma nova e fundamental base tecnológica, mas não pode usá-la plenamente por causa da insuficiência de renda da população. Uma das ironias embutidas nessa história é que, em tese, a transição para a economia digital ajudaria a reduzir o custo do Estado brasileiro, hoje financiado por uma das maiores cargas tributárias do planeta (34% a 38% do PIB, dependendo do critério de cálculo).

“Preso na baixa renda, o Brasil é moderno com retrato desbotado: ainda é o antigo país do futuro”

Sem relevância no mapa-múndi da pesquisa, desenvolvimento e inovação tecnológica, o Brasil se mantém com a economia fechada, em contínua desindustrialização, cada vez mais dependente das exportações de produtos primários e com oferta crescente de empregos pouco qualificados.

Esse mosaico de fiascos políticos tende a balizar a campanha de 2026, indicam as mais recentes pesquisas eleitorais, entre elas as da Quaest, Datafolha e AtlasIntel/Bloomberg. As expectativas dos eleitores são proporcionais à frustração coletiva e, basicamente, podem ser resumidas assim:

- 1) Transparece esperança em compromissos dos candidatos aos governos federal e estaduais sobre políticas de segurança pública para queda real nos índices de criminalidade, com efeitos perceptíveis na redução da violência urbana;
- 2) Mantém-se a crença na possibilidade de aumento real na renda das famílias, altamente endividadadas, se o crescimento

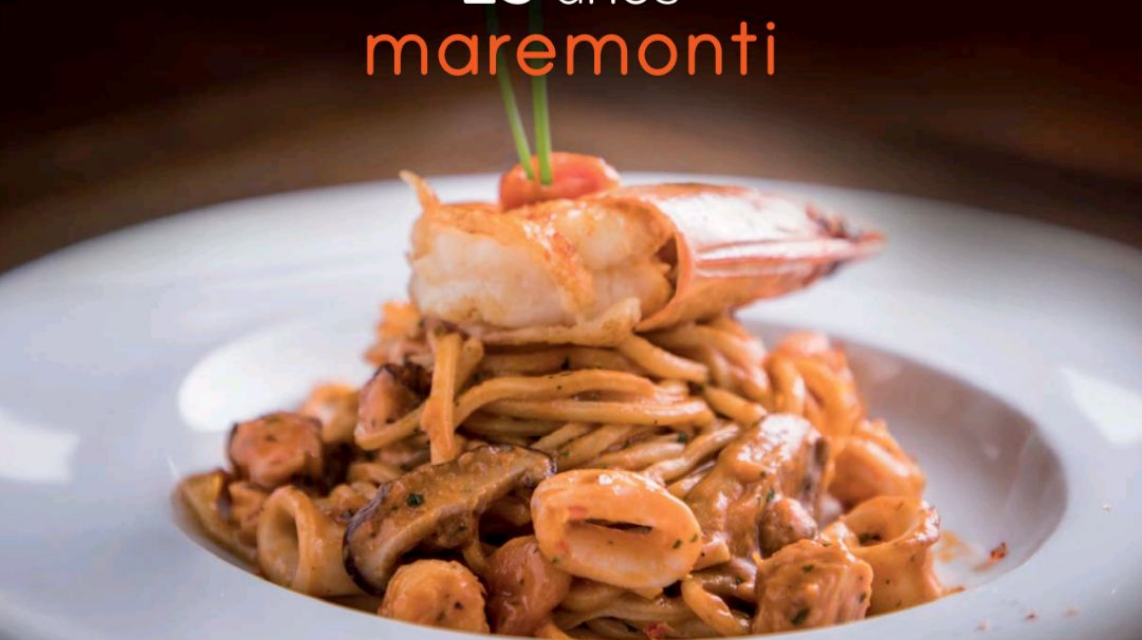
econômico for alavancado por inflação e juros menores, o que contribuiria para resolução ou mitigação dos problemas sociais visíveis nas ruas das cidades.

A campanha de 2026 parece mais difícil porque o efeito eleitoral dos programas sociais já não seria suficiente para decidir uma disputa presidencial como antes. Bolsa Família e similares continuam relevantes, mas agora são considerados direito adquirido e obrigação de qualquer governo.

Além disso, partidos e candidatos se acomodaram com a precária vitrine de ofertas eleitorais. A dez meses da eleição, por exemplo, ninguém sabe ou viu projeto do governo Lula ou da oposição sobre a insegurança pública no topo das preocupações do eleitorado. Não há, também, sequer esboço de proposta consistente para resgatar o país do ciclo de estagnação que completa quatro décadas. Nem há debate ou definição sobre o que o Brasil quer — e pode ousar — no novo mundo, estando no centro da disputa entre Estados Unidos e China por influência na América Latina. ■



25 anos
maremonti



Alphaville | Campinas | Campo Belo | Goiânia | Jundiaí | Ribeirão Preto
Riviera | São Caetano | São José do Rio Preto | Vila Olímpia

maremonti.com.br | [@maremonti_](https://www.instagram.com/maremonti_)

Tá VALEANDO

**Novas regras para
o vale-alimentação
e refeição.**

**Tá sabendo
da última?**

Saiu o decreto
do **Governo Federal**
que regula o
vale-alimentação
e refeição. Com taxas
menores e repasse
em até 15 dias,
a concorrência fica
mais justa e seu vale
será aceito em muito
mais lugares.



**Acesse o QR Code
e saiba mais**

 **ABRAS** ASSOCIAÇÃO
BRASILEIRA DE
SUPERMERCADOS

